



CASA
SANTA RITA

(SANTA) RITA DE CÁSSIA NA BOCA DO POVO DE SANTA CRUZ – RN

IDENTIDADES CULTURAIS EM CONSTRUÇÃO



MAGDA RENATA MARQUES DINIZ

MAGDA RENATA MARQUES DINIZ

**(SANTA) RITA DE CÁSSIA NA
BOCA DO POVO DE SANTA CRUZ – RN**

IDENTIDADES CULTURAIS EM CONSTRUÇÃO



Natal, 2016

Dedico este livro a minha família, pela torcida solidária desde sempre, e aos moradores santa-cruzeses, com toda consideração, apreço e gratidão, por terem aberto suas casas, informações e histórias para conversar com uma “estranha” sobre a presença de Santa Rita de Cássia em suas vidas.

Sumário

APRESENTAÇÃO	6
CAP. 1 — ENSAIOS INICIAIS	9
CAP. 2 — SANTA RITA DE CÁSSIA NA CIDADE DE SANTA CRUZ: PRÁTICAS CULTURAIS EM MOVIMENTO	19
Panorâmica histórica	19
Panorâmica climática.....	23
Panorâmica econômica	25
Panorâmica sociorreligiosa.....	27
Focalizando o culto ritiano: do “vulto” à estátua colossal....	40
Síntese parcial.....	43
CAP. 3 — EM BUSCA DAS IDENTIDADES CULTURAIS DE SANTA RITA DE CÁSSIA	47
Relatando uma pesquisa-piloto	47
Sujeitos fotografados.....	50
E por falar em linguagem, sujeitos e tudo mais	57
Cenário escolhido para os flashes ritianos	69
Seleção da lente adequada	75
Paradigma investigativo qualitativo	79
Instrumentos de trabalho	80
Identidade cultural: “a menina dos meus olhos”.....	81
CAP. 4 — <i>FLASHES</i> RITIANOS: DIÁLOGOS ENTRE AS NARRATIVAS	95
Primeiro <i>flash</i>	99
Segundo <i>flash</i>	108
Terceiro <i>flash</i>	114

Quarto <i>flash</i>	118
Quinto <i>flash</i>	124
Síntese geral	129

CAP. 5 — QUANDO ACABA O ENSAIO, COMEÇA TUDO

OUTRA VEZ?	133
-------------------------	------------

REFERÊNCIAS	138
--------------------------	------------

ANEXOS	155
---------------------	------------

APÊNDICE	178
-----------------------	------------

APRESENTAÇÃO

*Fizeram-me gente e me deram um nome...
ou foi o contrário?*

Quando li este estudo pela primeira vez, encantou-me o olhar perspicaz e atento que a autora lançava para a constituição histórico-discursiva da cidade de Santa Cruz/RN e de seus habitantes. Com ele, a autora empreendia, ao mesmo tempo, aprofundamento e leveza de pensamento sobre os temas apresentados que se entrelaçavam. Com a ação de escuta e de tessitura de uma cidade, de seus valores, de sua história, de sua gente, Magda Diniz tece também outros significados e conduz seu estudo como quem produz uma rede, uma bela rede nordestinal!

Podemos acompanhar, portanto, ao longo de sua escrita e através dos relatos de moradores/as desta cidade turística, mais do que a reconstrução de sentidos em relação às constituições identitárias culturais da mulher Rita de Cássia e da Santa Rita de Cássia, mesmo sendo esse um grande objetivo, não é só com ele que a autora nos revela, em prosa, um estado de poesia, estabelecido nas entrelinhas das concepções de mundo.

Sendo assim, embasada no conceito de identidade cultural proposto por Hall, e nas categorias teóricas de sujeito, linguagem e interação bakhtinianas, seu estudo dialoga com diversos objetivos de leitura e pode responder a diferentes interesses. Essa viagem leitora pode se dar desde com o propósito de aprofundamento sobre um saber acadêmico até com o de busca do entendimento ético-prático sobre nossa sociedade, nossa gente brasileira, enfim, sobre nós mesmos/as.

Falando nisso, é impossível não lembrar que na primeira vez que participei como interlocutora deste trabalho, na defesa de dissertação da autora, senti-me refletindo sobre minha própria identidade *ritiana*, afinal, eu sou uma Rita e trago na minha história elementos contextuais identitários bem próximos dos que aqui serão apresentados. Meu nome, por exemplo, havia sido uma escolha motivada pela crença de minha mãe na Santa e, em alguns momentos, como percebi surpresa ao longo da leitura, esse nomear me acompanhava nas ações e no viver e poderia me impulsionar a novas percepções de minha vida. E é isso que a escrita de Magda Diniz faz conosco: ela nos faz rever sentidos, desnaturalizar discursos e deslocar “verdades”... Esse é o grande feito deste livro, afinal de contas olhar de novo e de novo é algo não tão fácil de se fazer em nossa rotina contemporânea perversa. O intercruzamento de olhares, aliás, é o processo fundamental de troca neste trabalho, pois não saímos indiferentes à complexa rede de sentidos tecida.

Assim, com o segundo convite para revisitar o estudo e agora honrada por apresentá-lo com uma nova roupagem e objetivo, me encontrei, como Rita, refletindo sobre a importância de trabalhos que não só trazem à discussão os grandes acontecimentos históricos sociais, mas principalmente aqueles que, como este, capturam as vivências cotidianas de nosso povo, como pequenos acontecimentos que se fazem singulares e extremamente valiosos na busca de uma sociedade que reflete sobre si mesma, com o objetivo de estabelecer convivências mais humanizadas e respeitadas, de entender cada vez mais a importância de olhar com o olhar de “estranheza”, como a autora bem diz, mas também de reconhecimento, como ela bem faz.

Desse modo, e ao mesmo tempo, a autora nos impulsiona a adentrarmos no estudo atento e cuidadoso que tem como pressuposto básico o entendimento de que o discurso constitui e é constituído nas interações dialógicas, no mundo vivenciado pelos sujeitos não objetificados. O mundo empreendido pela obra nos aguça, assim, importantes sentidos

durante sua leitura: “Escutamos” a cidade e o que ela nos relata de sua vida cotidiana, de suas tradições, de seus *causos* e, por vezes, de sua devoção. “Visualizamos” a cidade através de amostras fotográficas que vão delineando seu corpo citadino. “Sentimos” a força da cidade e de seus habitantes na produção exotópica dos acontecimentos relatados.

Sem ser por fim, a produção dessa temática sociológica que envolve a relação linguagem e construção de identidades culturais atribuídas àquela que está presente nas raízes históricas dos/as moradores/as que ali vivem, (Santa) Rita de Cássia, é conduzida pela escuta interessada da pesquisadora e autora deste grande livro-poesia. Sua vigorosa escrita nos revela, antes de tudo, feixes de luz que refletem (e refratam) diferentes nuances do que pareciam “comum” e trivial a uma primeira vista, mas que, concomitantemente, se fortalecem e se tornam monumento, como aquele de Santa Rita na cidade de Santa Cruz.

Rita de Cássia Souto Maior



O passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espaçial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes.

Antony Giddens

CAPÍTULO 1

ENSAIOS INICIAIS

Em meio ao presente cenário de produção textual, trazemos a proposta para visualizarmos as identidades culturais de (Santa) Rita de Cássia através da metáfora de uma grande fotografia, utilizando-se de técnicas, lentes, focos direcionados para estudarmos a linguagem, sobremaneira, quando a entendemos como fenômeno social de interação. Nessa perspectiva, a partir de já começaremos a falar sobre os vários contornos e preenchimentos que compõem a imagem fotografada.

SANTA CRUZ é um município do nordeste brasileiro, localizado na Mesorregião Agreste Potiguar, com 36 mil habitantes aproximadamente, distribuídos em uma área de 624 km² (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2002), que dista 111 km da capital, Natal, e assume uma característica de ser uma cidade-passageira para o interior do estado norte-rio-grandense, pela Rodovia BR-226.

Uma estátua¹ que estava sendo erguida em setembro de 2009 sobre o Monte Carmelo² – um ponto geograficamente estratégico no

1 A estátua de Santa Rita de Cássia mede 56m de altura, sendo 42m de corpo, em concreto e ferro, e 8m de resplendor, em aço. Tudo sobre uma base (pedestal) de 6m. Em 2013, é tida como a maior estátua católica do mundo, mas quando comparada à Estátua da Liberdade em Nova York, Estados Unidos, que não é católica, classifica-se como a segunda maior do mundo.

2 Propriedade pertencente à Paróquia de Santa Cruz. O referido monte foi atribuído, inicialmente, à Nossa Senhora do Carmo e a Santa Rita de Cássia. Esta obra representou investimentos da ordem de seis milhões, sendo os recursos compartilhados com os governos municipal, estadual e federal (PREFEITURA DE SANTA CRUZ, 2012). Isso diz o quanto o poder público se empenhou em fazer de Santa Cruz uma cidade com expressão nacional e internacional na justificativa do apreço dos santa-cruzenses para com a Santa, desde sua fundação. Frisamos também que Rita de Cássia é Padroeira do município desde 1931.

município de Santa Cruz (Figura 1), Estado do Rio Grande do Norte (RN) –, chamou imediatamente minha atenção quando fui trabalhar nessa cidade, em função de ter sido aprovada em um concurso público para professora³. Naquele momento, por ser uma obra de grande expressão em uma cidade de pequeno porte, toda a atenção voltava-se para a estátua. As conversas corriqueiras estavam envolvidas direta ou indiretamente com a figura de Santa Rita de Cássia⁴.



FONTE: ABREU (2006).

Figura 1

Localização geográfica do município de Santa Cruz

Observando o evento com um “olhar de estranheza”, isto é, de não santa-cruzense, para “aquela mulher” que estava sendo esculpida e se destacando como a maior estátua católica do mundo – pois não conhecíamos particularidades da cidade nem tínhamos ouvido falar mais detalhes sobre Santa Rita até então –, tivemos a curiosidade de perguntar quem era essa Santa a várias pessoas do local. Umas respondiam de forma breve e em tom “decorado” que era a *Santa das causas impossíveis*. Algumas traziam relatos de dimensão testemunhal, como se Santa Rita de Cássia estivesse ali, muito próxima, viva, “contornando

3 Desde 2009, integro o Grupo de Estudos em Linguagem, Memória, Identidade e Território (GELMIT), o qual desenvolve, dentre suas atividades, projetos onde a escola está localizada, envolvendo diretamente as disciplinas de Língua Portuguesa, Geografia, História, Artes e Filosofia.

4 O projeto na íntegra está reproduzido na dissertação: DINIZ, Magda Renata Marques. (Santa) Rita de Cássia na boca do povo de Santa Cruz/RN: identidades culturais em construção. 2013. 154f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/19466>>. Acesso em: 10 out. 2016.

as situações do dia a dia”. Outras diziam que Santa Rita de Cássia era um modelo exemplar de mulher. Enfim, a partir de várias respostas, continuamos insistindo em identificar quem seria “essa mulher”. Em tom de conversa, de maneira informal, persistia com outras pessoas da cidade, conferindo essa relação de convivência entre o morador e a história de vida ritiana.

Além disso, outra característica que me despertou interesse foi o número de alunas chamadas Rita de Cássia em meu diário escolar. Sobre esse aspecto, em 2012, visitei dois cartórios e a secretaria da Paróquia de Santa Rita de Cássia e pude verificar que realmente há uma quantidade significativa do nome Rita nos livros de registro batismal. A título de exemplo, no livro de batismo de nº 14, datado de sete de abril de 1900 a 21 de agosto de 1901, 24 mulheres chamam-se Rita. Já no de nº 60, datado de 16 de julho de 1960 a 12 de março de 1961, 45 mulheres chamam-se Rita de Cássia ou Rita. No livro nº 76, datado de 25 de dezembro de 1969 a 27 de setembro de 1970, há 32 nomes de mulheres registrados, dentre os quais: Rita de Cássia, em maioria, seguidos de Rita, Rita de Fátima e Rita Maria. Ressalta-se que, no mesmo dia 11 de abril de 1970, quatro pessoas chamadas Rita foram batizadas e outras três no dia 27 de dezembro de 1969.

Essas informações particulares – conversar com os moradores que contavam entusiasticamente sobre quem era Rita de Cássia e divisar uma quantidade significativa de mulheres nomeadas de Rita na cidade, inclusive minhas alunas –, ganharam ainda mais relevo no momento que eu cursava a disciplina de mestrado *Práticas discursivas e subjetividade*, como aluna especial, e tive acesso à dissertação de Miotello (1996), na qual o pesquisador apresenta os posicionamentos de sujeitos frente ao mito amazônico chamado *Cobra*

Norato⁵ cuja lenda é narrada em diferentes versões na região da Amazônia.

Com base nas discussões oportunizadas na disciplina *Práticas discursivas e subjetividade* e lidando diariamente com o campo de pesquisa, a área urbana de Santa Cruz, um anteprojeto foi organizado. Inclusive, quando nos referimos a alteridades, pois elas “oferecem espaços e tempos de outras aprendizagens, ‘des-estabilizando’ nossas compreensões e mostrando que tudo poderia ser diferente do que é” (GERALDI, 2004, p. 233, grifo do autor), estamos considerando que o outro nos é essencial.

Inicialmente, o objeto de análise pensado para este estudo consistia em encontrar diferentes versões para a história de Rita de Cássia. Em função disso, sistematizamos uma sondagem cuja nomeação foi atribuída de pesquisa-piloto, a fim de tanto verificar a popularidade dessa Santa na cidade como ensejar as histórias sobre ela.

Antes de prosseguir com estes *ensaios iniciais*, três considerações são necessárias. A primeira delas é quanto ao uso de parênteses diante da palavra *Santa* logo no título como também no decorrer deste livro. Isso se justifica, propositalmente, pela busca do duplo entendimento em relação à mulher Rita de Cássia e a Santa Rita. A partir de então, usaremos essa palavra com o “S” maiúsculo quando nos referirmos, especificamente, a Santa Rita de Cássia.

A segunda diz respeito aos termos *devotos*, *romeiros*, *fiéis* ou congêneres, os quais serão usados à medida que sejam trazidos por outras pesquisas, pois seus autores dessa forma se expressaram.

5 Nessa pesquisa, três perspectivas são evidenciadas pelas análises das narrativas: a dos ribeirinhos, em que os elementos composicionais remetem à natureza, concebida imóvel e disposta a castigar a quem a desorganizasse; a dos pescadores, em que Cobra Norato auxiliava o trabalhador, desenganchando tarrafas e amenizando a solidão; e a perspectiva do narrador do mercado, ex-seringueiro, urbanizado e evangélico, em que os marcadores discursivos trazem a ética familiar, religiosa e rígida, impondo Cobra Norato às obrigações filiais tais como cuidar da mãe até o último dia de vida, sustentando-a, para assim poder retornar de cobra à forma humana (MIOTELLO, 1996).

Reportando-nos aos entrevistados santa-cruzenses, sempre faremos menção a moradores, os quais foram os responsáveis diretos pelas primeiras conversas, curiosidades e investidas sobre “quem é essa Santa” para esta pesquisa.

A terceira e última consideração é com relação ao adjetivo pátrio santa-cruzense, ao qual aludimos que será sempre o município de Santa Cruz, localizado no estado do Rio Grande do Norte, visto que há uma dezena de municípios brasileiros igualmente chamados de Santa Cruz.

Feitas as considerações acerca do contexto de pesquisa, delimitamos nosso objeto de estudo como sendo a construção das identidades culturais de Santa Rita de Cássia, embasado no conceito de identidade cultural proposto por Hall (1996, 2003a, 2006), na perspectiva das histórias contadas pela “boca do povo”⁶ de Santa Cruz. Assim, respaldamo-nos no campo da Linguística Aplicada (LA), em uma perspectiva de pesquisa interpretativista, em que o foco está no processo do uso da linguagem (MOITA LOPES, 1996), a fim de entendermos melhor como são valoradas as identidades culturais para a mulher e para a Santa Rita de Cássia.

Por intermédio do pensamento contemporâneo de uma LA *indisciplinar* (MOITA LOPES, 2008, 2009a) em conjunto com o pensamento das Ciências Sociais e Humanas, as discussões que envolvem a relação linguagem e construção de identidades estão bem evidentes atualmente, por se tratar de um assunto imprescindível para a compreensão de temáticas sociológicas do final do século XX. Além disso, a temática das identidades vem sendo constituída, historicamente, como recorrente nas reflexões filosóficas, sociológicas e antropológicas, sobremaneira, quando se tem como foco os tempos de crise.

6 Tomamos a expressão “boca do povo” como sinônimo de “boca a boca”, como sendo algo “transmitido ou difundido oralmente de uma pessoa para a outra”; jamais no sentido de “cair na boca do povo”, como sendo “alvo de maledicência” (FERREIRA, 2009, s.p.).

Em sintonia com esse ponto de vista, ancoramo-nos em Bakhtin (2010b)⁷, que entende a linguagem como representação do pensamento, como acontecimento, como algo concreto, no âmbito do evento singular, diante de sujeitos posicionados em uma determinada situação enunciativa e com valores sociais imbricados no contexto.

É importante destacar que não temos o interesse de fazer uma análise da hagiografia⁸ ritiana ou de quantificar as pessoas na cidade que sabem sobre sua história, ou mesmo seu processo de beatificação e canonização, mas objetivamos apresentar as possíveis identidades culturais atribuídas a Santa Rita de Cássia por meio de circunstâncias enunciativas de moradores de Santa Cruz e estabelecer relações dialógicas entre os discursos atribuídos a Santa.

Para alcançarmos os objetivos propostos neste estudo, a partir das diferentes circunstâncias enunciativas, buscaremos responder a estas duas perguntas de pesquisa: *quais são as identidades culturais atribuídas a Santa Rita de Cássia?* e *quais as relações dialógicas entre esses discursos?*

Independentemente do lugar onde se esteja em Santa Cruz, dificilmente, não se veja a estátua e, por sua vez, não se consiga estabelecer uma relação com a história de Rita de Cássia. Assim, a relevância desta pesquisa para o município de Santa Cruz dá-se pelo resgate cultural de uma história contada de pai para filho há mais de 180 anos, favorecendo a memória e a tradição do lugar para os moradores que ali vivem, os quais ressignificam a vida da Santa com ensinamentos éticos e morais, pontuando-a com valores tanto para eles mesmos, em suas vidas diariamente, quanto para a sociedade. O tema Santa Rita transpõe, desse modo, para o campo religioso. Hoje em dia, isso também

7 Seguindo o padrão da ABNT, descrevemos as referências bibliográficas de acordo com a edição do livro a que tivemos acesso, tais como as obras de Bezerra e Bakhtin.

8 Tomamos a acepção dessa palavra como sendo “biografia de santo” e “escrito acerca dos santos” (FERREIRA, 2009, s.p.). A hagiografia de Rita de Cássia encontra-se no Apêndice A deste livro.

corresponde a falar da economia do município, do estado e do país no que concerne ao turismo religioso.

Assim, o presente estudo nos permitiu conhecer melhor a relação entre a cidade e a Santa, uma vez que pudemos evidenciar, a partir de idas a campo e observações, que a maioria das pessoas entrevistadas e com quem tivemos a oportunidade de conversar, independente de serem cristãos ou não, estão direta ou indiretamente relacionando-se com o tema ritiano.

Permitiu também conhecermos uma estratégia de se lidar com uma realidade a partir da história de vida da mulher chamada Margherita Lotti, que viveu entre os anos de 1381 e 1457 na cidade de Cássia, Itália, gerando o popular nome Rita de Cássia. Após sua canonização, atualmente, é considerada como a quinta santa católica a possuir mais devotos em todo o mundo. Ademais, entendermos os posicionamentos dos sujeitos é uma forma de as dificuldades tornarem-se menos árduas para alguns moradores do lugar, visto que as identidades culturais de Santa Rita são valoradas pelos santa-cruzenses.

Permitiu ainda recuperar a contação de histórias, tendo em vista que a maioria dos sujeitos entrevistados afirmou que quem narrava primeiramente a história de Santa Rita de Cássia era um ente do meio familiar. Em geral, esse contador era alguém mais velho e uma espécie de cuidador de quem ouvia a história. Isso nos leva a observar que a maneira como essa pessoa contava tal história influenciava seus ouvintes, pois o centro das atenções passava a ser o narrador, tendo o relato um sabor diferente por se tratar de um contador conhecido, que tinha liames com quem escutava.

Vale a ressalva de que em tempos pós-modernos o escutar vem sendo trocado por outros canais de comunicação e permitindo até o desaparecimento desta interação: de pessoas contarem histórias, sejam causos, sejam contos, sejam fábulas. Articulado a isso está o processo de globalização que trouxe canais bem sofisticados, inibindo

a característica de escutar, que é muito comum nos lugares onde os aparelhos eletroeletrônicos não têm tantos espaços.

No que se refere à metodologia aplicada a este estudo, nossa investigação é de natureza interpretativista e ancora-se nos parâmetros da pesquisa qualitativa envolvendo conhecimentos históricos, antropológicos e sociais.

A construção do *corpus* deu-se por observação, questionário e entrevistas semiestruturadas. As entrevistas, cuja pergunta tida como principal é *Conte, para mim, quem é Santa Rita de Cássia*, foram transcritas formando o que chamamos de narrativas. Para a análise, selecionamos dez narrativas, notificando tanto as escolhas linguísticas quanto os discursos como elementos constitutivos dos indícios identitários. Nesse sentido, buscamos “ouvir” as vozes presentes nos ditos e nos não ditos dos enunciados dos moradores, na tentativa de compreender e interpretar os sentidos produzidos por eles, para assim pesquisarmos as identidades culturais de Santa Rita de Cássia na cidade de Santa Cruz.

Agora, reiteramos o convite para a leitura dos vários contornos e preenchimentos que compõem a imagem fotografada.



Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua livre escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

Karl Marx

CAPÍTULO 2

SANTA RITA DE CÁSSIA NA CIDADE DE SANTA CRUZ: PRÁTICAS CULTURAIS EM MOVIMENTO

Para compreendermos a importância cultural da história de Santa Rita de Cássia na vida das pessoas do lugar, iniciaremos nosso olhar apresentando a historiografia de Santa Cruz, além de mostrar como a cidade “se movimenta” frente à expansão do turismo religioso no local, com amostras fotográficas de singularidades do município de Santa Cruz. Isso, antecipadamente, retrata como os moradores desse local vivenciam o espaço e como são instigados tanto a narrarem quanto a se relacionarem com a história de Santa Rita de Cássia. Neste momento, as panorâmicas serão pontes didáticas a fim de contextualizar Santa Cruz desde os aspectos de fundação a situações contemporâneas da cidade, que estão intrinsecamente ligadas, ou melhor, estão imbricadas nos campos histórico, climático, econômico e sociorreligioso.

PANORÂMICA HISTÓRICA

Por volta de 1597, todo o território potiguar estava habitado por populações indígenas: no litoral, a Tupi, e, no interior, a Gê ou Tapuia. Dentre elas, registram-se as tribos nômades Paiacus, Parins, Monxorós, Pegas, Caborés, Panatis, Canindês, Janduís e Potiguares. Provavelmente, devido às ossadas humanas e aos objetos de uso encontrados, os índios Tapuios foram os primeiros habitantes de Santa Cruz e tiveram

permanência na Serra do Catolé, na Serra do Ronca e na Serra da Tapuia. Os habitantes concebiam o rio Trairi⁹ como a principal fonte de água necessária à sobrevivência e, em virtude dela, a possibilidade de povoamento da área (BEZERRA, 1993).

Os fundadores de Santa Rita da Cachoeira foram o Capitão João da Rocha Freire e seu irmão Lourenço da Rocha Freire, prováveis potiguares, e o cearense José Rodrigues da Silva. Esse último era proprietário da Fazenda Cachoeira, uma localidade inicialmente oportuna para ser o marco da fundação da cidade. Entretanto, o lugarejo não oferecia condições suficientes para formação de uma comunidade, devido à carência de água para abastecimento humano. Como consequência, a sede desse povoamento foi transferida para as margens do rio Trairi, para a Fazenda Malhada do Trairi, onde os irmãos potiguares possuíam terras, dando início ao povoamento com a construção de algumas casas residenciais e a edificação de uma pequena capela católica dedicada à santa italiana Rita de Cássia (AMORIM, 1998; BEZERRA, 1993; CASCUDO, 1998; SANTOS, 2010; SILVA, 2003).

O ano de 1831 é tido como sendo a data de fundação de Santa Cruz, embora não seja consenso por parte dos autores da historiografia da cidade. Isso se dá pelo fato de ter sido encontrada uma telha datando o ano de 1825 quando se fez a demolição da Igreja Matriz¹⁰ para a construção de outra maior no mesmo local, exprimindo a possibilidade de Santa Cruz ter sido fundada juntamente com a construção do espaço religioso, seis anos antes da data oficial. Reforça essa tese o fato de a religião oficial no Brasil ser, na época, o Catolicismo Romano e o regime

9 Vem do tupi (outras variações: taraira, tararira e tarira. Sinônimos: *dorme-dorme*, *maturaqué*, *robafo*, *rubafó*) e significa traíra, um tipo de peixe distribuído por todo o Brasil, que tem dorso negro, flancos pardo-escuros, abdome branco, manchas escuras irregulares pelo corpo e desprovido de nadadeira adiposa. Seus dentes são muito cortantes, é carnívoro e considerado um dos maiores inimigos da piscicultura. Seu comprimento pode chegar até a 40 cm (FERREIRA, 2009, s.p.).

10 Para este estudo, Igreja Matriz sempre estará se referindo à Paróquia de Santa Rita de Cássia, em Santa Cruz. A capela, depois Paróquia, localiza-se no mesmo lugar desde sua fundação.

de governo, o Imperial. Assim, a fundação das cidades estava sempre atrelada à construção de uma capela (BEZERRA, 1993).

Em se tratando dessa conjuntura, os municípios brasileiros eram representados por um padroeiro (defensor, protetor, patrono), no intuito de pedir que os “problemas” daquela localidade fossem afastados, ou mesmo, amenizados. Dessa tradição, por exemplo, tem-se o relato da moradora santa-cruzeense Maria Tavares da Silva.

A Serra do Pires, pouco explorada e de abundantes matas, as quais, refúgio de cobras venenosas, era perigo de vida para os seus habitantes. Estes deram, então, preferência para seu padroeiro, o patriarca São Bento, que a Igreja o tem como protetor contra a mordida de cobras (BEZERRA, 1993, p. 24).

O lugar Serra do Pires, onde essa senhora viveu com a família, recebia parte do nome de seu avô, o sesmeiro Antônio Pires Ferreira. Contudo, com o padroado de São Bento, o lugar passou a ser conhecido como Serra de São Bento.

Os topônimos da cidade transitaram de Malhada do Trairi, Santa Rita da Cachoeira, Vila do Trairi, Santa Cruz da Ribeira do Trairi, Santa Cruz do Inharé¹¹, até chegar a Santa Cruz. Esse último não recebe uma justificativa esclarecedora para receber tal nomeação em registros oficiais, mas relembramos, com base na história do Brasil, no período de 1500 a 1530, que o território brasileiro foi chamado de Terra de Santa Cruz. Como consequência da colonização portuguesa, a tradição cristã-católica foi incluída na cultura brasileira e, por sua vez, na cultura do Rio Grande do Norte, e, talvez, seja uma homenagem a essa época. Ademais, consoante Bezerra (1993, p. 37), “é parecer de alguém que o nome de *Santa Cruz* pode ter se originado pela existência de um antigo

11 Onde havia inharés era sinal de terreno fresco. Em tupi, inharé significa tendência para água; o que vai para a água (BEZERRA, 1993).

Cruzeiro, localizado e colocado em um alto pedestal em frente à Igreja”. Em termos de analogia, no Brasil, a palavra *santa-cruz*, com hífen, tem sinônimo de capelinha ou cruz à beira de estrada, erigida, não raro, em memória de alguém que ali foi morto (FERREIRA, 2009, s.p.).

De acordo com Cascudo (1998), a dupla toponímia era uma prática muito comum no registro nominal da localidade por parte do governo brasileiro naquela época: atribuir um nome para o lugar, sem prévia consulta simultânea, e o povo nomear com outro o mesmo espaço. Esse pesquisador norte-rio-grandense ressalva ainda que *Trairi* ficou sendo chamada pela voz da administração pública, mas nunca pelos moradores da região, os quais sempre disseram *Santa Cruz do Inharé*. Com a Lei 372, de 30 de novembro de 1914, a *Vila de Santa Cruz* passou ao predicamento de cidade, contemplando, em parte, o nome a gosto da população.

No plano historiográfico, *Santa Cruz do Inharé* era o nome do lugar onde os irmãos fundadores – Lourenço da Rocha e João da Rocha – e família residiam, o qual distava, aproximadamente, 18 km do povoado. No plano figurativo, em *Santa Cruz do Inharé* havia circunstâncias particulares para se viver lá, conforme uma lenda contada na cidade sobre o passado imaginado do local.

Muitos anos, já ia adiantada a colonização do alto sertão e as terras das cabeceiras do Potengi e do Trairi continuavam despovoadas. Diziam os primeiros que ali se aventuraram que era impossível viver naquelas paragens, porque, ao quebrarem os ramos do inharé, a árvore sagrada, as fontes secavam e todos os animais tornavam-se ferozes. Um santo missionário lembrou-se um dia de fazer uma cruz dos ramos do Inharé: os malefícios cessaram como por encanto; das fontes, jorrou a água cristalina; as aves cantaram o hino da natureza em festa. A terra ficou, desde então, conhecida com o nome S. Cruz do Inharé (DANTAS, 2008, p. 34).

PANORÂMICA CLIMÁTICA

O município de Santa Cruz como também o Território Trairi¹² sempre presenciaram estiagens anualmente devido à disposição geográfica da Região. Notadamente, o município santa-cruzense não dispõe de mananciais com qualidade e quantidade, assim, fica à mercê das chuvas irregulares e do abastecimento de água por meio da Adutora Monsenhor Expedito de Medeiros¹³. Como exemplo dessa carência de água, tem-se o registro da primeira seca em 1614; no entanto, a que mais marcou foi a de 1877 por gerar, à população, um “ano de muita fome, sofrimento e morte” (BEZERRA, 1993, p. 125).

As fotografias seguintes (Figura 2 e Figura 3) foram registradas a fim de demonstrarmos o clima semiárido da região bem como a paisagem da caatinga em dois pontos distintos da cidade. De acordo com telejornais nacionais, a seca de 2013 tem sido bastante intensa, classificando-se como a maior dos últimos quarenta anos.



Figura 2

Caatinga santa-cruzense (visão panorâmica)

12 O Território Trairi, popularmente conhecido como *Região do Trairi*, é constituído por 15 municípios: Boa Saúde, Campo Redondo, Coronel Ezequiel, Jaçanã, Japi, Lajes Pintadas, Monte das Gameleiras, Passa e Fica, Santa Cruz, São Bento do Trairi, São José de Campestre, Serra Caiada, Serra de São Bento, Sítio Novo e Tangará. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/biblioteca_virtual/ptdrs/ptdrs_qua_territorio023.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2013.

13 Funcionando desde 1998, o sistema possui uma extensão total de 316 km, e a captação d'água é feita no Sistema Lacustre Bonfim, localizado no município de Nísia Floresta. Disponível em: <http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/socio_economicos/arquivos/Perfil%202008/Santa%20Cruz.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2013.

Na Figura 2, à direita da estátua, no Alto de Santa Rita¹⁴, podemos observar a vegetação característica desse tipo de clima e o quanto houve ausência de chuvas nos últimos meses. Na Figura 3, à margem direita da BR 206, sentido oposto à capital, repete-se a paisagem da seca: sem água para dessedentação, sem animais e sem solo propício para plantação.



Figura 3

Caatinga santa-cruzense

Em contradição ao evento da seca, a cidade presenciou uma enchente do açude Santa Cruz na noite de 1º de abril¹⁵ de 1981, provocada pelo excesso de chuvas na região e rompimento do açude Mãe D'água, em Campo Redondo, um município que se localiza, aproximadamente, a 26 km de Santa Cruz.

Com efeito, essa enxurrada acarretou destruição de vários prédios públicos e residenciais santa-cruzenses. O Trairi e a grande Natal, na

14 Também chamado de *Santuário de Santa Rita de Cássia ou Alto de Santa Rita*, essa obra representou investimentos da ordem de seis milhões, sendo os recursos compartilhados com os governos municipal, estadual e federal. Esse Complexo Turístico Religioso foi inaugurado em 27 de junho de 2010 e conta, além da estátua, com capela, sala de promessas, mirante, auditório com capacidade média para 200 pessoas, lojas comerciais, praça de alimentação, banheiros e estacionamento. Está aberto diariamente das 6 às 18h, com celebração de missas nas quartas-feiras às 16h, no sábado às 11h e no domingo às 10h e às 14h.

15 No Brasil, a data 1º de abril é tida culturalmente como “o dia da mentira”, em que as pessoas pregam peças umas nas outras, para fazer o outro acreditar em determinada zoaria (FERREIRA, 2009, s.p.).

época, ficaram sem luz por volta de cinco dias porque, em Santa Cruz, funcionava a cabine de geração de energia elétrica, que foi destruída na ocasião. Depois dessa tragédia, a cidade foi sendo reconstruída com investimentos dos poderes municipais, estaduais e federais, voltados a minorar os problemas causados pela enxurrada e, sobretudo, com políticas públicas, principalmente, de urbanização (BEZERRA, 1993; SANTOS, 2010; SILVA, 2003).

PANORÂMICA ECONÔMICA

As atividades econômicas mais relevantes no município já foram a agropecuária, a indústria e os serviços, respectivamente. Com a presença dos colonizadores, por volta do século XIX, desenvolveu-se a atividade pastoril, com destaque para os ovinos, bovinos, caprinos, suínos e asininos, nessa ordem.

Não podemos deixar de citar que o município foi um dos maiores produtores de algodão do Estado do Rio Grande do Norte, especialmente na década de 1990, pelo fato de o algodão ser uma planta adaptável ao clima semiárido e bastante resistente à seca, além de poder viver mais de 20 anos. Porém, com a disseminação da praga do bicudo¹⁶, embora não tenha sido o principal agravante da derrocada do setor, a atividade ficou inviabilizada, trazendo consequências negativas à indústria algodoeira (BACURAU et al., 2012).

Atualmente, conforme Santos (2010), no campo da indústria, sobressaem-se as fábricas de roupas, com *jeans*, camisetas, peças íntimas femininas e masculinas; as fábricas de doces caseiros e de doces industrializados; as fábricas de produtos derivados do milho; as empresas de cerâmicas, com telhas e tijolos, e as panificadoras.

16 O bicudo-do-algodoeiro é um besouro da família dos curculionídeos, originário da América Central, de coloração cinzenta ou castanha e mandíbulas afiadas, utilizadas para perfurar o botão floral e a maçã dos algodoeiros; é a praga mais conhecida do algodão, sendo capaz de trazer grandes danos à produção, e perdas significativas ao produtor rural (EQUIPE CPT CURSOS PRESENCIAIS, 2013).

Ainda segundo Santos (2010), no campo dos serviços, o comércio e a avicultura integrada lideram a economia no município de Santa Cruz. Quanto ao primeiro, há como atividades comerciais principais: as lojas de eletrodomésticos e eletroeletrônicos, os supermercados, as gráficas e as pousadas. De acordo com os dados do Cadastro Empresarial (SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO NORTE, 2008), há 79 empreendimentos registrados que trabalham com alimentação, 69 com comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, 366 com comércio varejista e 53 com educação. Quanto ao segundo, a avicultura integrada faz com que o município desponte para ser o maior produtor de frango do estado, o que ocorre devido a parcerias entre o Banco do Nordeste, a Prefeitura de Santa Cruz, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas e a Empresa Guaraves Ltda., que juntos oferecem recursos, assessoramento técnico, controle de qualidade, recebimento de ração e comercialização da produção avícola.

Em relação às associações, há registro de 38 na cidade (SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO NORTE, 2008). Tem-se como exemplo a associação das horteiras nos açudes Santa Rita e Inharé, quando não há estiagens.

Por último, é importante frisar que o município de Santa Cruz já vem ocupando o título de polo regional na Região do Trairi há alguns anos, pelos serviços desenvolvidos no setor. Mas vale a ressalva de que o desenvolvimento econômico foi intensificado, a partir de 2010, com o incremento do turismo com o Complexo Turístico e Religioso Alto de Santa Rita de Cássia, frente ao artesanato – produção de toalhas, chaveiros, camisetas, porta-retratos, licores, artes em gesso e em madeira –, aos serviços de hospedagem e à alimentação em geral.

PANORÂMICA SOCIORRELIGIOSA

Uma marca cultural presente em Santa Cruz é o fato de muitos escritores “movimentarem-se” para produzir e publicar seus escritos cujos objetivos são, em especial, fazer despertar na população o (re)conhecimento de sua própria história e de sua cultura em *sites (blogs*¹⁷), em jornais de bairro e, na maioria das vezes, em gráficas locais.

Em relação ao registro da história de Santa Rita de Cássia e/ou de sua importância para a dinâmica da cidade, especificamente, são perceptíveis várias movimentações de intelectuais, poetas, artistas, enfim, agentes culturais em Santa Cruz, os quais se debruçam sobre suas raízes históricas, a fim de registrarem suas passagens em vida. Como não é possível explanar todos os trabalhos desenvolvidos e seus respectivos autores, elencamos alguns nomes contemporâneos dessa expressão cultural.

O primeiro deles é o da moradora Eudóxia Ribeiro Damasceno. Enraizada em Santa Cruz há anos, essa romancista escreveu em versos *A trama da família Baianos*, em 1953, mas somente foi publicado em 2006. Além desse livro, Dona Eudóxia, como é mais conhecida na cidade, publicou, em 2009, o cordel *Louvor a Santa Rita no Monte* antes mesmo da inauguração do *Alto de Santa Rita* acontecer. Inclusive, esse cordel compõe a primeira epígrafe deste livro. A eternizada escritora faleceu em 2011, com 89 anos, deixando sua colaboração registrada também no cenário cultural potiguar.

O segundo é o do morador santa-cruzense Hugo Tavares, que, além de suas funções laborais, desenvolve outras atividades culturais na cidade, a saber: escritor, cordelista e músico. Sendo radialista e

17 *Web*: serviço que permite ao internauta criar e manter uma página em que as informações são apresentadas em ordem cronológica reversa (as mais recentes aparecem primeiro), tendo cada publicação sua data e hora de inserção, e também um espaço onde outros internautas podem incluir comentários associados. Inicialmente, foi usado como diário, mas com a popularização tornou-se um meio para publicação de notícias, divulgação de ideias etc. (FERREIRA, 2009, s.p.). Quanto aos *blogs*, as notícias/informações ocorrem de maneira muito rápida, sem falar no vasto número de pessoas que podem ter acesso a elas simultaneamente.

um dos sócios fundadores da *Associação Rádio Comunitária Santa Rita*, é apresentador do programa *Matinada* cujo objetivo principal é divulgar notícias locais, do Brasil e do mundo diariamente. Dentre os materiais publicados, os cordéis resumem bem seu trabalho. O cordel *Cidadania e Eleição: voto não se compra. Consciência não se vende* – o qual ganha mais intensidade nos anos eleitorais tanto em Santa Cruz como em municípios circunvizinhos – apresenta um caráter conscientizador e histórico-documental. Outro cordel publicado foi *Santa Cruz de Santa Rita, Santa Cruz do Santuário*, em que, além de versos sobre a cidade e a Santa, são apresentados localização geográfica, historiografia do Santuário e informes estatísticos do município santa-cruzensense.

O terceiro e último nome é o do poeta, cronista e cordelista Gilberto Cardoso dos Santos, que vem representando, em uma visão contemporânea, a produção cultural de Santa Cruz. Suas maiores expressões para divulgação dessa cidade são: o cordel intitulado *A saga de Santa Rita – da Itália a Santa Cruz*, publicado em 2010, e o auto de natal, chamado *Rita, a Santa dos impossíveis*, encenado nas festividades de maio de 2012. Com um elenco todo formado por artistas locais, o grupo recebeu o convite para apresentar o mesmo auto na cidade de Cássia, na Itália. Em entrevista a nós concedida¹⁸, Gilberto Cardoso afirmou que “a peça mistura elementos da cultura europeia, de onde a Santa veio, com a cultura nordestina. As duas expressões de fé são contempladas nessa dramatização”.

Atualmente, Gilberto Cardoso é um dos responsáveis pela divulgação de dois *blogs*¹⁹: um deles expõe os trabalhos culturais locais inéditos, os já consagrados e publicados nacionalmente pela Associação

18 A entrevista com Gilberto Cardoso foi realizada via e-mail e datada em 1º de fevereiro de 2013.

19 Os endereços eletrônicos dos blogs são respectivamente: <<http://apoesc.blogspot.com.br/>> e <<http://bloggcarsantos.blogspot.com.br/>>.

de Poetas e Escritores de Santa Cruz (APOESC); o outro, seus poemas particulares em especial e suas boas experiências de leitura e escrita em sala de aula. Além disso, apresenta o programa *APOESC em canto e verso*, de frequência semanal, em parceria com o amigo santa-cruzeiro Hélio Crisanto, na rádio Santa Rita FM.

Dentre os aspectos culturais da cidade que poderiam ser analisados, há três muito especiais, a nosso ver. O primeiro deles são os enunciados sobre quem é Rita de Cássia, ditos há mais de 180 anos em Santa Cruz pelos moradores. Com base no mito da Cobra Norato²⁰, podemos construir uma paráfrase para Santa Rita, na cidade de Santa Cruz: “não há santa-cruzeiro que não conte ou não tenha ouvido de seus pais ou companheiros a história de Santa Rita de Cássia”. Aos que acreditam em muitas partes da história dessa mulher, vista como alguém em quem se espelhar, a busca de encontrar uma esposa com características de ser paciente com o marido e de cuidar de pessoas doentes são desejadas. Como exemplo, dentre os relatos, temos o fato de uma moradora dizer que ao discutir com marido ou, antes mesmo de discutir, pensar em Santa Rita e conseguir converter o conflito em calma. Nesse sentido, tal história torna-se acalantamento diante das questões do dia a dia. As situações acima mencionadas constituem-se em uma representação simbólica do real (HALL, 2003), construindo uma compreensão da realidade, e por isso também é uma realidade, pois é usada como lente, a partir da qual o morador santa-cruzeiro internaliza sua realidade circundante.

20 O mito também é chamado de Norato Cobra Grande e conhecido há quase 200 anos na Região Norte: “[...] não há ribeirinho que não o conte ou não tenha ouvido de seus pais ou companheiros” (MIOTELLO, 1996, p. 17).

O segundo é a quantidade de rebentos²¹ ou de nascituros do sexo feminino nomeados de Rita de Cássia. As mães santa-cruzenses relataram, por meio de entrevista, que nomearam suas filhas com o nome italiano Margherita ou parte dele (Rita) para agradecer a ajuda da *Intercessora dos aflitos* tanto na hora do parto como por ter tido uma criança saudável. Ademais, ser nomeada por Rita nessa cidade, de acordo com diversas pessoas com quem pudemos conversar, traz o legado de transferir algumas virtudes da Santa às filhas.



Inclusive, dentro do espaço destinado ao culto ritiano, no Alto de Santa Rita, mais especificamente na sala das promessas, há uma espécie de quadro, denominado ***Eu me chamo Rita***.

Essa ideia foi originária de Padre Aerton²² desde a inauguração do Santuário, para que as pessoas denominadas Rita deixassem fotos e nomes completos nesse quadro, comprovando tanto a afinidade com a *Advogada dos casos impossíveis* como a presença no Santuário.

O terceiro é a quantidade de estabelecimentos comerciais que têm como seus nomes de fantasia²³ o qualificador “Santa Rita”. Para elucidar esse terceiro aspecto cultural da cidade, elencamos algumas fotografias feitas no centro urbano da cidade com suas devidas justificativas às

21 Uma curiosidade sobre o município de Santa Cruz, evidenciada nas conversas com diversos moradores e entrevistados, é sobre o nascimento de crianças que tiveram o cordão umbilical laçado ao pescoço. Por indicação da parteira, como nessa época dificilmente nascia-se em hospital, o rebento do sexo masculino deveria se chamar José e o do sexo feminino, Josefa ou Rita.

22 Padre Aerton Sales da Cunha foi pároco da Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia por seis anos, de 2003 a 2009, iniciou a prática da *Missa da Coroa* em Santa Cruz e foi o primeiro Reitor do Santuário. Disponível em: <http://www.radiosantacruzam.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1995>. Acesso em: 8 ago. 2013.

23 Designação criada com fins mercadológico e publicitário para o produto, o serviço, ou a empresa, capaz de alcançar forte apelo comercial e boa memorização na mente do consumidor (FERREIRA, 2009, s.p.).

nomeações. Em seguida, elencamos duas fotografias de residências nas quais o nome Santa Rita é citado.

A fotografia da Pousada Santa Rita I (Figura 4) e a da Churrascaria Santa Rita (Figura 5) carregam tal nomeação devido ao fato de os estabelecimentos terem sido comprados já com esse nome. Quando os proprietários foram indagados por que permaneceram, a justificativa recebida foi de que consideram o nome Santa Rita como uma tradição e um nome importante para os estabelecimentos comerciais e para a cidade de Santa Cruz. Assim, não teriam motivos para mudar os nomes desses comércios.



FONTE: DINIZ (2012)

Figura 4

Pousada Santa Rita I



FONTE: DINIZ (2012)

Figura 5

Churrascaria Santa Rita



Já a nomeação do Centro de Formação de Condutores Santa Rita (Figura 6) dá-se porque os três donos e irmãos quiseram homenagear a Padroeira da cidade como também a mãe deles, que é devota de Santa Rita.

“Ela não perde uma *Missa da Coroa*²⁴.

Nossa mãe sempre se esforçou para que os filhos dessem certo no trabalho, e com esse nome nosso comércio vem melhorando cada vez mais”, disse um dos proprietários quando entrevistado.



Figura 6

Centro de Formação de Condutores Santa Rita

A loja Gesso Santa Rita (Figura 7) recebe esse nome porque o casal dono do estabelecimento tem devoção por Santa Rita. Em entrevista, a proprietária falou que quando conseguisse colocar um negócio para o casal, colocaria o nome de Santa Rita no estabelecimento, independente do tipo de serviço ou de loja.

²⁴ É uma prática religiosa católica, que vem ocorrendo desde novembro de 2004, na Paróquia de Santa Rita de Cássia, em Santa Cruz, na data 22 de cada mês.

FONTE: DINIZ (2012)



Figura 7

Gesso Santa Rita

A proprietária explicitou ainda que tanto ela quanto seu esposo são nascidos e criados em Santa Cruz, e esse nome é tradicional e muito forte na cidade. Corrobora com essa opinião o proprietário da Madeireira Santa Rita (Figura 8), que nomeou seu comércio desde 1998, ano de fundação da loja, por também ser devoto da Santa.

FONTE: DINIZ (2012)



Figura 8

Madeireira Santa Rita

A Sucata Santa Rita (Figura 9) fica localizada em um ponto estratégico à visualização da estátua, no *Alto de Santa Rita*. Em entrevista, o dono disse que vê a estátua no momento que desejar, e Santa Rita, além de vê-lo, fica ajudando-o nas dificuldades diárias. Nas palavras do entrevistado: “Essa sucata é de Santa Rita. Eu estou o tempo todo vendo, e ela me vendo e me ajudando”. Disse ainda que o nome do estabelecimento foi atribuído bem antes da construção da estátua.

FONTE: DINIZ (2012)



Figura 9

Sucata Santa Rita

Além desses estabelecimentos, há também o açude, a olaria, o mercadinho, a confeitaria, a loja de *bijoux*, a Rádio, a Eletrônica, enfim, todos com o qualificador “Santa Rita”. Em entrevistas, os proprietários desses estabelecimentos comerciais disseram, resumidamente, que homenageiam e expressam sua relação de afinidade com a história da Santa e Padroeira de Santa Cruz quando atribuem seu nome ao local.

FONTE: DINIZ (2012)



Figura 10

Rótulo de garrafa de
água mineral

Outra quantidade significativa é a união da imagem²⁵ de Santa Rita com diversos serviços oferecidos na cidade, sem explicitar o nome

25 Neste estudo, a palavra *imagem* “evoca para uma determinada coisa, por ter com ela semelhança ou relação simbólica; símbolo” (FERREIRA, 2009, s.p.). Ademais, segue além de seu corriqueiro sinônimo de *estátua*.

da Santa necessariamente. No caso das Figuras 11 e 12 a seguir, a imagem da Santa está relacionada com a venda de lotes e de terrenos em condomínios residenciais. Na Figura 12, necessita-se de que o leitor tenha um conhecimento prévio sobre estes dois símbolos ritianos: um, à esquerda, é o resplendor (uma coroa); outro, à direita, é uma palma (uma planta).

FONTE: DINIZ (2012)



Figura 11

Central de vendas de lote

FONTE: DINIZ (2012)



Figura 12

Venda de terrenos

Antes de apresentarmos as fotografias de residências santa-cruzen- ses em que o nome Santa Rita é citado, salientamos que a justificativa recebida em entrevista para os enunciados existirem na cidade se dá por vontade própria dos moradores. Entretanto, concomitantemente a isso, eles sentiram-se motivados, por Padre Aerton, para confeccionar

essas mensagens recebidas (por sorteio em uma reunião poucos dias antes da inauguração do *Alto de Santa Rita*) e expor na frente de suas casas. A intenção era que os visitantes, quando passassem pelas ruas em direção ao Complexo, lessem os diversos qualificativos de Rita de Cássia e (re)conhecessem o valor dessa mulher.

O enunciado “Santa Rita, exemplo de santidade” (Figura 13), por exemplo, tem como suporte a própria parede externa da casa do morador santa-cruzense, o que faz com que a durabilidade do registro ocorra por mais tempo do que o do enunciado “Santa Rita, nós te amamos!” (Figura 14), fixado por meio de faixa.

FONTE: DINIZ (2012)



Figura 13

Enunciado em casa de morador

FONTE: DINIZ (2012)



Figura 14

Enunciado em casa de morador (faixa)

Partindo do entendimento de que o turismo religioso também faz parte da economia local, são encontradas, em Santa Cruz, outras práticas sociorreligiosas responsáveis por gerar uma maior circulação de moradores e de visitantes na cidade e popularizar o culto a Santa Rita.

Uma dessas práticas sociorreligiosas é a festa da Padroeira, que acontece normalmente de 13 a 22 de maio. Além de ser considerado o maior movimento comemorativo da cidade, revela-se como um momento muito aprazível para os santa-cruzesenses há anos. Os eventos que mais se destacam e movimentam maior quantidade de pessoas dentro do período festivo são:

Procissão de Santa Rita, Novenário, Missa dos Peregrinos, Festa Social (Pavilhão). Além dessas comemorações, ainda acontecem dezenas de eventos religiosos e sociais, como: Alvoradas²⁶ festivas, Carreatas, Hasteamento das Bandeiras, Caminhadas, Missas, Repique de sinos²⁷, Moto-procissão, Festival de prêmios, Forró pé-de-serra, Festa dos anos 60, Jantar de Santa Rita, Escolha da Rainha, Arrasta-fê do Trairi, Quermesse²⁸, Leilão de Santa Rita, Cavalgada de Santa Rita, Pipocaço e Espetáculo sobre a vida de Santa Rita de Cássia (SILVA, 2010, p. 39-40).

Por trás dos eventos e das comemorações, os preparativos da festa são organizados pela igreja católica local juntamente com a comunidade. Dentre esses preparativos, destacamos o projeto intitulado *Ritas e viúvas*, que, em 2012, teve uma duração de três meses antes do dia

26 Nas festas de padroeiros, alvorada significa um despertar festivo, composto pelo tocar dos sinos, fogos de artifício, canções e orações (SILVA, 2010).

27 “Uma maneira solene e especial de tocar sinos” (SILVA, 2010, p. 39).

28 Bazar ou feira beneficente, em geral com leilão de prendas (FERREIRA, 2009, s.p.).

principal da festa, 22 de maio²⁹. O objetivo principal do referido projeto foi visitar as Ritas (e as não Ritas) e as mulheres viúvas nos diversos bairros de Japi, São Bento do Trairi e Santa Cruz cujos municípios são assistidos pela Paróquia de Santa Rita de Cássia, em Santa Cruz. Ao mesmo tempo que o grupo fazia visitas, também recebia doações (ou não) para a festa da Padroeira. As evangelizadoras entregavam uma lembrança da Paróquia para simbolizar a presença em cada residência e a participação da pessoa/família no projeto. Ao final, 400 mulheres eram assistidas, das quais 117 chamavam-se Rita. Ressalta-se que a proposta do grupo não era a busca somente por “Ritas” na cidade como também de mulheres para serem “acompanhadas”. Na noite do dia 21 de maio, todas as participantes do projeto são convidadas a irem à “Missa das Ritas e viúvas”, para se (re)conhecerem, confraternizarem-se, fazerem o fechamento do projeto daquele ano.

Com esse número alto de mulheres nomeadas de Rita, reiteramos nossa argumentação de que a paráfrase construída – “não há santacruzense que não conte ou não tenha ouvido de seus pais ou companheiros a história de Santa Rita de Cássia” – é um retrato da cidade de Santa Cruz.

Outra prática sociorreligiosa já reconhecida na cidade é a da *Missa da Coroa*, que acontece todo mês no dia 22 e vem motivando muitas pessoas a participarem do momento há cerca de uma década.

A maioria dos participantes veste-se na cor preta e procura o evento no intuito de alcançar pedidos por intercessão de Santa Rita ou de agradecer as bênçãos já conquistadas com a ajuda dessa Santa.

29 Sobre a hagiografia ritiana, alguns autores consideram a data de seu nascimento como sendo 1381, e de sua morte, 22 de maio de 1457, as mesmas datas registradas no processo de canonização (CUOMO, 2009; MAESTRO, 2012). Ressalva-se que a data comemorativa de Santa Rita bem como de outros santos é aquela da morte terrena. Já o autor Marchi (2009, p. 16) afirma que “Rita nasceu a 22 de maio de 1381” e em “22 de maio de 1457, sua bela alma deixava este mundo e voava para o céu” (MARCHI, 2009, p. 98).

Durando, aproximadamente, três horas, o encontro religioso inicia-se com o *Hino de Santa Rita*³⁰, depois com o terço de Santa Rita. Nesse encontro, algumas pessoas relatam as graças recebidas, outras ofertam rosas, *Coroas de Santa Rita*, livros sobre Santa Rita, enfim, presentes aos participantes da atividade. Na sequência, ao meio-dia, acontece uma celebração eucarística, chamada de *Missã da Coroa de Santa Rita de Cássia*. Antes de finalizá-la, retoma-se o mesmo hino, depois se reza a oração de Santa Rita e termina com a ladainha de Santa Rita.

Quanto à *Coroa de Santa Rita*, compreende-se como uma nomeação/representação ao conjunto: terço de Santa Rita, oração a Santa Rita e ladainha de Santa Rita. O referido terço é composto por 22 contas, sendo as três primeiras referentes às três disciplinas diárias que Rita de Cássia tentou viver (fé, esperança e caridade); as quatro contas seguintes são em memória dos quatro anos que foi “sustentada” pela eucaristia e as 15 contas finais são os 15 anos que sofreu, pacientemente, com o estigma da coroa de Jesus em sua fronte. Essas informações são descritas em um material explicativo, o qual é vendido nas lojas de artigos religiosos de Santa Cruz. Descreve-se também nesse material que, anteriormente a cada Ave-Maria, deve-se dizer esta jaculatória: “Rita, sois dos impossíveis, de Deus muito estimada. Rita é minha protetora, Rita é minha advogada”. Assim, são necessários 15 meses consecutivos de orações para o cumprimento da referida *Coroa*.

Outra prática sociorreligiosa ainda é a visitação ao Complexo Turístico e Religioso Alto de Santa Rita de Cássia. Essa obra trouxe um maior destaque ao culto, ao turismo religioso norte-rio-grandense e à perspectiva de expressão do município internacionalmente.

30 Esse hino está disponível no Anexo A.

FOCALIZANDO O CULTO RITIANO: DO “VULTO” À ESTÁTUA COLOSSAL

O culto a Santa Rita, em Santa Cruz, é um legado da família do fundador José Rodrigues da Silva, mais especificamente pela devoção da filha³¹ desse fazendeiro para com a Santa italiana, atribuindo-se até o topônimo inicial de *Santa Rita da Cachoeira* para o povoamento, como foi descrito no início desta seção.



A primeira imagem³² da Santa foi encomendada do Estado do Ceará, projetando a figura feminina de Rita de Cássia, a fim de ser doada à igreja católica local na época. Provavelmente, tratava-se de “um vulto pequeno, próprio para capelas rurais, porque as imagens maiores em tamanho eram obtidas em Portugal, esculturas em madeira” (BEZERRA, 1993, p. 24).

Depois de não se saber o paradeiro dessa pioneira estátua de estilo barroco, o padre-vigário José Cabral, em 1900, adquiriu outra imagem em gesso, medindo pouco mais de 80 cm, a qual foi colocada em um nicho e exposta no frontão da Matriz. Entretanto, depois de permanecer por muitos anos no local atribuído, foi atingida por um foguetão de promessa, que a deixou em pedaços³³.

31 Historicamente, ainda que o nome da filha de José Rodrigues seja desconhecido em todas as referências sobre a fundação da cidade, há um consenso de ser atribuído a ela o feito da encomenda da primeira imagem de Rita de Cássia para Santa Cruz.

32 Outros detalhes sobre as imagens de Santa Rita, além de dados referentes à criação da Paróquia, podem ser conferidos em Bezerra (1993, p. 17-24).

33 Um morador entrevistado tem guardado em sua residência a parte correspondente à face e uma parte do busto dessa estátua, que não foram atingidas pelo foguetão. Devido a isso, a casa dessa pessoa vem recebendo visitas, frequentemente, de vários interessados no assunto. De acordo com a entrevista, realizada em 30 de setembro de 2011, o morador foi presenteado com restos dessa estátua pelo padre-vigário da época, muitos anos após o acidente. O entrevistado contou, ainda, que mandou fazer restauração e enxerto na peça, mas preservou todos os traços originais da imagem de Rita de Cássia. Foi esculpida com um hábito preto, típico traje da congregação à qual pertencia quando foi freira, diferentemente da estátua que fica localizada na Igreja Matriz e da estátua colossal no Alto.

A imagem que fica exposta diariamente na Paróquia de Santa Rita de Cássia foi cedida pelo português Manoel Tavares da Silva. Hoje, ela está acondicionada dentro de uma urna de vidro, no altar da Igreja Matriz, e essa mesma imagem portuguesa serviu de molde para a estátua colossal do Santuário (Figura 15). Outra estátua fica resguardada nos cômodos da Secretaria Paroquial, a fim de ser usada nos momentos em que se precise expor a imagem fora do recinto católico.



FONTE: DINIZ (2012)

Figura 15

Estátua colossal de Santa Rita

Em grande parte dos artigos religiosos divulgados, os atributos da hagiografia de Rita de Cássia são: na mão direita, é segurado um crucifixo – simbolizando o credo que essa monja da ordem agostiniana teve em Jesus Cristo; na mão esquerda, é fixada uma folha de palmeira

(palma, comumente dita) – representando um martírio branco³⁴ em sua vida terrena; na testa, um estigma.

No que concerne às características físicas e acontecimentos, Rita de Cássia teve cravado, em sua frente, um dos espinhos da coroa de Jesus. Isso faz com que, após canonização, sua imagem, em relação à de outros santos, seja representada com um destaque na testa. Segundo Alves (2010, p. 45-46), ela carregou esse estigma como sinal de devoção a Deus por 15 anos: “a ferida tinha aspecto repulsivo e dela exalava odor desagradável, o que a fez viver o resto de seus dias isolada em sua cela”.

Em Santa Cruz como também em outros lugares³⁵ em que há devoção ritiana, as vestimentas na cor preta ou mesmo pessoas vestidas com hábitos pretos, portando terços e rosas, são itens bastante comuns, principalmente no dia 22 de cada mês ou em todo o mês de maio, para representar a devoção à *Intercessora dos aflitos*.

De acordo com a entrevista feita ao então Reitor do Santuário Padre Vicente, o descritivo das marcas ritianas em Santa Cruz são: uma relíquia de primeiro grau – uma parte do osso da mão esquerda, trazida pela delegação da cidade de Cássia, na Itália, para oficializar-se como Paróquia-irmã da Basílica italiana nos dias 21 a 25 de março de 2012; e uma relíquia de segundo grau – um pedaço de sua túnica preta da época em que foi freira. **As duas relíquias** estão aos cuidados da Paróquia de Santa Rita de Cássia, em Santa Cruz.



34 Ser mártir significa que uma pessoa “sofreu tormentos, torturas ou a morte por sustentar a fé cristã” (FERREIRA, 2009, s.p.). Ressalva-se que Rita de Cássia, de acordo com as hagiografias, não teve morte sangrenta para sustentar sua fé; por isso, entende-se como mártir branco. Entretanto, como o sofrimento em vida foi intenso e por muito tempo, ela recebeu a representação de uma palma na mão esquerda, simbologia característica de um mártir, segundo entrevista com Pe. Aerton em 22 de fevereiro de 2013.

35 No Brasil, em 1727, o Papa Bento XIII permitiu que fosse dedicada uma Igreja no Rio de Janeiro a Santa Rita de Cássia, o que a tornou uma das santas mais populares do Brasil (ALVES, 2010). No Rio Grande do Norte, há duas paróquias oficialmente registradas na Arquidiocese de Natal, as quais a homenageiam: uma em Santa Cruz; outra, em Natal, no bairro de Ponta Negra.

A construção da estátua, que permanece no Complexo Turístico e Religioso *Alto de Santa Rita de Cássia*, é de responsabilidade técnica do arquiteto projetista e escultor Alexandre Azedo Lacerda³⁶. Em entrevista, Azedo relatou que comandou uma equipe formada por 30 operários, os quais cuidaram apenas do monumento. Outros 100 foram responsáveis pelo restante da obra.

SÍNTESE PARCIAL

Indubitavelmente, a partir da inauguração do *Alto de Santa Rita*, a economia no município de Santa Cruz tomou outra importância em relação aos anos anteriores a 2010. Ademais, novos aspectos sociais, culturais, religiosos e políticos passaram a fazer parte dessa realidade municipal.

Quanto aos aspectos socioculturais e religiosos, a população pode perceber o aumento do fluxo de pessoas “estranhas” na cidade a fim de visitar, conversar sobre o que estava vendo e consumir produtos. Ter ciência de que o município tem a maior estátua católica do mundo é algo imprescindível, por exemplo. Até quem passava despercebido diante do culto a Santa italiana na cidade, a partir de 2010, não “pôde” mais,

36 Filho do também escultor Armando Lacerda, que ergueu a imagem de Padre Cícero, localizada em Juazeiro do Norte, Ceará, e tida até hoje como um grande centro de visitação para milhares de pessoas de toda a parte do mundo. Atualmente, Alexandre Azedo é Professor Assistente na Universidade Federal da Paraíba, no Departamento de Arquitetura. O escultor vem se destacando no cenário nacional e internacional com seus projetos e construções de estátuas colossais no Brasil. Em menos de uma década, foi responsável por vários monumentos. Dentre eles, têm destaque, além do monumento *Santa Rita de Cássia* (em Santa Cruz-RN, com 56m), *Frei Damião* (em Guarabira-PB, com 34m), *Cristo Rei* (Itaporanga-PB, com 29m), *Santo Antônio* (Marcelino Vieira-RN, com 31m) e *São Francisco* (Picos-Piauí, com 32m). Quanto às duas últimas estátuas, estão em fase de obra e de projeto respectivamente, e a de *Cristo Rei* e a de *Frei Damião* foram eleitas como a “Quarta” e a “Sexta Maravilha da Paraíba”, em 2012. Para o *Alto de Santa Rita*, inicialmente, a técnica usada para edificação foi fazer a estrutura das partes do corpo da Santa a cada cinco metros de altura. Na primeira fase, em madeira (linhas, caibros e ripas), um esqueleto estrutural nas medidas exatas da escultura gigante foi desenvolvido. Na segunda fase, a argila modelou e deu forma e acabamento aos planos e curvas da estátua. Finalmente, tendo atingido o desejável da modelagem em argila, passou-se a desenvolver as formas em gesso sobre ela, em dimensões de aproximadamente um metro por um metro, pesando, aproximadamente, 200 quilos cada. Marcaram-se as passagens sob os eixos nos moldes coincidentes para guiar a montagem, ou seja, peça a peça, e foram, enfim, após identificação, montadas no local definitivo por elevadores e colocadas no local sob a força dos braços dos operários.

independente de os moradores que ali vivem serem cristãos-católicos ou não. Até fora do meio urbano de Santa Cruz, a estátua de Rita de Cássia é visualizada expressivamente, por causa das dimensões do monumento. Inclusive, à noite, devido à iluminação providencial, a impressão gerada é de que a estátua está flutuando sobre o Monte Carmelo.

Observamos ainda que o ato de repetir e ressignificar o nome e/ou imagem de Santa Rita nos estabelecimentos comerciais – do mais simples ao mais sofisticado –, nas casas de alguns moradores, nos produtos vendidos na cidade, enfim, na convivência dos que falam em Rita de Cássia por tradição ou por questão pessoal, isso tudo faz com que os moradores que ali vivem tornem a história da Santa plena de significação. Primeiramente, pela razão de a mulher Rita de Cássia estar, historicamente, relacionada com situações sociais de destaque como apaziguadora de causas familiares e cuidadora de pobres e doentes. Segundo, nas práticas sociais, as identidades dessa mulher passam por uma construção da figura feminina positiva, protegendo o lar, o casamento, a maternidade e o trabalho.

Quanto aos aspectos políticos, “a porta do Seridó”, como se refere Cascudo (1998) à cidade de Santa Cruz, era reconhecida como um polo regional há certo tempo, mas agora é tida como um local com função mantenedora do turismo religioso norte-rio-grandense e até internacional. É inegável o empenho do poder público em fazer de Santa Cruz uma cidade com essas expressões no campo do turismo. A partir da inauguração do monumento colossal, em Santa Cruz, popularmente conhecida como a *capital do Trairi*, procura-se ativamente resolver de forma mais eficiente e rápida a escassez de água no município e o saneamento a ser ampliado. Caso esses problemas sejam resolvidos ou amenizados, a cidade teria como receber mais pessoas por mais tempo.

Acrescentam-se a isso as preocupações com a publicidade do *Alto*, a adequação das rodovias, principalmente para o acesso ao Complexo

Turístico, e a ampliação de relações cooperativas com os municípios circunvizinhos ao desenvolvimento de uma rota turística interligada.

Por meio da interpretação das panorâmicas da cidade, Santa Cruz pode ser vista como tendo um enraizamento cultural muito forte com a história de Santa Rita de Cássia, perpetuando o vínculo de quase dois séculos, notadamente, pela memória e pela tradição. Nessa convivência, os moradores santa-cruzenses aprenderam e aprendem constantemente a representar, cada um de sua forma, a história da *Santa das causas impossíveis*.



A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e combiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente

Stuart Hall

CAPÍTULO 3

EM BUSCA DAS IDENTIDADES CULTURAIS DE SANTA RITA DE CÁSSIA

Neste capítulo, teremos o retrato do percurso metodológico aplicado ao trabalho, correspondendo: a nosso embasamento teórico diante dos estudos culturais contemporâneos de forma a favorecer a construção das identidades culturais de Santa Rita de Cássia sob a ótica dos moradores santa-cruzenses; ao paradigma escolhido; aos instrumentos de pesquisa, aos sujeitos e à construção do *corpus*. Mas antes de apresentarmos os sujeitos fotografados desta pesquisa e a construção do *corpus*, relataremos nossa primeira experiência. Essa investida serviu para registrarmos o que era transmitido ou difundido, oralmente, entre os moradores, ou seja, “pela boca do povo”, a popularidade da Santa na cidade e conferirmos se a feira livre de Santa Cruz seria um lugar adequado à construção do *corpus* definitivo. Em seguida, visitaremos os conceitos de Hall, relativos à identidade cultural e de Bakhtin e do Círculo, concernentes, sobretudo, à linguagem como prática discursiva juntamente com a análise dos aspectos linguísticos e discursivos, os quais funcionarão como elementos constitutivos das marcas identitárias, de forma a atender aos objetivos da pesquisa empreendida.

RELATANDO UMA PESQUISA-PILOTO

No início da investigação, foi realizada uma pesquisa-piloto no intuito de materializar o discurso dos moradores de Santa Cruz a respeito da história de vida de Rita de Cássia, devido aos registros anteriores

terem ficado no plano do oral, nas conversas rotineiras e na memória da autora.

A justificativa de ser a feira livre³⁷, inicialmente, o local de nossa pesquisa dá-se por entendermos esse local como um espaço onde se conversa sobre tudo e as relações entre os feirantes e os frequentadores são esteadas, na maioria das vezes, em formas harmoniosas de convivência, a saber: histórias de vida, causos vividos, jogos de adivinhações, brincadeiras e até músicas cantaroladas.

Enfim, “um repertório eclético que muitas vezes foi constituído a partir do discurso do outro, o freguês” (SILVA, 2011, p. 4), talvez fosse o lugar mais oportuno para se encontrar uma quantidade significativa de narrativas sobre Santa Rita. Também em sua tese de doutoramento, Bakhtin (2010a), quando analisa as questões do riso carnavalesco³⁸, tece sobre os períodos de feira, os quais coincidiam com as festas, como o carnaval, e que duravam muito tempo. Um dos exemplos é a célebre feira de Lyon, França, que tinha duração de 15 dias, quatro vezes ao ano. Dessa forma, “Lyon conhecia a vida de feira e, conseqüentemente, em larga medida, a vida de *carnaval*. O ambiente carnavalesco reinava sempre nessas ocasiões, qualquer que fosse o momento do ano” (BAKHTIN, 2010a, p. 132, grifo do autor).

Quanto à organização metodológica, a pesquisa-piloto foi realizada em um único dia, 12 de fevereiro de 2011, no período diurno, das 6 às

37 Funciona diariamente em Santa Cruz, mas é aos sábados que se instaura uma maior estrutura típica de feiras livres de médio a grande porte, com barracas em madeira e coberturas em napas. O espaço ocupado pela feira é público e corresponde ao largo da Igreja Matriz com a Av. Rio Branco. Feirantes, frequentadores e compradores de vários municípios circunjacentes e até de outros estados reconhecem Santa Cruz como um local bom e tradicional para o comércio e para a venda de produtos agropecuários.

38 Bakhtin (2010a) disserta especialmente sobre a relevância do riso no contexto da obra de François Rabelais no que corresponde aos períodos da Idade Média e do Renascimento. De natureza complexa, o riso carnavalesco é festivo, patrimônio do povo, universal, ambivalente: “O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época [...], situando-se nas fronteiras entre a arte e a vida” (BAKHTIN, 2010a, p. 3-6).

11h e das 14 às 17h, pela autora e mais três colaboradores³⁹. O espaço da feira foi dividido em quatro partes, ficando dois corredores específicos para cada um. O questionário continha sete perguntas abertas. Cada colaborador aplicou dez questionários, e a autora ficou com o número restante. Essa divisão ficou assim definida devido aos colaboradores terem a disponibilidade de apenas um turno, não dando tempo de se estenderem para mais questionários. Ao final, 48 questionários⁴⁰ foram gerados.

Após o levantamento das marcas linguístico-discursivas, relacionadas com as condições imediatas do contexto situacional – uma feira livre –, ou melhor, do contexto em que foram construídas, concluímos que os enunciados não chegaram, propriamente, a constituir uma resposta mais estruturada, e sim *flashes* identitários de Rita de Cássia, os quais nos davam pistas. Sentimos que precisávamos continuar seguindo naquela direção, como se fôssemos detetives⁴¹, diante de um trabalho à espera de investigações.

Portanto, a análise dessas manifestações discursivas, produzidas em situação experimental, conduziu-nos para que procurássemos rever as técnicas e os instrumentos de construção dos dados, sobretudo, um *corpus* mais “vigoroso”, em que pudéssemos fazer mais apreciações.

39 A referida pesquisa-piloto contou com a participação dos seguintes colaboradores: Lidiane Sousa – em 2013, concluinte de Letras – Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Currais Novos; Luis Mauro – também concluinte nesse mesmo ano do Curso Técnico de Refrigeração e Climatização, modalidade PROEJA, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte; e Miriana Ferreira – moradora santa-cruzense, com o ensino médio em andamento.

40 O exemplar desse questionário está reproduzido na íntegra no projeto de mestrado disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/19466>>. Acesso em: 10 out. 2016.

41 Neste livro, fazemos menção a dois textos: um refere-se ao paradigma indiciário no interior das Ciências Humanas proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1989), em que cita “a fábula ou conto oriental dos três irmãos que, interpretando uma série de indícios, conseguem descrever o aspecto de um animal que nunca viram”; o outro é de Amorim (1997), conforme descritos nas *Referências*.

Vale lembrar que a escolha dos entrevistados foi aleatória. Dentre eles, havia vendedores ou frequentadores da feira livre, em dia mais movimentado; homens e mulheres: jovens, adultos e idosos. Nessa experiência, como não houve qualquer seleção prévia dos participantes, alguns vendedores ou consumidores negaram-se a responder às questões propostas, justificando que não eram católicos, não sabiam do assunto ou não tinham tempo para respondê-las, ou ainda estarem muito ocupados nas vendas ou compras. Também ocorreu de alguns vendedores pedirem ao entrevistador que aguardasse a finalização da venda, para poderem dar prosseguimento ao questionário.

Embora estivéssemos com vestimentas adequadas tanto para realizar a pesquisa de campo na feira livre quanto para enfrentar a temperatura bastante alta, excedendo os 30 graus *Celsius* nesse dia, percebíamos grande movimentação por parte dos feirantes e compradores naquela ocasião no que se refere ao estranhamento ou curiosidade. A voz de um feirante ficou registrada em nossa memória quando passávamos em um dos corredores: “Já vieram aqui perguntar sobre Santa Rita a você? Aqui já passaram”.

Durante a pesquisa-piloto, não houve necessidade de intervenção da autora no trabalho desenvolvido pelos colaboradores. Nesse cenário, finalizamos essa etapa e seis meses depois fomos a campo, em busca do *corpus* definitivo desta pesquisa.

SUJEITOS FOTOGRAFADOS

Partimos do pressuposto de que “as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 131). Dessa forma, a pesquisa empreendida não permite que se entenda sobre a existência do mundo social sem a presença de sujeitos em práticas sociais.

Na intenção de completar essa ideia, o acesso ao objeto de estudo processa-se pela linguagem, sendo o texto, oral ou escrito, o dado primário de todas as Ciências Humanas e Sociais, e que, nas palavras de Oliveira (2012b, p. 10), “o objeto cognoscível configura-se como sendo sujeito, assim permanecendo não pode tornar-se mudo e seu conhecimento só pode ser dialógico”.

Insistimos ainda, antes de prosseguir com a apresentação dos participantes, em explicitar nosso entendimento conceitual de considerar a pessoa investigada desta pesquisa como um sujeito. Isso implica compreendê-lo com um ser possuidor de uma voz reveladora, capaz de fazer uma construção de um conhecimento sobre sua realidade e, por conseguinte, de tornar-se coparticipante do processo de pesquisa (FREITAS, 2007). Implica compreendê-lo também como um sujeito responsável, consciente, respondente, inconcluso, datado, enfim, “um sujeito que é história junto com a história de outros” (GERALDI, 2010, p. 292).

Após esse entendimento, para ser um sujeito participante desta pesquisa, o entrevistado teria de atender a dois critérios. O primeiro deles consistia que ele teria de ser um morador do local, podendo ter nascido em Santa Cruz ou não, pois o objetivo desta pesquisa é a construção identitária de (Santa) Rita de Cássia a partir das representações desses moradores para com a mulher e a Santa, e não a visão dos que estão de passagem, dos turistas religiosos que vão visitar o *Alto*, ou mesmo a visão de pessoas que possuem fins comerciais na cidade.

O segundo critério seria o fato de o entrevistado estar sendo visto pela primeira vez, respeitando as mesmas situações as quais os outros também passaram no momento da entrevista. Isso é considerado importante porque, no decorrer das investidas deste estudo, a autora conversou com muitas pessoas da cidade. Então, inferiu-se que seria possível a omissão de conteúdos essenciais por se tratar de já terem havido conversas anteriores sobre o mesmo assunto.

Inferiu-se também que, sendo vistos pela primeira vez e pertencendo a uma mesma situação de enunciação, os entrevistados seriam mais fluentes nas respostas. Além do mais, queríamos conhecer e verificar mais e mais pessoas que pudessem narrar sobre a história de Rita de Cássia e contar sobre suas relações com a Santa.

Por trás desses critérios, prezamos por uma compreensão de natureza social e dialógica, entendendo que o sujeito interage e não dubla o pensamento de ninguém, podendo discordar, acrescentar, corrigir, silenciar sobre o assunto, pois a pergunta suscita resposta, posicionamento e avaliação. A dimensão discursiva precisa ser contextualizada e analisável somente no conjunto do todo acabado, por ser um acontecimento inseparável do social (BAKHTIN, 2009).

Sendo assim, o perfil dos entrevistados não estaria restrito a uma paisagem cultural específica, por exemplo, de gênero ou de classe, pois não foi critério desta pesquisa restringir só homens ou só mulheres ou só católicos como sujeitos de pesquisa. Em vez disso, buscamos quem fosse morador pertencente à área urbana de Santa Cruz, quem quisesse enunciar sobre a proposta da pesquisa e estivesse sendo visto pela primeira vez, como justificado anteriormente.

Dessa forma, participam desta pesquisa dez sujeitos representantes de uma gama de moradores, a fim de possibilitar, por meio de seus discursos, a construção identitária de Santa Rita de Cássia.

Ressalvamos que, como foi dito anteriormente, alguns moradores tinham nas “portas de suas casas” enunciados de enaltecimento à Rita de Cássia como *Santa Rita, exemplo de santidade* (Figura 13) e *Santa Rita, nós te amamos* (Figura 14); entretanto, só chegamos até esses moradores por indicação, ou melhor, não fomos em busca diretamente dos moradores que tinham esses enunciados em suas residências. Dos dez entrevistados, dois eram os moradores dessas casas.

O anonimato deles foi providencial durante as observações, sendo as transcrições nomeadas *narrativas*⁴², numeradas de 1 a 10 (N1, N2, N3, N4, N5, N6, N7, N8, N9 e N10). Além de ser uma estratégia de não repetir exaustivamente o nome narrativa, temos o intuito de salvaguardá-los e de não causar-lhes qualquer tipo de transtorno, prejuízo ou constrangimento (BOGDAN; BLIKEN, 1994) quando forem revelados seus pensamentos, suas crenças, enfim, suas vidas nesta pesquisa. Isso decorre do motivo precípua de a pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais, sobretudo, adotar o princípio ético preliminar de não causar sofrimento humano, pois concebe a ciência como uma parceira na compreensão e ressignificação do mundo, como uma prática social e política de conhecimentos, dialogando com a vida, sem desconsiderar outras formas de conhecimento (MOITA LOPES, 2009b; OLIVEIRA, 2012b).

Dos dez entrevistados, oito são mulheres e dois são homens. Do total, quatro são solteiros, quatro são casados e dois, viúvos. A faixa etária média dos moradores é de 63 anos, com profissões e classes sociais diferenciadas. Nove deles disseram ser pertencentes à religião católica.

Como podemos constatar, a maioria dos sujeitos participantes era composta de mulheres (80%), embora não se tenha escolhido propositalmente esse percentual. Sobre isso, fazemos uma relação com os estudos desenvolvidos nos últimos anos pelo grupo de pesquisa *Gênero e Religião*, na Pontifícia Universidade Católica (PUC), de São Paulo. Nas palavras da pesquisadora Rosado-Nunes (2005), temos a seguinte argumentação:

Tal visão esconde um enorme equívoco que as atuais formas fundamentalistas das religiões, no Ocidente como no Oriente, vêm desvendar. Na verdade, as religiões são um campo de investimento masculino

42 Ao nos referirmos às narrativas constituintes do corpus da pesquisa, usaremos o “N” maiúsculo associado aos números de 1 a 10 (N1, N2, ..., N10). Elas estão completas nos Anexos B a K.

por excelência. Historicamente, os homens dominam a produção do que é “sagrado” nas diversas sociedades. Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas. As mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas. O investimento da população feminina nas religiões dá-se no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso (ROSADO-NUNES, 2005, p. 363, grifo do autor).

Segundo estatísticas populares, as quais ressaltam esses dados, confirma-se a observação do senso comum de que as mulheres investem mais em religião do que os homens. Por isso ocorrer, costumamos ouvir que as mulheres são mais religiosas do que os homens (ROSADO-NUNES, 2005).

Nas entrevistas, a maioria dos sujeitos pesquisados relatou que na infância participaram de momentos para a contação da vida de Rita de Cássia; sendo, normalmente, os primeiros narradores ou um adulto ou um idoso da família: os avôs, a mãe ou a(s) irmã(s).

O interessante nos enunciados desses quatro moradores foi o uso repetido do possuidor – *meu e minha(s)* – antes das representações familiares. Interessante também foi o uso de palavras confirmadoras, para que quem o escutasse compartilhasse o que estava sendo narrado: *certo?* (N4) e *né?* (N5). Trazemos as palavras dos próprios moradores para registrar quem contou, primeiramente, a história de Santa Rita de Cássia para eles:

N1: Pela primeira vez, desde que eu fui me criando, **meu avô** contava que Santa Rita de Cássia [...] (grifo nosso).

N2: Quem contou, primeiramente, a história para mim foram **minha mãe** e **meu pai**. Com certeza também meus avós. Vem com o outro, de geração em geração: começa pelos avós, aí vem para os pais e até hoje isso vai passando para as pessoas, sejam filhos, netos, primos, não é? Toda a família. E assim eu fui criada, sabendo a história de Santa Rita e depois, claro, com mais tempo eu comecei a ver, a ler a história de Santa Rita, para eu conhecer melhor a história dela e também porque é a padroeira do nosso município [...] (grifo nosso).

N4: Aos sessenta e dois anos e de tradição religiosa, logo pequeno, **minha mãe** e **minhas irmãs** me ensinaram e me levavam para as comemorações da festa de Santa Rita de Cássia, padroeira de Santa Cruz, **certo?** Mas quem me contou primeiro e sempre me contava sobre Santa Rita foi **minha irmã** [diz o nome da irmã]. Hoje, ela tem oitenta anos [...] (grifo nosso).

N5: Quem contou primeiro [a história de Santa Rita] foi **minha mãe**, dizendo assim [...]. Às vezes, o padre, o povo, **né?** **Minha avó** e **meu avô** eram quem contavam também [...] (grifo nosso).

Notamos ainda nos relatos, e não podemos deixar de dizer, o quanto um contador de histórias no âmbito familiar influencia o que ouve. O centro das atenções passa a ser também o narrador, e a forma como foi contada pode ter liames até os dias atuais. Nos relatos a seguir, veremos isso:

N4: Na minha criancice, **minha irmã** mostrava as virtudes de Santa Rita de Cássia e as graças que os fiéis obtinham elevando-lhe súplicas para as coisas ditas impossíveis, certo? E aquilo, de certa forma, marcou e ainda hoje eu continuo devoto de Santa Rita (grifo nosso).

N5: Eu já estou contando o que a **minha mãe** contava [...] (grifo nosso).

Em outro relato, desaparecem os dados essenciais de quem contou pela primeira vez a história e aparecem as justificativas de que não havia interesse nem curiosidade no assunto, o que nos permite registrar outra compreensão e mesmo outra análise do narrado:

N3: Não conhecia nada sobre a história de Rita de Cássia antes da construção da estátua na cidade. É até um lapso da minha parte, mas eu nunca tive a curiosidade e o interesse de saber. Nunca, nunca me contaram sobre. Depois que colocaram a estátua que despertou para saber quem é Santa Rita e de onde ela veio. Assim, como eu não sou católica nem sigo nenhuma religião, eu nunca procurei saber, entendeu? Eu li alguma coisa, mas não lembro quase nada. Hoje, **Rita de Cássia representa, sinceramente, nada para mim** (grifo nosso).

Com esses relatos, podemos compreender a linguagem como um enunciado concreto a partir do contexto santa-cruzense. Assim, a relação língua-contexto exerce papel fundamental na produção e compreensão do sentido. Tais histórias sobre a vida ritiana foram e são passadas de geração para geração, mas cada ouvinte/interlocutor/intérprete irá ressignificar o enunciado dito e como é dito de várias formas. Por sua vez, as gerações futuras, especialmente, de santa-cruzenses podem e devem elaborar suas próprias respostas frente ao comportamento da mulher Rita e da Santa de maneira diferentes. Enfim, nenhum santa-cruzense, por exemplo, será o último a dizer sobre tal história nessa cadeia enunciativa, pois a qualquer momento a palavra pode ser reiterada, ou mesmo, reelaborada.

Por fim, não podemos deixar de frisar duas outras ocorrências. Uma delas: a população de modo geral, por volta de 1950, não tinha

acesso facilmente à televisão, a jornais escritos, a rádios ou a outros meios mais sofisticados, como hoje em dia temos a *internet*. Por isso, a ênfase de essas reuniões familiares terem mais espaços para a contação de histórias, dentre elas a hagiografia de Rita de Cássia, passando-a de geração para geração. A outra: em tempos pós-modernos, o escutar vem sendo substituído por outros canais de comunicação mais sofisticados, como citamos anteriormente, a *internet*, e permitindo gradativamente o desaparecimento da contação de histórias, sejam causos, sejam contos, sejam fábulas. O processo de globalização trouxe canais e instrumentos bem sofisticados, inibindo as famosas rodas de conversa, que eram tão comuns em lugares onde os aparelhos eletroeletrônicos não ganhavam tantos espaços.

E POR FALAR EM LINGUAGEM, SUJEITOS E TUDO MAIS

Como consequência das reflexões desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin, de 1919 a 1929, sobre o que era o *mundo da cultura* – onde são construídos e sedimentados os valores circulantes em determinada sociedade, esta chamada de superestrutura –, vieram os estudos acerca da linguagem, os quais, hoje, são denominados de concepção dialógica da linguagem.

Nessas reflexões, tem-se, como ideia precípua, uma estreita relação entre o estudo do conhecimento científico, da literatura, da religião, da ética e os problemas da filosofia da linguagem (OLIVEIRA, 2002).

A partir dessa ideia basilar, a concepção de linguagem como prática discursiva é uma fonte do embasamento teórico formulado pelo Círculo de Bakhtin e creditada nesta pesquisa por se tratar da questão da unicidade e eventicidade do *ser*; do tema de contraposição eu/outro e do componente axiológico⁴³ intrínseco ao existir humano (FARACO, 2009).

43 Nos estudos do Círculo, tem-se a acepção de posicionamento (FARACO, 2009) e de vínculo valorativo, designado pela expressão tom emotivo-volitivo (BAKHTIN, 2010c).

Consideramos, também, que “toda prática discursiva é situada no mundo sócio-histórico e cultural em que ocorre” (MOITA LOPES, 2003, p. 22) assim como entendemos que, independentemente da vertente teórica, há uma “imprescindível relação com a realidade concreta na qual essas práticas emergem” (OLIVEIRA, 2009b, p. 3).

Para iniciarmos a compreensão de parte do pensamento de Bakhtin e do Círculo, tomaremos como ponto de partida a obra *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2010c), sobretudo por se tratar de um vasto empreendimento teórico em que se apresenta a linguagem como atividade, e não como sistema, e o enunciado como um ato singular, irrepetível, concretamente situado e emergindo de uma atitude valorativa em relação a determinado estado de coisas (FARACO, 2009).

Na obra supramencionada, Bakhtin (2010c) parte do argumento de que há uma dualidade entre o *mundo da teoria* ou *mundo da cultura* e o *mundo da vida*, mas que esses não se comunicam nem é possível suprimir esse dualismo. Ademais, ao insistir na associação entre esses mundos, Bakhtin propõe-se a discutir os princípios que deveriam reger uma filosofia primeira, entendida no sentido aristotélico, a de compreender o *ser da linguagem* no processo de sua existência.

Dessa forma, é feito um *estado da arte*, ou seja, uma avaliação das teorias mais expressivas até então produzidas e em circulação, chegando-se à conclusão de que, nesse diálogo, particularmente, essas teorias pertencentes ao campo da ciência, da filosofia, da ética e da estética seriam portadoras de um atributo, denominado por Bakhtin de teoreticismo (OLIVEIRA, 2012).

O teoreticismo seria “a tentativa de incluir o mundo da cognição teórica no existir único, assumindo-o como entidade psíquica” (BAKHTIN, 2010c, p. 56), outrossim, “as objetificações da historicidade vivida, obtidas pelos processos de abstração típicos da razão teórica” (FARACO, 2009, p. 16).

Sendo assim, no enfoque bakhtiniano, há a defesa de que qualquer investigação ou qualquer formulação teórica que pretenda compreender o *ser* em essência e apresentar as orientações para sua vida terá como princípio o *mundo da vida*, porque é nesse espaço que os seres realizam o ato ético cuja ação humana é concreta, responsável e posicionada, emergindo em relações intersubjetivas; é nesse espaço que os seres “vivem, criam, conhecem, contemplam e morrem” (OLIVEIRA, 2012, p. 269).

Sobremaneira, Bakhtin (2010c) argumenta reiterando sempre o que diz respeito ao irrepetível, ao que está sempre por ser alcançado, ao antissistêmico, ao interagir e ao vínculo valorativo. Isso tudo são peças que permanecerão presentes e nucleares em todo o empreendimento bakhtiniano, ganhando “formas diferentes” e encaixando-se de “modo diverso a partir do momento em que Bakhtin elabora sua filosofia da linguagem” (FARACO, 2010, p. 148).

Uma dessas peças, como expressa Faraco (2010), discutidas por Bakhtin e seu Círculo, é o ser humano, embora não esteja explícita a questão do sujeito em determinada obra, e sim diluída em vários textos. Na realidade, o empreendimento bakhtiniano consiste em propor que há entre o particular (vida) e o geral (arte) uma interconstituição dialógica, não privilegiando nenhum deles, e sim a integração de um no outro quanto à “produção de atos, de enunciados, de obras, enfim, de dizeres, que produzem a realidade discursiva” (GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO, 2009, p. 88).

Constituído de fora para dentro, esse ser humano concreto compreendido como um agente consciente, um ser de ações concretas, enfim, um sujeito ativo que “intui sua unicidade, que se percebe único, que reconhece estar ocupando um lugar único que jamais foi ocupado por alguém e que não pode ser ocupado por nenhum outro” (FARACO, 2009, p. 21).

Diante da concepção de sujeito humano visto como uma “figura discursiva” (HALL, 2006, p. 23) – já mencionada na primeira parte desta seção –, entendemos que esse *ser da linguagem* carece e constitui-se desde sempre de relações com os outros e com as coisas da vida, tendo consciência do que enuncia por meio da e na linguagem.

Na visão do Círculo, a linguagem só existe se estiver imersa no mundo real, e a consciência carece desse mundo para poder constituir-se ao mesmo tempo que também o constrói (GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO, 2009). Ademais, a interpretação, juntamente com a valoração dos enunciados, vai além de simples decodificação do alfabeto e entendimento das estruturas fixas da língua.

Nos estudos bakhtinianos, entende-se que a responsividade é exercida a partir do momento em que sua unicidade se faz consciente e é compreendido o poder de ação, do agir, do ato não indiferente. Outrossim, em ação responsiva, o *eu* não vive só para si, e a relação com o *outro* torna-se precípua: “o **eu** e o **outro** são, cada um, um universo de valores” (FARACO, 2009, p. 21, grifo do autor). Em razão disso, ao correlacionar esses universos, quadros axiológicos distintos irão sendo formados, e essas distinções, constitutivas de nossos atos, de nossos enunciados, marcarão que o *ser da linguagem* é definitivamente único e singular, por excelência. Isso significa dizer que “uma empatia passiva, o ser possuído, a perda de si, não tem nada em comum com a ação-ato *responsável* do renunciar a si mesmo ou da abnegação” (FARACO, 2010, p. 63).

Bakhtin (2010c, p. 63-64) cita que o grande símbolo de ativa abnegação foi Jesus Cristo, que “nos deixou, sofrendo na eucaristia, na doação de seu corpo e do seu sangue, uma morte permanente, permanece vivo e ativo no mundo dos eventos, mesmo quando deixou o mundo”. Portanto, o mundo depois de Cristo jamais poderá ser o mesmo, como se Jesus não tivesse existido.

Vale resgatar a correlação estreita entre o enunciado e a situação concreta de sua enunciação bem como sua atitude avaliativa. Esta pode estar marcada na entonação no momento da enunciação, ou mesmo, no silenciamento do enunciado, no não dito.

De acordo com Bakhtin (*apud* FARACO, 2009, p. 24),

a palavra não apenas designa um objeto como uma entidade pronta mas também expressa por sua entonação minha atitude valorativa em relação ao objeto, em relação àquilo que é desejável ou indesejável nele e, desse modo, movimenta-o em direção do que ainda está por ser determinado nele, transforma-o num momento constituinte do evento vivo, em processo.

Retomando a consciência no dizer, entendemos o enunciado concreto no sentido de ser indissociável da vida, expressando-se nele o pensamento humano frente a um determinado evento social e impossível de ser reduzido a abstrações, funcionando como um registro do não álbi e asseverando valor sobre o dizer.

Ponzio (2012, p. 23) considera que “apesar de todos os seus esforços, o eu não consegue conter a palavra alheia, a entonação alheia, os pensamentos alheios, dentro dos limites de sua identidade: tudo o que revela a alteridade escapa da identidade do eu”.

Enfatizamos que Bakhtin chama a atenção para a necessidade de que a análise dos enunciados concretos tanto contemple um contexto mais amplo como exceda o tempo da atualidade, privilegiando o diálogo infinito e inacabável, em que nenhum sentido morra. O autor deixa a recomendação de que as investigações não obscureçam sentidos e valores presos ao presente, e sim que vão à busca do grande tempo, ao tempo da humanidade.

Assim, para Bakhtin (2010b, p. 366, grifo do autor), “no campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão.

A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade [...] aos olhos de *outra* cultura”.

A partir disso, nesse encontro dialógico de culturas, Bakhtin (2012b) assevera que elas não se fundem nem se confundem, ou seja: cada cultura mantém sua unidade e sua integridade aberta, mas ambas se enriquecem mutuamente.

Com relação ao termo *enunciação*, empregado em várias obras do Círculo, tem-se muitas vezes a acepção de ato de fala; já o termo *enunciação concreta* define-se como a realização exterior da atividade mental – discurso interior sob orientação social – em interação com interlocutores concretos (BAKHTIN, 2009).

O enunciado é entendido como a unidade real da comunicação discursiva, diferenciando-se das palavras e orações, convencionalmente chamadas de unidades da língua (BAKHTIN, 2010b). Também, são apresentadas três características de um enunciado. A primeira delas é haver alternância dos sujeitos falantes. A segunda, de conclusibilidade, é específica do diálogo, garantindo a ação responsiva e estabelecendo relações tais como de perguntar, objetar, aceitar e ordenar. A terceira das características é a escolha de um gênero discursivo para representar o dizer (GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO, 2009).

Sobre essa última característica, Freitas, Jobim e Souza e Kramer (2007, p. 8) acreditam que

os indivíduos e os grupos podem conquistar uma consciência crítica, cada vez mais elaborada, sobre a experiência humana, na medida em que são capazes de permitir que os diferentes gêneros de discursos (desde o discurso acadêmico até as formas cotidianas de expressão, através de ações, opiniões e representações sociais) possam interagir, transformando e ressignificando mutuamente as concepções, sobre o conhecimento e a experiência

humanos que circulam entre as pessoas num determinado espaço sociocultural, e num dado momento histórico.

Dessa forma, os enunciados estão relacionados sempre com um tipo de atividade em que os participantes estão envolvidos e com os gêneros do discurso, “que são tão heterogêneos e multiformes como são as nossas práticas sociais” (ALVES, 2008, p. 139), servindo como uma unidade de classificação: “reunir entes diferentes com base em traços comuns” (FARACO, 2009, p. 123). Desde sempre porque falamos situados, “nossos enunciados (orais e escritos) têm [...] conteúdo temático, organização composicional e estilo próprios correlacionados às condições específicos e às finalidades de cada esfera⁴⁴ de atividade” (FARACO, 2009, p. 126).

A exotopia, tomada na acepção de se situar em lugar exterior, é um conceito que acompanha toda a obra de Bakhtin e do Círculo no que tange à relação espaço-tempo. Como um dos melhores exemplos bakhtinianos para essa acepção, temos:

[...] o próprio homem não consegue perceber de verdade e assimilar integralmente nem a sua própria imagem externa, nenhum espelho ou foto o ajudarão; sua autêntica imagem externa pode ser vista e entendida apenas por outras pessoas, graças à distancia espacial e ao fato de serem *outras*” (BAKHTIN, 2010b, p. 366, grifo do autor).

As leituras bakhtinianas que abordam esse assunto indicam que tal acepção refere-se tanto à atividade estética quanto à atividade da pesquisa nas Ciências Humanas (AMORIM, 2006).

44 Esse conceito está presente em todo o empreendimento bakhtiniano e constitui-se em uma “importante alternativa para pensar as especificidades das produções ideológicas (obras literárias, artigos científicos, reportagens de jornal, livro didático, etc.) sem cair na visão imanente da obra de arte do formalismo nem no determinismo do marxismo ortodoxo” (GRILLO, 2006, p. 147).

Ainda, como forma de exemplificar o mecanismo da exotopia, Amorim (2006, p. 96-97) traz o exemplo clássico do retrato em pintura, que resume essa noção:

não posso me ver como totalidade, não posso ter uma visão completa de mim mesmo, e somente um outro pode construir o todo que me define. Os acontecimentos maiores que definem minha existência, meu nascimento e minha morte, não me pertencem. Porque, para que ganhem sentido de acontecimento, precisam ser situados em relação a um antes e a um depois. E não posso estar antes do meu nascimento nem depois de minha morte.

Nessa perspectiva bakhtiniana, não se pode ser herói de sua própria vida. Conforme reitera Amorim (2006, p. 97), o “outro que está de fora é quem pode dar uma imagem acabada de mim”. Esse acabamento⁴⁵, interpretado por meio do retrato pintado pelo artista, revela-se no trabalho, primeiramente, na tentativa de captar o olhar do outro e, em seguida, de retornar a seu lugar, sendo exterior à vivência do retratado, a fim de sintetizar o que vê, de acordo com seus valores (AMORIM, 2006).

Essa particularidade exotópica também concernente às pesquisas nas Ciências Humanas, uma vez que o sujeito é considerado um ser falante e produtor textual, confere um caráter dialógico à relação. Conforme explica Bakhtin (2010b, p. 21):

Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e

45 O sentido de acabamento não remete à ideia de aprisionamento, e sim a “um ato generoso de quem *dá de si*” (AMORIM, 2006, p. 97, grifo do autor). O tradutor Paulo Bezerra (BAKHTIN, 2010b) e o GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO utilizam o termo conclusibilidade em vez de acabamento.

nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (BAKHTIN, 2010b, p. 21, grifo do autor).

Assim, o olhar do *eu* para o *outro* passa por suas leituras a partir de seus valores, crenças e posicionamentos, dando o acabamento a partir dessa posição axiológica, em conjunto com as interações sociais. Enfim, a exotopia é uma mão dupla: assumir a minha responsabilidade de responder e também a obrigação de assumir minha responsabilidade (ALVES, 2009; GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO, 2009).

Na visão teórica em que nos embasamos, compreender o *outro* da forma como ele articula seus pensamentos e expressa seus valores implica necessariamente voltar ao lugar que *eu* ocupo no mundo, pois, somente nesse entendimento, posso dar acabamento, vendo o *outro* em sua inteireza, respeitando sua posição ímpar no mundo. Compreender o *outro* implica também “postura ética, responsável com a visão que se tem do corpo alheio no que concerne ao respeito, ao olhar amoroso que para Bakhtin garante a singularidade, a diferença, a eventicidade do ser no mundo e na vida” (ALVES, 2009, p. 5).

Na categoria do *eu*, minha imagem externa só pode ser vivenciada totalmente na categoria do *outro*, dando a esse eu um valor e um acabamento, visto que nem diante do espelho nós garantimos o todo de nós mesmos. De acordo com Alves (2009, p. 5),

ocorre que a nossa relação com a nossa própria imagem externa não é de índole imediatamente estética, mas diz respeito ao seu possível efeito sobre os outros e sua visão, observadores imediatos, e, assim, nós a avaliamos não para nós mesmos, mas para os outros e por meio dos outros. É com o outro e pelo outro que nos vemos.

Esse aspecto contempla o viver do sujeito concreto relacionado com a díade eu-outro cuja importância fundamental é tanto em relação à ética quanto à estética; conseqüentemente, uma intersecção entre os olhares – dos *outros* sobre o *eu* e do olhar do *eu* sobre si mesmo – vai sendo construída para a imagem de si. Em outras palavras, a presença da voz do *outro* está constituída no discurso do *eu*.

Antes de darmos seguimento, fazemos uma grande ressalva quanto a não estarmos trabalhando com a autobiografia, a biografia, ou mesmo a hagiografia em si, conforme antecipamos nos *ensaios iniciais* deste livro. Contudo, quando nos reportamos aos moradores santa-cruzenses e eles respondem à pergunta-chave: *Conte, para mim, quem é Santa Rita de Cássia*, uma hagiografia ritiana vai se formando. Mesmo assim, permanecemos na busca da construção das identidades culturais a partir das representações desses moradores para com a mulher e a Santa Rita de Cássia, e não iremos discutir, estritamente, aspectos hagiográficos. O que podemos fazer é citar fatos pertinentes às narrativas, a fim de situarmos nosso leitor.

Em razão disso, fazemos questão de trazer à tona algumas observações bakhtinianas acerca de *autobiografia e biografia*, porque as respostas dos moradores santa-cruzenses estão aliadas, intrinsecamente, com posições axiológicas em relação aos fatos da vida de Rita de Cássia, conforme foi analisado nos discursos que constituem a terceira seção deste livro. Ou seja:

o mundo da biografia não é fechado nem concluído, não está isolado de acontecimento único e singular da existência por fronteiras sólidas e de princípio. [...] a vida biográfica e a enunciação biográfica são sempre cercadas de uma fé ingênua, seu clima é quente; a biografia é profundamente crédula mas de uma credulidade ingênua (sem crises), pressupõe um ativismo bondoso, que se situa fora dela e a engloba (BAKHTIN, 2010b, p. 152).

Bakhtin (2010b, p. 153) conclui o item acerca da autobiografia e da biografia argumentando que “a biografia é uma dádiva que recebo dos outros e para os outros, mas eu a domino ingênua e tranquilamente [...]; o momento de empatia tem a máxima importância”.

O autor também discute sobre a hagiografia, dizendo que ela “se realiza diretamente no mundo do divino. Cada elemento dela é representado como tendo significação precisamente nesse mundo; a vida de um santo é uma vida significativa em Deus” (BAKHTIN, 2010b, p. 169-170). Para esse pensador, tal vida deve revestir-se das formas tradicionais para se constituir, e “a forma hagiográfica é tradicionalmente convencional, cimentada por uma autoridade indiscutível, e aceita afetuosamente o ser *da expressão* que, mesmo sendo inadequada, é conseqüentemente perceptiva” (BAKHTIN, 2010b, p. 169-170, grifo do autor).

Bakhtin (2010b, p. 170) salienta que é “possível ainda toda uma tradição simbólica na interpretação da hagiografia”, pois no problema da representação do milagre e do acontecimento religioso supremo é importante “a renúncia resignada a qualquer adequabilidade, à individualidade e à submissão à tradição rigorosa”.

Nessa perspectiva, todo ato discursivo é dirigido a alguém e não pode haver enunciados neutros, ou seja: “todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto” (FARACO, 2009, p. 25).

De acordo com a teoria da refração do signo⁴⁶, “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata” (BAKHTIN, 2009, p. 47) e “sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 2009, p. 31). Essa refração trata, em certa medida, de outra realidade, sendo “este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel,

46 Nos estudos sobre a linguagem, “o signo tem seu espaço particular por operar como uma ponte entre a língua sistêmica e a realidade sócio-histórica, articulados pela ideologia” (GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO, 2009, p. 93).

capaz de evoluir”. Desse modo, como afirma Bakhtin (2009, p. 47), “em todo signo ideológico confrontam-se os índices de valor contraditórios”.

Esse tema da refração é rediscutido e conceituado como “o emaranhado de milhares de fios dialógicos tecidos pela consciência socioideológica em torno de cada objeto” (FARACO, 2009, p. 56). Bakhtin (2002) designa esses vários pontos de vista sobre o mundo, as pessoas e as coisas de *vozes sociais* ou *línguas sociais*. Essa noção, de acordo com o Círculo de Bakhtin, está vinculada à ideia de que a linguagem é uma heteroglossia dialogizada, pois no enunciado as vozes explícitas, ou não, estão adicionadas tanto à voz do enunciador como também às vozes de outros. Na figura bakhtiniana, “são palavras que perderam as aspas” (FARACO, 2009, p. 85).

Para Vóvio (2008), a dimensão saturada e multissêmica das palavras – que não se esgotam em significados estáticos e dicionarizados – decorre do conceito de dialogismo. Assim, essa pesquisadora define vozes sociais como

a rede de significações sociais disponível e em (re) construção, a partir da qual se pode dizer e interpretar o mundo e a realidade. Essas interpretações e sentidos se mostram em consonância com a dinâmica da história e das experiências dos grupos sociais, de sua atividade no mundo, no qual, ao mesmo tempo em que são desenvolvidas, produzem valorações diversas que conotam a própria atividade, os objetos e relações sociais nela envolvidas (VÓVIO, 2008, p. 441).

Da mesma forma que a concepção de sujeito, a de vozes sociais não está em uma obra específica, e sim abordada em vários materiais. O termo vozes sociais é argumentado, na visão bakhtiniana, em relação à noção de linguagem transitando entre os já ditos e os ainda não ditos (FARACO, 2009).

Focando a perspectiva do sujeito responsivo, outra ideia basilar nos estudos bakhtinianos são as relações dialógicas decorrentes da responsividade, “da tomada de posição axiológica” (FARACO, 2009, p. 121), as quais são inerentes a todos e quaisquer enunciados.

Nos estudos bakhtinianos, “a ideologia é social e se constrói em todas as esferas das interações” (GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO, 2009, p. 59). Também, poderia caracterizar-se como “a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens” (GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO, 2009, p. 59). Em virtude disso, a ideologia ainda pode ser compreendida como representação, pois, para poder se manifestar, precisa da linguagem, do simbólico e do signo ideológico. Enfim, a ideologia pode ser definida como “um conjunto de valores e de ideias que se constitui através da interação verbal de diferentes sujeitos pertencentes a diferentes grupos socialmente organizados na história concreta” (GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO, 2009, p. 60).

CENÁRIO ESCOLHIDO PARA OS FLASHES RITIANOS

Partindo de uma convivência⁴⁷ com os moradores santa-cruzenses e da pesquisa-piloto relatada, as quais deram subsídios à escolha tanto do ponto de vista teórico como metodológico desta pesquisa, observamos o quanto a cidade “movimenta-se” com o “assunto Santa Rita”.

Ademais, principalmente a partir de 2010, com a inauguração do *Alto de Santa Rita*, a cidade tornou-se “agitada”, com muitos ônibus de turismo, maior quantidade de carros e motos circulando nas ruas em virtude das visitas e, sobretudo, com a frequência dos participantes na *Missa da coroa*, que acontece no dia 22 de cada mês.

Embora a construção do *corpus* ainda não tivesse sido feita, já reúnhamos uma gama de gêneros/materiais sobre Santa Rita constituídos

47 Os anos 2009 e 2010 foram o período de moradia da autora em Santa Cruz, o que lhe possibilitava frequentar diversos locais na cidade e observar a conversa das pessoas do lugar.

a cidade durante o ano de 2010. Dentre eles, folhetos e panfletos publicados pelo Governo Municipal e distribuídos tanto à população local como a visitantes, com informações sobre os passos da obra do *Alto de Santa Rita* e quem é/foi Santa Rita de Cássia.

Ademais, os jornais de bairro e as revistas, publicados pelo poder público ou pela igreja católica local, expunham notas sobre Rita de Cássia. Ainda nessa mesma direção, os *blogs*, produzidos pelos próprios moradores e em número expressivo na cidade, divulgavam também informações e assuntos correlacionados a Santa Rita. Além disso, livros hagiográficos, novenas, santinhos, orações, marcadores de páginas, medalhas, correntes, pulseiras, terços, *CDs*, adesivos, cartões, imagens de gesso, entre outros materiais desse grupo foram adquiridos, ou mesmo, consultados. Vale registrar que muitas informações foram pesquisadas também em páginas eletrônicas, pela *internet*, sendo todos os dados registrados em um bloco de notas, denominado de caderno de campo.

Diante de tais possibilidades, já poderíamos elencar possíveis construções de identidades culturais de Santa Rita de Cássia a partir de outros olhares, a saber: o olhar dos poetas santa-cruzenses ou o olhar do poder público municipal ou o olhar dos religiosos da cidade. Mas decidimos escolher, privilegiadamente, o olhar dos moradores santa-cruzenses, por acreditarmos que esses sujeitos diriam muito “mais de perto de suas vidas” quem seria essa mulher.

Esses discursos, além de serem fonte substancial desta pesquisa por suscitarem ciência, são, paralelamente, compreendidos como dentro do mundo da vida. Na concepção bakhtiniana, o mundo da vida é qualificado como aquele no qual habita o ser humano concreto, em sua singularidade, onde os sujeitos posicionados podem e devem transformar os valores, construídos sócio-historicamente, “a partir das múltiplas esferas da criação ideológica – da ciência, da religião, do senso comum, da arte, [...] entre outras –, em um dever ser para si, orientador do seu agir” (OLIVEIRA, 2009b, p. 4).

Sendo assim, as teorias descritas, explicadas e orientadas para esse mundo da vida “deveriam tomar como ponto de partida os atos concretos nele realizados, pelos sujeitos éticos, em sua existência concreta e singular, inseparáveis dos atos que executam” (OLIVEIRA, 2009b, p. 4).

Prosseguindo com a construção do *corpus* desta pesquisa, uma questão prático-metodológica fez-se “delicada”. Além de localizarmos quais moradores poderiam relatar quem foi/é Rita de Cássia, teríamos de ir à busca dos discursos em “praça pública” – o largo da Igreja Matriz, mesmo local da pesquisa-piloto, onde funciona a feira livre da cidade –, como o ambiente propício para encontrarmos as pessoas dispostas a atender à proposta, já que o ambiente não estava com aquele movimento sabatino.

Por essa escolha, tivemos várias tentativas frustradas, pois as pessoas que estavam lá disseram que não estavam com tempo ou que não sabiam dizer nada sobre o que se perguntava. Parecia mais uma forma tímida de se comunicarem com uma “estranha” do que propriamente de não saberem dizer nada sobre o assunto. Portanto, na manhã do dia 29 de agosto de 2011, a primeira tentativa das entrevistas teve de ser reorganizada, pois não houve quórum. Então, após tentativas e reflexão, a metodologia foi contornada para que os discursos fossem enunciados e ouvidos.

Considerando ainda a experiência da pesquisa-piloto, não seria possível realizar as entrevistas na feira do sábado ou de outro dia, pois, provavelmente, as gravações dos relatos ficariam incompreensíveis, visto que nesse local há muitos ruídos dos motores de carros e motos, além de anúncios publicitários oportunizados insistentemente em carros de som e em caixas de som nas calçadas dos estabelecimentos comerciais, entre outros sons particulares da feira. Sem falar que, nesse espaço, as pessoas estão focadas nas compras ou no que foram fazer lá; e não na possibilidade de serem entrevistadas.

Essas ocorrências serviram para comprovar o fato de que metodologicamente não se constrói um *corpus* de maneira aleatória nem informalmente. Relacionando essa informação com a argumentação da pesquisadora Freitas (2007, p. 27), que, ao caracterizar a pesquisa na perspectiva histórico-cultural, conclui que:

[...] as questões formuladas para a pesquisa não são estabelecidas a partir da operacionalização de variáveis, mas se orientam para a compreensão dos fenômenos em toda a sua complexidade e em seu acontecer histórico. Isto é, não se cria artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas vai-se ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento.

Daí, resolvemos procurar a Biblioteca Pública Municipal, que fica próxima ao largo da Igreja Matriz, para ver se lá continham livros, informações de uma forma geral sobre Rita de Cássia na cidade.

Ao falarmos sobre o que pretendíamos com aquela ida à Biblioteca, a funcionária mostrou-se solícita em não só mostrar o material que dispunha (apenas uma cópia de um livro do Monsenhor Marchi (2009) – o qual consta nas referências deste trabalho acadêmico – e um folheto sobre a inauguração do *Alto*) mas também se propôs a contar sobre a vida de (Santa) Rita de Cássia. Como vimos que ela atendia aos critérios preestabelecidos, solicitamos-lhe permissão e começamos logo as gravações.

No final da entrevista, a primeira participante falou que teria uma indicação a fazer: conhecia uma pessoa que sabia (até mais que ela) de informações sobre (Santa) Rita de Cássia. Assim, aplicando a técnica da *bola de neve*⁴⁸, todas as indicações foram seguidas para chegarmos

48 É um processo de identificação dos sujeitos, que consiste de um indicar o outro como participante (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998).

aos sujeitos desta pesquisa, com a seguinte pergunta ao final das entrevistas: “O/A senhor(a) conhece outro morador que possa contar a história de Santa Rita de Cássia aqui na cidade?”. Por conseguinte, de casa em casa, nosso *corpus* foi se constituindo.

Isso foi possível em relação a nove dos dez entrevistados, pois uma foi convidada a ser participante pela pesquisadora, ou seja, não foi indicada por outro entrevistado. Essa pessoa, em virtude de trabalhar na Secretaria de Turismo da cidade, chamou nossa atenção por tratar do assunto tão de perto. Ainda com relação às entrevistas, o tempo de duração foi de cinco minutos, a mais curta, até 24 minutos, a mais longa.

É importante salientar e defender que nas narrativas perpassam-se os valores sobre aquilo que se fala, e o sujeito discursa sobre o que mais lhe chama atenção. Nesse sentido, a narrativa “determina o lugar social, desvela o real e aponta a constituição possível: o adornar de uma língua é adornar-se de uma visão de mundo, e como mudam as línguas, mudam também as representações de mundo que com elas constituímos” (MIOTELLO, 1996, p. 41).

Além disso, nosso procedimento metodológico escolhido não garante que todos os sujeitos narrem de forma similar, expressiva, ou, mesmo, que ressignifiquem a história de (Santa) Rita de Cássia em suas vidas. Entretanto, a partir da materialização do discurso de cada um dos sujeitos entrevistados, com as marcas linguísticas impressas e com os juízos de valor imanentes, podemos dar início à construção das identidades de Santa Rita de Cássia sob a ótica dos moradores entrevistados.

Nessa investida, quatro idas⁴⁹ pontuais ao município de Santa Cruz foram necessárias, na intenção de não perder o contato direto com nosso campo de pesquisa. A primeira foi no dia 12 de fevereiro de 2011, para aplicação de questionário na feira livre, anteriormente mencionada na pesquisa-piloto. A segunda ida, de suma importância,

49 No íterim de 2009 e 2010, a autora morou em Santa Cruz. A partir de 2011, fez viagens pontuais ao campo de pesquisa.

nos dias 29 e 30 de agosto e 1º de setembro de 2011, para a construção do *corpus* desta pesquisa, com as gravações dos discursos dos moradores santa-cruzenses. A terceira ida, de 10 a 12 de julho de 2012, para continuar resguardando outros gêneros/materiais sobre Santa Rita distribuídos ou vendidos na cidade, localizando cordéis nas vendas e sebos, consultando livros de escritores locais, sendo alguns exemplares bastante antigos e somente encontrados em bibliotecas particulares de alguns moradores, enfim, documentos em geral que se relacionassem com nosso tema. A quarta ida, de 9 a 23 de janeiro de 2013, para conferir se havia mudanças quanto aos enunciados das casas, pontos comerciais e compreender como era o funcionamento da *Missa da coroa* no dia 22 de janeiro.

Sobre essa última ida, fazemos uma ressalva: a maioria dos enunciados das residências dos moradores e dos anúncios dos pontos comerciais continuava praticamente do mesmo jeito desde 2011, quando foram feitas as observações e as fotografias, excetuando as marcas de desgastes pelo tempo em alguns materiais. Além disso, foram realizadas consultas em livros de batismo da Paróquia de Santa Rita de Cássia e visitas em dois cartórios privados da cidade. Ressaltamos que as fotografias dos estabelecimentos comerciais, das residências que enunciavam sobre Santa Rita e de assunto correlacionado à pesquisa sempre foram feitas em todas as idas a Santa Cruz pela própria autora.

Conforme mencionado, o *corpus* desta pesquisa foi constituído em três dias consecutivos por meio de gravações feitas em aparelho de MP3⁵⁰, compondo-se de dez narrativas da “história de Rita de Cássia”. A quantidade foi assim estabelecida por ter sido o número possível de gravações aos dias destinados à construção dos dados.

50 A sigla vem da abreviação de Mini Player camada 3, padrão de arquivos digitais de áudio em geral, estabelecido pelo Moving Picture Experts Group (MPEG). Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/MP3>>. Acesso em: 25 maio 2012.

As entrevistas feitas aos moradores, respeitando os espaços onde se encontrava cada entrevistado, no momento do aceite, foram os correspondentes à Biblioteca Municipal de Santa Cruz, às residências dos moradores e ao salão paroquial da Igreja Matriz. Durante as entrevistas, as anotações foram registradas por meio de um roteiro das entrevistas, apenso ao caderno de campo.

Rememoramos que essas gravações foram transcritas, correspondendo às narrativas 1 a 10, constantes nos Anexos B a K –, de forma a tornar a fala mais próxima da escrita padrão, de acordo com as normas ortográficas vigentes, visto que nos interessam aspectos linguísticos e, sobretudo, discursivos. Para atender ao objetivo desta pesquisa, não entendemos que “modificar” a fala dos moradores, transcrevendo-a o mais próximo à norma culta, poderia subtrair a riqueza de suas narrativas. Assim, não foram utilizadas convenções de transcrição no corpo das narrativas porque não objetivamos, neste estudo, analisar a conversação em si tampouco sua estrutura.

Após termos apresentado nossa filiação teórica e nosso percurso metodológico, partiremos para nossa investida em relação à construção das identidades culturais de Santa Rita de Cássia nas vozes dos moradores santa-cruzenses. Assim, aproveitamos para reiterar que os objetivos propostos nesta pesquisa são: compreender os possíveis discursos de identidades atribuídos a Santa Rita de Cássia por meio de circunstâncias enunciativas de moradores de Santa Cruz-RN e analisar as relações dialógicas entre os discursos de identidade atribuídos à referida santa.

SELEÇÃO DA LENTE ADEQUADA

A Linguística Aplicada (LA), sendo inicialmente uma disciplina voltada para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, tornou-se

um campo de estudos muito mais amplo após seus 60 anos⁵¹ de existência.

Os estudos desenvolvidos nessa área, ao longo desses anos no Brasil, têm contemplado variados e complexos contextos de pesquisa que vão desde estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras a investigações sobre os princípios e parâmetros da Gramática Gerativa na interlíngua de aprendizes de língua estrangeira, incluindo investigações aplicadas sobre estudos de linguagem como prática social, como é o caso da identidade (MOTTA-ROTH; MARCUZZO, 2008, MENEZES; SILVA; GOMES, 2009).

Recentemente, essas pesquisas em LA têm se relacionado com teorias locais e procedimentos historicamente situados, que tentam responder a dados contextualizados, voltando-se para questões sociais, políticas e geográficas, com foco em um sujeito sócio-histórico, transglobal, fragmentado, com identidades múltiplas (MOITA LOPES, 2003, MOTTA-ROTH; MARCUZZO, 2008).

Para Oliveira (2009c), confirmando a argumentação anterior, hoje, podemos, indubitavelmente, dizer que a LA liberta-se cada dia mais do rótulo de ser apenas uma “área de aplicação de modelos teóricos da Linguística ao mesmo tempo que ultrapassa a ideia de que a produção do conhecimento nessa área limitar-se-ia a objetos que digam respeito ao processo de ensino-aprendizagem de línguas” (OLIVEIRA, 2009a, p. 3). Dessa forma, a LA tem expandido seus estudos para além do ensino de línguas, da sala de aula e da formação de professores e “pretende assumir como objeto de estudo privilegiado a linguagem verbal em uso em práticas sociais que se realizam em contextos institucionais

51 Tomamos como referência a expansão da LA na segunda metade do século passado, mais precisamente a partir de 1956, com a fundação da *University of Edinburgh School of Applied Linguistics*, uma iniciativa do Conselho Britânico, e do *Center for Applied Linguistics*, em 1957, com o apoio da Fundação Ford, em Washington (STREVEN, 1991 *apud* MENEZES; SILVA; GOMES, 2009). No Brasil, o campo de estudo é oficializado com a criação de linhas de pesquisa, programas de pós-graduação ou área de concentração em LA a partir de 1970.

demarcados, nas esferas públicas e privadas, em universos discursivos, os mais diversos” (OLIVEIRA, 2009c, p. 3-4).

Dentre as características contemporâneas e as especificidades que favorecem a essa escolha metodológica, estão o enfoque transdisciplinar, sendo um mesmo objeto de estudo contemplado e envolvendo-se em diferentes áreas do conhecimento como Psicologia, Educação, História, Ciências Sociais, Ciências da Religião, Antropologia, entre outras, e a busca da compreensão das questões de linguagem que respondam, em parte, à sociedade contemporânea. Em razão disso, a metodologia adotada nesse campo tem sido vista ao mesmo tempo como problematizadora e dinâmica (MOTTA-ROTH; MARCUZZO, 2008), e os embasamentos teóricos utilizados pelo linguista aplicado vão depender das condições de relevância determinadas pelo problema a ser estudado e, portanto, vão subsidiar a análise e as possibilidades de intervenção.

Além de se envolver com os conhecimentos teóricos advindos de diversas áreas do conhecimento, para Moita Lopes (1996, p. 21), “a LA também formula seus próprios modelos teóricos, podendo colaborar com o avanço do conhecimento não somente dentro de seu campo de ação como também em outras áreas de pesquisa”. Na verdade, alguns linguistas aplicados defendem a posição de uma LA transgressora, indisciplinar (MOITA LOPES, 2008, 2009a); outros, antidisciplinar, transgressiva (PENNYCOOK, 2008); outros, ainda, de uma LA da desaprendizagem (FABRÍCIO, 2008). Isso nos permite dizer que essa área atravessa fronteiras no campo do conhecimento, produzindo outros modos de pensar, sem esquecer as questões de poder e de ética, e provendo outros modos de compreender o futuro “ao passo que também apresenta novas formas de politizar a vida social para além das histórias que nos contaram sobre quem somos” (MOITA LOPES, 2009a, p. 23).

Ainda para Moita Lopes (2004), uma abordagem teórica e metodológica híbrida não é privilégio somente da LA mas também de muitas outras áreas em que os pesquisadores contemplam a complexidade, a

discursividade e a visão socioconstrucionista. Nessa mesma perspectiva, Signorini (1998) argumenta que há duas grandes vantagens quando se está diante de uma construção de um objeto múltiplo e complexo: as tradições teórico-metodológicas não só diversas e multifacetadas devem ser consideradas como também concorrentes tanto no campo epistemológico quanto institucional acadêmico.

A primeira e principal vantagem dessa condição, como cita a autora, é a exposição à multiplicidade de paradigmas ou modelos epistemológicos que constituem o universo científico contemporâneo, favorecendo uma participação mais significativa da LA. Exemplo disso são as relações entre as teorias de interpretação, produzidas em diferentes áreas e disciplinas, e os estudos aplicados sobre tradução, leitura/escrita e discurso. A segunda vantagem, favorecida pela multiplicidade, é o distanciamento do pesquisador em relação ao universo de referência, contribuindo para a não reprodução, no âmbito específico da disciplina, “de uma certa ordem institucionalizada de posições, crenças e valores hierarquizados” (SIGNORINI, 1998, p. 97).

De forma análoga, Motta-Roth (2008, p. 45) argumenta, dentre outras possibilidades, que a LA preocupa-se com o modo como “o sujeito contemporâneo deseja, pode ou deve produzir significados a fim de atuar e interagir no meio social”. No entanto, responder a esse sujeito contemporâneo, globalizado, sem identidades marcadas, remete a estar inteirado ao mesmo tempo dos grandes avanços tecnológicos relacionados com sua vida, inclusive na presença dos acessos à *internet*⁵².

52 A rede mundial de computadores interconectados teve impulso por causa de interesses militares mas também foi um importante meio de comunicação acadêmico entre estudantes e professores universitários, principalmente nos EUA, que trocavam ideias, mensagens e descobertas por esse veículo. Muitos dizem que foi a maior criação tecnológica depois da invenção da televisão, na década de 1950. A expansão da *internet* para a população em geral deu-se na década de 1990, sendo utilizada por vários segmentos sociais a partir de então. Nos dias atuais, é impossível pensar em um mundo sem *internet*, e estar conectado à rede mundial passou a ser uma necessidade de extrema importância para as pessoas, seja na forma ativa seja na forma passiva, com o objetivo de resolver diversas situações cotidianas. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/internet/>>. Acesso em: 6 jul. 2013.

Por fim, corroboramos com a ideia de que a LA é um campo de investigação das Ciências Sociais (SEALEY; CARTER, 2004; MOITA LOPES, 2009b), centrando-se, primordialmente, no uso da linguagem dos participantes ou usuários da linguagem no contexto social (MOITA LOPES, 1996).

PARADIGMA INVESTIGATIVO QUALITATIVO

Por ser aliada ao campo de estudos da LA, escolhemos a pesquisa qualitativo-interpretativista como mais um componente metodológico desta investigação. Tal opção justifica-se por ambas as abordagens serem mais adequadas à natureza do objeto investigado, haja vista que o foco está voltado para o processo do uso da linguagem, sendo o conhecimento considerado como uma prática discursiva construída nas relações interpessoais (MOITA LOPES, 1994).

Ademais, o pesquisador não está isento das questões que o cercam, e sim é parte integrante dos elementos formadores da pesquisa: “seu posicionamento é o de um observador humano da condição humana e, na relação entre pesquisador e pesquisado, um não pode emudecer a voz do outro” (OLIVEIRA, 2012, p. 9-10).

Isso nos faz lembrar, dentre outras correlações, da posição exotópica do observador que, possibilitado de ver alguém de fora, constrói um excedente de visão, “*excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo” (BAKHTIN, 2010b, p. 21, grifo do autor).

Enfim, procuramos fazer uso de técnicas e instrumentos compatíveis ao que nós pretendemos investigar: as identidades culturais de Santa Rita de Cássia a partir da ótica dos moradores de Santa Cruz. Em razão disso, observações, anotações de campo, questionários, entrevistas e análises de documentos (fotografias, livros de batismo,

entre outros) foram realizados, conforme explicitamos anteriormente mas ainda continuaremos detalhando a seguir.

INSTRUMENTOS DE TRABALHO

Moita Lopes (2009b) defende como ponto crucial a escolha de instrumentos teóricos e metodológicos adequados para lidar com a pesquisa aplicada em sociedades contemporâneas ou em pesquisas que tratam das práticas sociais, nas quais nossas vidas privadas e públicas foram alteradas. Nesse sentido, esse linguista aplicado argumenta:

em sociedades nas quais o sujeito social tradicionalmente definido como homogêneo foi re-descrito em termos de sua natureza fragmentada, processual, discursiva e performativa não parece fazer mais sentido realizar pesquisa com base em teorias que o descorporificam e essencializam, apagando sua história, classe social, gênero, desejo, raça, etnia etc. ou mantendo-o em espaços fechados e previamente determinados (MOITA LOPES, 2009b, p. 37).

Quanto ao desenvolvimento desta pesquisa, fizemos uso da observação – um modo privilegiado de contato com o real e instrumento de apreensão que as Ciências Humanas e Sociais compartilham com as Ciências Naturais –, mais especificamente a chamada *técnica intermediária de observação*. Ressaltamos que, por termos posto em prática uma pesquisa-piloto antes da construção dos dados, nossa observação sobre o objeto de estudo ficou mais nítida, no sentido de estarmos com “um olhar ativo sustentado por uma questão” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 176).

A *técnica intermediária de observação* está compreendida entre a observação mais estruturada e a que se pretende livre, sem precisar criar situações artificiais de pesquisa, e, sobretudo, constitui um meio

fundamental de construir informação (LAVILLE; DIONNE, 1999). Assim, a observação foi conveniente, *a priori*, ao objeto de pesquisa.

Aliada à observação, uma entrevista semiestruturada, por meio de roteiro uniformizado, precisou ser elaborada antes de irmos a campo, a fim de “ouvirmos” o discurso dos moradores santa-cruzenses. Aliás, sem as entrevistas aplicadas, dificilmente conseguiríamos sobremaneira compreender de perto a importância de Santa Rita de Cássia em Santa Cruz.

Com cinco questões abertas, sendo uma delas a questão condutora das narrativas – *Conte o que você sabe sobre a história de Santa Rita de Cássia* –, o *corpus* desta pesquisa foi se compondo a partir das manifestações discursivas dos moradores santa-cruzenses.

Assim, as pessoas selecionadas para esta pesquisa foram interpe-ladas de forma natural, a maioria em suas residências. Isso significa dizer que as entrevistas foram e “são mais semelhantes a conversas entre dois confidentes do que a uma sessão formal de perguntas e respostas entre um investigador e um sujeito” (BOGDAN; BLIKEN, 1994, p. 68-69).

IDENTIDADE CULTURAL: “A MENINA DOS MEUS OLHOS”

Por Stuart Hall (1996, 2003a, 2012) ser um dos principais autores a discutir o conceito de identidade dentro dos estudos culturais, e nós termos interesse diretamente nessa abordagem, trazemos, a partir de então, algumas reflexões sobre tal conceito.

Hall (1996) defende a tese de que a identidade é constituída por meio da representação. Assim, nós, sujeitos, não refletimos apenas o que já existe: o que dizemos também nos constitui e nos permite, por conseguinte, apresentar um posicionamento. Nesse mesmo ensaio, associa os discursos do cinema caribenho e do cinema negro britânico, ambos emergentes, a uma nova identidade a partir do tempo pós-colonial.

Pensar o conceito de identidade cultural remete a irmos, pelo menos, a dois caminhos, segundo Hall (1996). Por um lado, sob uma condição

essencialista, de unificação e resistência, como de uma comunidade imaginada, fortalecendo os já acontecidos movimentos e expressões sociais: o feminismo⁵³, o movimento de resistência negra e de outras representações sociais que necessitam de referências fixas como uma condição de sua existência. Desse modo, as identidades culturais aqui postas “refletem as experiências históricas em comum e os códigos culturais partilhados que nos fornecem, a nós, como um ‘povo uno’, quadros de referência e sentido estáveis, contínuos, imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real” (HALL, 1996, p. 68, grifo do autor). Por outro lado, a identidade cultural é ambivalente e bem mais complexa, pois estão associadas às características da condição *essencialista*, do primeiro caso, a uma descontinuidade.

Hall (1996) exemplifica que podemos pensar nas identidades negras do Caribe como enquadradas sob dois eixos ou vetores em ação simultânea: o vetor de similaridade e continuidade e o vetor de diferença e ruptura. Também, para o referido teórico, essas identidades caribenhas têm de ser sempre pensadas nos termos do relacionamento dialógico entre esses dois eixos. O primeiro nos dá certa ligação com o passado; o segundo nos lembra de que o que partilhamos é precisamente a experiência de uma descontinuidade profunda: “os povos arrastados à escravidão, tráfico, colonização, migração vieram predominantemente da África, mas este abastecimento ao interromper-se, foi temporariamente substituído por mão de obra encomendada no subcontinente asiático” (HALL, 1996, p. 70).

Assim, com esses dois caminhos distintos, mas que se completam, Hall (1996, p. 70. grifo do autor) define o conceito de identidade cultural como sendo

53 Segundo Heywood (2010), esse movimento tem origem recente, a partir da década de 1960, mas muitas das ideias feministas já estavam arraigadas em diversas culturas como as da Grécia e da China. Para efeitos de uma breve retrospectiva, na Itália, em 1405, Christine de Pisan prenuncia muitas das ideias do feminismo moderno, defendendo o direito das mulheres à educação e à influência política.

pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um *posicionamento*. Donde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa “lei de origem” sem problemas, transcendental.

Nos anos 1990, esse pesquisador jamaicano continuou construindo a teorização no que diz respeito às identidades culturais. Nela, Hall (2012, p. 112, grifo do autor) acrescenta que “as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós [...]. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou ‘fixação’ do sujeito ao fluxo do discurso”. Isto é, as identidades são

as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” [...], sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos (HALL, 2012, p. 112, grifo do autor).

Desde as discussões teóricas sobre cultura em vários de seus textos e nessas duas últimas definições de identidade cultural, o autor salienta a questão da representação, uma vez que “é somente pelo modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos” (HALL, 2003a, p. 346).

Como forma de complementar o conceito de identidade cultural, aportamos o de representação quando define-o como “uma prática, um tipo de ‘trabalho’ que usa objetos materiais e efeitos (HALL, 2003b,

p. 25-26, tradução nossa, grifo do autor). Mas o *significado* depende não da qualidade material do signo, mas de sua *função simbólica*".⁵⁴ Segundo ele, também na linguagem um som particular ou uma palavra representa um conceito que pode gerar significado.

Como afirma Hall (2003b, p. 15, tradução nossa), representação "conecta significado e linguagem à cultura"⁵⁵, além de ter ocupado um novo e importante lugar. Entretanto, o significado precisa ser produzido e trocado entre os membros de uma cultura, com o uso de linguagem, de signos e de imagens que representam coisas. Não se trata de um processo simples nem direto.

Por fim, a argumentação apresentada pelo autor para o conceito de representação está relacionada com a cultura por dois sistemas:

o primeiro nos possibilita dar sentido para o mundo pela construção de um conjunto de correspondências ou uma corrente de equivalências entre coisas – pessoas, objetos, eventos, ideias abstratas, etc. – e nosso sistema de conceitos, nosso mapa conceitual. O segundo depende da construção de um conjunto de correspondências entre nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, marcado ou organizado em várias línguas que significa ou representa esses conceitos⁵⁶ (HALL, 2003b, p. 19, tradução nossa).

Esse teórico finaliza o conceito de representação dizendo que a relação entre coisas, conceitos e signos está apoiada nos significados

54 Texto original: "Representation is a practice, a kind of 'work', which uses material objects and effects. But the *meaning* depends, not on the material quality of the sign, but on its *symbolic function*" (grifo do autor).

55 Texto original: "Representation connects meaning and language to culture".

56 Texto original: "The first enables us to give meaning to the world by constructing a set of correspondences or a chain of equivalences between things – people, objects, events, abstract ideas, etc. – and our system of concepts, our conceptual maps. The second depends on constructing a set of correspondences between our conceptual map and a set of signs, arranged or organized into various languages which stand for or represent those concepts.

transmitidos pela linguagem, e o processo que liga esses três elementos – *teoria reflexiva* ou *teoria mimética*, *teoria intencional* e *teoria construcionista* ou *teoria construtivista* – chama-se representação (HALL, 2003b).

Em relação ao mapa conceitual, usado como sinônimo de sistema de conceitos, Hall (2003b) considera que cada pessoa tem o seu; e, nesse caso, cada um de nós interpreta o mundo de maneira diferente, visto que seríamos incapazes de compartilhar pensamentos ou de expressar ideias individuais para outras pessoas. Assim, nós, seres de um mesmo mundo social, somos “capazes de nos comunicar porque compartilhamos amplamente os mesmos mapas conceituais, e, então, interpretamos o mundo de maneiras similares”⁵⁷ (HALL, 2003b, p. 18, tradução nossa).

Ainda, um mapa conceitual compartilhado não é suficiente para entendermos tudo porque precisamos ser capazes de representar ou trocar significados e conceitos, desde que tenhamos acesso a uma linguagem compartilhada, comum, de forma que possamos correlacionar nossos conceitos e ideias com certas palavras escritas, sons falados ou imagens visuais (HALL, 2003b). Portanto, a representação para as coisas do mundo, por exemplo, a natureza, o avanço tecnológico, enfim, a vida, poderia ser compreendida como um ato complexo, que pode ocorrer por meio escrito, gestual ou oral.

Se cada um relatar o que algo ou alguém representa para outras pessoas, semelhanças e diferenças vão aparecer nesse diálogo. Em razão disso, nesta analogia, nem todo negro pensa e reflete a negritude da mesma forma, nem todo cristão pensa e reflete sua religião da mesma forma, nem todo brasileiro vê sua pátria da mesma forma, nem todo santa-cruzense narra a história de Rita de Cássia da mesma forma. Em outras palavras, a alteridade em sua diversidade está sendo considerada concebendo o outro como um sujeito pleno, a partir de uma marca cultural (OLIVEIRA, 2008).

57 Texto original: “we are able to communicate because we share broadly the same conceptual maps and thus make sense or for interpret the world in roughly similar ways”.

Inerentemente, ao estar diante da representação, estamos incluindo dois grandes campos: cultura e sociedade. Sobre o primeiro campo, Hall (2003a, p. 44, grifo do autor) argumenta que a cultura é uma produção, pois

tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.

Sobre o segundo campo – especificamente, a sociedade moderna –, Hall (2006, p. 14) argumenta que essas “são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente”. Argumenta também que essas características são as que distinguem tais sociedades das tradicionais.

Corroborando com esse pensamento, Giddens (1991, p. 44) discute que entre as sociedades tradicionais,

o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade

do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes.

Certamente, um ponto de dissenso bem perceptível entre as sociedades tradicionais e modernas é a forma como aquela lida com o permanecer, enquanto esta lida com a brevidade.

Em relação à sociedade, esta não é considerada para Hall (2006, p.17, grifo do autor) “um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma [...]. Ela está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma”.

De acordo com os pressupostos da ciência social contemporânea, o conceito de identidade ainda está em desenvolvimento. Hall (2006, p. 8, grifo do autor)⁵⁸ como também outros pesquisadores (ESCOSTEGUY, 2001; KELLNER, 1992; BRUNNER, 1991) defendem a ideia de que “as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas”. Nesse sentido, as identidades que estabilizaram o mundo social por muito tempo, agora dão lugar às novas identidades culturais, o que corrobora a ideia de que o estudo da identidade somente se constrói quando se está em crise.

A partir dessa noção de crise identitária, compreende-se que os sujeitos pós-modernos assumem “identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13, grifo do autor). A identificação com o país, a região, o estado, enfim, o lugar onde se nasce, por exemplo, é um processo de construção social e discursiva, não sendo definida biologicamente.

Para Bauman (2005, p. 26, grifo do autor), “a ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no

58 Hall (2006, 2012) defende a ideia de que a terminologia *identificação* seja mais adequada de se trabalhar do que *identidade*, visto que se trata de um processo. Mesmo tendo esse entendimento, conservamos o termo *identidade*.

sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia”. Todavia, esse pertencimento não nasce com o sujeito, ele é construído socialmente, repetido por vezes e ajustado às normas culturais.

As identidades dos sujeitos pós-modernos são formadas e transformadas nos sistemas culturais, construídas e reconstruídas nos processos linguísticos e sociais de natureza ideológica, “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’” (HALL, 2006, p. 12-13, grifo do autor). Ainda segundo Hall (2006, p. 13), a identidade é definida historicamente, e esse sujeito “assume identidades diferentes em diferentes momentos”, bem distintas das identidades do sujeito do Iluminismo e do sujeito sociológico.

A noção de sujeito do Iluminismo, usualmente, com identidades do sujeito masculino, baseava-se “numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2006, p. 10). Por sua vez, o sujeito sociológico “refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’” (HALL, 2006, p. 11, grifo do autor).

Nessa visão, o deslocamento do sujeito do Iluminismo (centrado) para o sujeito pós-moderno (descentrado) pode ser elencado por meio de cinco descentramentos, os quais representaram os avanços ocorridos no pensamento da segunda metade do século XX na teoria social e nas ciências humanas: o pensamento do sujeito pós-moderno influenciado pelas tradições dos pensamentos marxistas; pela teoria do inconsciente, de Freud; pelo trabalho do linguista estruturalista Ferdinand de Saussure; pelos estudos do filósofo e historiador Michel Foucault e pelo impacto do feminismo. Tudo isso tem como resultado o descentramento do sujeito do Iluminismo, o qual se desloca de suas

identidades fixas e estáveis para as identidades “abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas” (HALL, 2006, p. 46).

O conceito de descentramento da identidade e de sujeito cartesiano é completado na medida em que os sistemas de significação e de representação cultural se multiplicam, pois, como argumenta Hall (2006, p. 13), “somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

Wooward (2012, p. 54), por sua vez, ancora-se na concepção derridiana de *différance*, segundo a qual “o significado é produzido por meio de um processo de diferimento ou adiamento. [...] O que parece determinado é, pois, na verdade, fluido e inseguro, sem nenhum ponto de fechamento”, ou seja: o significado excede as oposições binárias e está sujeito ao deslizamento.

Ainda mais, nas palavras de Hall (2006, p. 41-71):

o significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis. [...] Sem relações de diferença, nenhuma representação ocorreria. Mas o que então se constitui dentro da representação é sempre passível de ser diferido, posposto, serializado.

Para Silva (2012), além de serem interdependentes, a identidade e a diferença resultam de atos da criação linguística. Isso quer dizer que elas são ativamente produzidas no mundo cultural e social, fazendo sentido porque somos sujeitos diferentes um dos outros. Ademais, a identidade e a diferença são ligadas à representação não porque,

somente, pertencem a um sistema sociocultural mas também a sistemas de poder. Esse mesmo autor acrescenta que “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade” (SILVA, 2012, p. 91).

No mundo moderno, as culturas nacionais, muitas vezes, acabam definindo quem somos nós de forma bastante genericada. Entretanto, as identidades culturais, deslocadas pelo processo de globalização⁵⁹, estão sempre em processo de transformação e, ao mesmo tempo que elas são construídas, organizadas e estruturadas, podem também ser reconstruídas, reorganizadas, reestruturadas no interior da representação.

Sobre isso, Bauman (2005) relata um episódio em que lhe pediram uma escolha entre os hinos da Grã-Bretanha, país onde morava há mais de trinta anos na época, ou da Polônia, país em que nasceu, mas que lhe tinham tirado o direito de ensinar lá. Ele confessou que não foi fácil achar a resposta, pois nasceu em um, mas estava se identificando bem com a cultura do outro país, visto que fora bem recebido por seus novos compatriotas. A partir de então, com essa experiência pessoal, Bauman (como uma pessoa comum) percebeu que pertencia a dois países, e a estratégia para tal situação foi solicitar que tocassem o hino europeu na solenidade.

Com esse episódio, o autor resume a mesma relação que acontece com as pessoas quando estão em busca de sua identidade, pois elas “se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’”. Essa expressão genérica traz a ideia de que essas tarefas não podem ser realizadas no “tempo real”, mas que serão presumivelmente

59 Hall (2006, p. 67) corrobora o conceito de globalização elaborado por McGrew (1992) segundo o qual “àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado”.

realizadas na plenitude do tempo – na infinitude [...]” (BAUMAN, 2005, p. 16, grifo do autor).

Nesse mesmo sentido, as identidades nacionais não nascem com o sujeito. Elas são formadas e transformadas no interior da representação. A nação, além de ser uma entidade política, é um sistema de representação cultural, e as pessoas participantes comungam da ideia de pertencimento, de estarem incluídas. Essas ideias sobre a nação estão contidas e podem ser abstraídas em histórias nos livros de literatura, narrativas populares que passam de geração para geração (HALL, 2006).

Ao se referir às identidades nacionais como comunidades imaginadas, Hall (2006, p. 61-62, grifo do autor) ilustra que “em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade”. Sendo assim, uma das formas de compreender melhor e mais detalhadamente a identidade é fazer a análise sob as paisagens culturais tais como classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade.

Todavia, as nações modernas não deveriam ser lidas como culturas nacionais de forma unificada, mas como híbridos culturais, porque não há nação que seja composta de apenas uma única cultura e uma única etnia⁶⁰, visto que as consequências do processo de globalização trouxeram sobre as identidades culturais a desintegração das identidades nacionais; o reforço pela resistência das identidades nacionais e de outras identidades locais ou particularistas; e a substituição de “velhas” identidades nacionais por novas identidades híbridas.

Dois conceitos importantes ainda são defendidos, espalhados entre o global e o local, sob a ótica da globalização. O conceito de “tradição” trata das identidades que tentam recuperar a pureza “anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas”

60 Estamos empregando esse termo no sentido de características culturais partilhadas por um povo quanto à língua, à religião, aos costumes e às tradições (HALL, 2006).

(HALL, 2006, p. 87). Já o conceito de “tradução” (transferir, transportar entre fronteiras) diz que as formações de identidades “carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas” (HALL, 2006, p. 88-89). Dessa união entre tradição e tradução, produzida na modernidade tardia, nas culturas híbridas, resulta sujeitos que devem aprender a transitar e conviver, no mínimo, com duas identidades, duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas.

Dentre as paisagens culturais – classe, etnia, gênero, nacionalidade, raça e sexualidade, como já mencionamos anteriormente –, evidenciamos a de gênero com a famosa frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, de Simone de Beauvoir⁶¹.

Logo, a identidade definida de mulher como categoria a ser defendida e emancipada no movimento feminista parece ter sido um objetivo basilar de Butler (1990, 1993). O problema apontado por essa pesquisadora em relação à corrente feminista foi o da inexistência desse sujeito que o feminismo queria ter como representante. Tal problema era um debate acadêmico preexistente em suas publicações, o que faz com que a autora insira-se como uma das pensadoras que mais aprofundaram tais discussões.

Butler (1990) reconceitua, na visão pós-moderna, o gênero em relação à performatividade e desconstrói o conceito de gênero no qual está baseada a teoria feminista. De forma resumida, a divisão sexo e gênero parte da premissa de que o primeiro é natural e o segundo é socialmente construído. Para essa pesquisadora, porém, o sexo não é natural, é de caráter também discursivo e cultural como o gênero.

61 Filósofa, escritora e professora são alguns de seus atributos profissionais. Beauvoir (1908-1986) nasceu na França e registrou-se também na história por ser pioneira na discussão do papel da mulher na sociedade e na crítica complexa à cultura patriarcal. Sua obra intitulada *O segundo sexo*, lançada em 1949, exerceu grande influência sobre o movimento feminista ao discutir “efetivamente a questão da política de gênero e ao prenunciar alguns dos temas desenvolvidos mais tarde por feministas radicais” (HEYWOOD, 2010, p. 37), reiterando que a posição da mulher é determinada por fatores sociais, e não por fatores naturais.

Ainda na visão de Butler (1990), para se “chegar” a tal modelo performativo, ações específicas ajustadas e repetidas a normas culturais histórica e socialmente construídas vão delineando a feminilidade e a masculinidade do sujeito. Assim, o gênero é “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos dentro de uma estrutura rígida e reguladora que se consolida, com o passar do tempo, produzindo o que aparenta ser substância, uma espécie natural de ser” (BUTLER, 1990, p. 33, tradução nossa)⁶² e “um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (BUTLER, 1990, p. 29). Portanto, Butler (1990, 1993) desenvolve seu argumento em torno do gênero e da sexualidade adotando a perspectiva de que o sujeito é discursivamente construído.

Corroborando esse pensamento, isso significa entender que “as pessoas *desempenham* gênero de modos diferentes em contextos diferentes e, algumas vezes, comportam-se de uma maneira que poderia ser associada ao ‘outro’ gênero” (CAMERON, 2010, p. 133, grifo do autor). Ademais, ao discutirmos sobre questões de gênero, estamos convergindo com os questionamentos semelhantes às outras paisagens culturais.

Até o instante, apresentamos questões relacionadas ao campo da identidade e ao campo dos sujeitos de/em uma sociedade pós-moderna, compreendidos como figuras discursivas que podem ressaltar as identidades culturais arquitetadas em prol dos próprios interesses, sejam eles socioeconômicos, sejam políticos, entre outros, em meio a seu dizer. Agora, passaremos para uma breve incursão sobre a categoria de gênero, visto que nosso estudo se debruça sobre as identidades de uma mulher, construídas a partir da ótica dos moradores de uma determinada cidade potiguar.

62 Texto original: “Gender is the stylization of the body, a set of repeated acts within a highly rigid regulatory frame that congeal over time to produce the appearance of substance, of a natural sort of being”.



O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis. [...] Sem relações de diferença, nenhuma representação ocorreria. Mas o que então se constitui dentro da representação é sempre passível de ser diferido, posposto, serializado.

Stuart Hall

CAPÍTULO 4

FLASHES RITIANOS: DIÁLOGOS ENTRE AS NARRATIVAS

Nesta seção, apresentaremos a análise das narrativas a partir dos enunciados concretos pesquisados, buscando responder às seguintes perguntas de pesquisa: *Quais são as identidades culturais atribuídas a Santa Rita de Cássia?* e *Quais as relações dialógicas entre esses discursos?* Dessa forma, destacaremos tanto as marcas linguísticas quanto os discursos que funcionam como indicadores da construção das identidades culturais de Santa Rita de Cássia. Apresentaremos, ainda, o diálogo entre essas narrativas, na tentativa de compreender que tipo de relação dialógica é formada, tomando como base as abordagens teóricas desenvolvidas anteriormente. Em seguida, cotejaremos e analisaremos os discursos dos santa-cruzenses sobre a história de Santa Rita de Cássia, a partir das marcas linguísticas e dos sentidos que deles emergem.

Rememoramos que nossa filiação teórica parte das análises dos enunciados concretos, dos posicionamentos dos sujeitos também concretos, ativos e respondentes e que esta pesquisa adquire forças no campo de estudos da Linguística Aplicada. Assim, como já fizemos menção anteriormente, pretendemos, a seguir, entrelaçar “arte e vida”, para alcançarmos as identidades culturais de Santa Rita de Cássia, à luz dos estudos identitários.

Ainda, ao passo que escolhemos pesquisar como objeto de estudo as identidades culturais de Santa Rita de Cássia, estamos direcionando

nossa pesquisa para a área dos estudos culturais contemporâneos, tomando como vertente os trabalhos originados na Inglaterra a partir do final dos anos 1950.

Nesse embasamento, um grupo foi fundado com a denominação de Centro de Estudos Culturais Contemporâneos⁶³, na Universidade de Birmingham, Inglaterra, em 1964, o qual discutia assuntos correlacionados com a cultura contemporânea e a sociedade, como também as mudanças sociais.

Esse mesmo Centro de Estudos, além de estar se constituindo como um movimento teórico-político definido, ou melhor, um movimento acadêmico-intelectual internacional, fazia uma abertura para que os estudos culturais britânicos se tornassem uma área multidisciplinar, na medida em que convergiam com várias preocupações e métodos de diversas disciplinas e compartilhavam vários assuntos da época referentes à sociedade, à história e à cultura. Em contrapartida, tais estudos lidavam com divergentes pontos de vista em relação a esses assuntos, mas comungavam sobremodo com as discussões relativas ao processo de formação das identidades culturais (FARIA, 2007).

Dentre os participantes do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, citamos os três primeiros: Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson. O primeiro, o fundador desse Centro, tratava em suas pesquisas da vida cultural da classe trabalhadora, a partir de “materiais culturais, antes desprezados, da cultura popular e dos meios de comunicação de massa, através de metodologia qualitativa” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 22). O segundo dizia em sua obra que “a cultura é uma categoria-chave que conecta a análise literária com a investigação social” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 22). Esse mesmo autor também reconhece, inclusive, “a importância do crescimento dos meios de comunicação em massa e do crescimento do uso da língua inglesa

63 *Centre for Contemporary Cultural Studies* (ESCOSTEGUY, 2001, p. 21; MATTELART; NEVEU, 2004, p. 55).

padrão, tanto no mundo ocidental como na parte oriental do Planeta” (FARIA, 2007, p. 24). O terceiro, em concordância com Williams, compreende a cultura como resultante das práticas e das relações sociais estabelecidas na vida em sociedade; sendo a cultura estabelecida a partir do enfrentamento entre classes sociais distintas. Entretanto, Thompson “resistia ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 22), tendo predileção de compreendê-la como “um enfrentamento entre modos de vida diferentes” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 22-23).

De forma a elucidar o campo das identidades, Rosa (2008) resume que elas, em nível global, se preocupam com aspectos nacionais e étnicos. Em nível mais local, preocupam-se com a identidade pessoal, sobretudo, com as relações pessoais e com a política sexual. Entretanto, por se tratar de um tema “emergente” – identidade –, é observado a partir de diferentes pontos de vista.

Alguns autores compreendem o caráter de representação coletiva e da identidade como um conjunto de significados partilhados, dentre os quais destacam-se: Bauman, Giddens, Hall, Kellner, Woodward, Canclini, Escosteguy e Martín-Barbero. Entretanto, a questão da identidade é, sobretudo, um conceito que está localizado sobre um problema, baseado na fragmentação e no deslocamento das identidades modernas (KELLNER, 1992). Nessa perspectiva, estudar a identidade cultural é de nenhuma forma constituir um conjunto de padrões, mas sim dar a permissão de os sujeitos se posicionarem e perceberem que as diferentes temporalidades podem ocupar um mesmo espaço, pois o moderno e o tradicional coabitam e estão sempre em renovação (BRUNNER, 1991).

Tendo a preocupação de não apresentar os pontos de dissensos do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, e sim de focalizar a temática central contemplada pelo grupo – o processo de formação das identidades culturais –, discutir a respeito disso corresponde a não apenas abordar o conceito mas também a inserir na discussão alguns

assuntos intrinsecamente associados a essa questão. Esses assuntos relacionam-se com a noção de crise da modernidade ou da pós-modernidade e com a globalização, em níveis individual, local, nacional e/ou global (FARIA, 2007).

Entretanto, conforme explicitamos nos *ensaios iniciais*, não nos comprometeremos em questionar os conteúdos específicos da hagiografia de Rita de Cássia como também não discutiremos os conteúdos específicos da esfera religiosa, embora, sempre que possível, uma breve contextualização dos principais acontecimentos históricos, culturais e/ou sociais dos períodos vividos por essa mulher seja considerada na análise.

Efetivamente, reforça Rosa (2008, p. 103, grifo do autor), “tal como os estudos sobre identidade demonstram, [...] estas marcações simbólicas funcionam como um *jogo das diferenças* aonde os discursos vão sendo delimitados pela colocação de fronteiras de significado que classificam as posições identitárias”.

Assim, sabendo que as identidades culturais podem ser pensadas, simultaneamente, sob os vetores da similaridade/continuidade e da diferença/ruptura e pensadas sempre nos termos do relacionamento dialógico entre esses dois eixos (HALL, 1996), sem esquecer ainda da possibilidade de reconstrução da própria identidade, precisamos nos apoiar em momentos de estabilidade discursiva, para assim referenciar alguns pontos comuns das identidades que serão aqui apresentadas (WOODWARD, 2012).

Conforme indicado no quadro que abre este capítulo, dividiremos nossa análise em duas partes principais. Na primeira, as narrativas serão agrupadas com base nos traços comuns de acordo com a pergunta do questionário de pesquisa: *Conte, para mim, quem é Santa Rita de Cássia*. Em seguida, localizaremos os possíveis campos semânticos⁶⁴,

64 Entendemos como um conjunto de palavras unidas pelo sentido, considerando tanto sua relevância em termos de atributos semânticos do léxico quanto sua construção.

a partir das marcas linguístico-discursivas em cada uma delas, com sublinhado e negrito simultaneamente. Quando o discurso for reportado no corpo do texto, usaremos sempre aspas. Na segunda parte da análise, estabeleceremos o diálogo entre as narrativas, as quais processarão a construção das identidades de Santa Rita de Cássia sob a ótica dos moradores santa-cruzenses, na tentativa de compreender suas relações dialógicas.

Dessa forma, organizamos em cinco grupos as diferentes narrativas à medida que os elementos/atributos/fatos da vida de (Santa) Rita de Cássia vão surgindo nos enunciados, porque a teoria que subsidia nossa análise do discurso permite tal empreendimento teórico e/ou metodológico, conforme segue.

PRIMEIRO FLASH

N1: **Santa** Rita de Cássia, ela nasceu, ela não queria se casar, **mas ela se casou para fazer a vontade dos pais.** Então, ela se casou com [não lembra o nome do marido de Rita de Cássia]. Ela **casou para fazer os gostos dos pais** (grifo nosso).

N2: Eu conheço a história dela desde que **ela moça foi obrigada pelos pais a se casar porque nessa época os pais escolhiam os pretendentes para a filha e ela não queria casar, até onde eu sei da história, mas ela casou para ser o quê? Obediente aos pais. Porque naquela época você tinha obediência aos pais.** Então, por ela ser obediente, foi e se casou. Ela passou por um casamento, **como você sabe**, não foi um casamento que ela escolheu. Foram os pais dela que escolheram. **Então, ninguém sabe se era o casamento que ela queria ou se era a vida religiosa que ela queria.** [...] Mas mesmo assim ela não desagradou. Não desagradou e continuou (grifo nosso).

N4: **Vamos voltar o tempo... Eu não lembro bem precisamente, mas sei que foi em mil quatrocentos e pouco, existia e ainda existe uma cidade chamada Cássia que fica a oitenta quilômetros de Roma. Então, fortemente influenciada pela religião católica, até por Roma ser a sede da igreja onde existe o papado desde São Pedro.** Então, **Santa** Rita nasceu em uma família simples, filha de camponeses e aos doze anos já despertava interesse pela castidade, em servir a Cristo, **mesmo contrariando o desejo dos seus pais** (grifo nosso).

N5: Ai, foi quando ela cresceu. Os pais queriam que ela casasse, mas ela não queria casar, **mas ela casou para fazer o pedido do pai e da mãe, né? O pai, principalmente, o pai.** Ela casou e teve dois filhos. Um, eu só sabia que se chamava Joaquim, agora o outro, eu não sei não. Não vou dizer a você que sei... Ai, pronto. **Mas, sabe quem é que conta essa história todinha bem melhor que eu? É na igreja, as meninas lá sabem.** Acho que ela queria, queria ser freira, né?. Ai, isso aí eu num sei por que isso aí **só quem sabe são os mais velhos.** O marido dela, mataram. **Até hoje em dia um mata uma coisa ruim – coisa ruim é o que o povo diz –, mas aquilo era tão ruim que morreu. A gente sente porque é humano, né? Ninguém quer que ninguém mate ninguém, né?, Mas, aí, a vida é assim mesmo** (grifo nosso).

Nesse primeiro grupo temático, observamos que há uma associação intrínseca de pensar que Rita de Cássia já nascera santa, de acordo com N1 e N4 (ambos utilizam o termo Santa). Para esses dois pontos de vista, Rita de Cássia recebeu a dádiva de ser uma pessoa diferente das outras crianças. Entretanto, diante dos conhecimentos oriundos da esfera religiosa, não se nasce santo, pode tornar-se um.

Para uma pessoa ser considerada santa é necessário ser instituído um processo de canonização ou causa da canonização, ou seja, alguns pré-requisitos são necessários para se alcançar o título final de santo. Esse processo inicia-se com a pessoa sendo considerada *servo de Deus*; depois passa para a segunda etapa, chamando-se *venerável*; em seguida, *beato*; e, por último, na quarta etapa, *santo* (AQUINO, 2008).

Apesar de a pergunta-chave do questionário – *Conte, para mim, quem é Santa Rita de Cássia* –, poder fazer com que os sujeitos entrevistados respondessem que Rita de Cássia já nascera santa, percebemos, em N2, que o sujeito entrevistado não se refere, em qualquer momento, ao fato de que Rita já nascera santa; e sim, trata-a com a palavra “moça”: “Eu conheço a história dela desde que ela moça foi obrigada”.

Também, em N2, uma mudança em relação ao comportamento dos filhos é mostrada, qual seja: “porque nessa época os pais escolhiam os pretendentes para a filha” e “porque naquela época você tinha obediência aos pais”. Tais pressupostos demonstram uma mudança de comportamento tanto dos pais quanto dos filhos na sociedade pós-moderna. Aqueles, hoje, não fazem a escolha dos pretendentes para os filhos. Estes não obedecem mais aos pais como antigamente. Vale a lembrança de que em uma determinada época, na sociedade ocidental, por volta do século XX, as mulheres, quando podiam estudar em colégios, eram somente para meninas. Inclusive, tinham apenas duas opções: o casamento ou o convento.

Observemos que N2 faz uma distinção sobre o mundo social atualmente em relação ao tempo passado, conforme o fragmento: “Obediente aos pais. Porque naquela época você tinha obediência aos pais”. Isso demonstra que o campo das identidades culturais não é “fechado”, uma vez que dá lugar a novas identidades culturais.

Novamente, em N2, duas expressões confirmam esse comportamento: “ela casou para ser o quê?” e “como você sabe, não foi um casamento que ela escolheu”. Percebemos que o sujeito faz uma pergunta para ele

mesmo responder. Em sua resposta, a questão da obediência é clara e objetiva. Já a segunda expressão sugere uma espécie de partilha das ideias entre o sujeito entrevistado e o entrevistador. Ele enuncia o que o outro já sabe de antemão. Isso pode ser ainda um recurso discursivo motivado por uma das três possibilidades seguintes: nervosismo no momento da entrevista, despreparo no momento de contar minuciosamente a história, ou mesmo, silenciamento pela possibilidade de o pesquisador já saber do assunto narrado.

Além disso, em N2, uma voz de desconfiança é lançada: “Então, ninguém sabe se era o casamento que ela queria ou se era a vida religiosa que ela queria”. A partir desse enunciado, conseguimos perceber que mesmo tendo escutado a história por meio de um ente familiar, esse sujeito se posiciona frente ao que escutou sobre o comportamento de Rita de Cássia. Essa desconfiança nos faz lembrar que a história rariana foi e é passada de geração para geração, mas cada ouvinte/intérprete dela irá ressignificar esse enunciado dito. Sobre isso, fazemos menção às relações dialógicas, por meio das quais, conforme Faraco (2009, p. 85):

Nossos enunciados emergem – como respostas ativas que são no diálogo social – da multidão das vozes interiorizadas. Eles são, assim, heterogêneos. Desse ponto de vista, nossos enunciados são sempre discurso citado, embora nem sempre percebidos como tal, já que são tantas as vozes incorporadas que muitas delas são ativas em nós sem que percebamos sua alteridade.

Distinguindo-se dos outros narradores desse grupo, o sujeito, em N4, possui uma característica performática em seu discurso e acaba fazendo como uma espécie de convite para que o ouvinte entre em um espaço destinado à contação de histórias: “Vamos voltar o tempo... Eu não lembro bem precisamente, mas sei que foi em mil quatrocentos e

pouco, existia e ainda existe uma cidade chamada Cássia que fica a oitenta quilômetros⁶⁵ de Roma”.

Podemos até inferir que a forma como o sujeito conta a história de Rita de Cássia pode ser uma característica igual à de seu ente familiar, sua irmã, quando contava a história. Relembremos o enunciado dessa narrativa:

N4: Aos sessenta e dois anos e de tradição religiosa, **logo pequeno, minha mãe e minhas irmãs me ensinaram e me levavam para as comemorações da festa de Santa Rita de Cássia, padroeira de Santa Cruz**, certo? **Mas quem me contou primeiro e sempre me contava sobre Santa Rita foi minha irmã [diz o nome da irmã]. Hoje, ela tem oitenta anos** [...] (grifo nosso).

Também, em N4, além de tal sujeito fornecer ao ouvinte dados importantes para situá-lo na história que está sendo contada, seu relato ainda é preenchido de dados em relação ao período vivido por Rita de Cássia, quais sejam: a distância de Roma a Cássia; que Roma é a capital italiana; que Rita de Cássia é de nacionalidade italiana; a religião praticada por Rita de Cássia desde a infância; que Roma é a sede do catolicismo ocidental. Esse entrevistado ainda demonstra preocupação em fornecer mais dados para abranger o espaço-tempo do contexto narrado, ao dizer: “Então, fortemente influenciada pela religião católica, até por Roma ser a sede da igreja onde existe o papado desde São Pedro”.

Em N5, o sujeito mostra a característica patriarcal da circunstância histórica vivida por Rita de Cássia: repete, três vezes, a palavra “pai”, dando poder à figura masculina como ordeira da família. Para

65 Entretanto, a distância aproximada é de 100 km. Disponível em: <<http://pt.db-city.com/lt%C3%A1lia--%C3%9Ambria--Per%C3%BAgia--Cascia>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

Rita, fornece a imagem de uma mulher que abdicou de sua vontade – o desejo de ser freira desde a infância – frente à obediência aos pais.

Isso é reforçado tanto em N5 como nas demais narrativas desse grupo: o não questionamento de Rita frente ao posicionamento dos pais, mesmo que sua vontade fosse de seguir a carreira religiosa, e não casar.

Contextualizando esse aspecto, devido aos pais de Rita serem muito idosos, de acordo com a hagiografia, eles preocupavam-se em deixá-la bem. O matrimônio era esse caminho, tal como educá-la, mesmo sendo o esposo (Paulo Fernando) um pretendente de comportamento hostil, que causava constrangimentos onde e com quem vivia, era capaz de violentar, sem hesitar (ALVES, 2010).

Contudo, uma ressalva precisa ser feita: o nome do esposo de Rita de Cássia não é salientado nesse grupo temático. Em N1, o sujeito até que tenta, mas fica reticente no momento de dizer seu nome: “Então, ela se casou com [não lembra o nome do marido de Rita de Cássia]. Ela casou para fazer os gostos dos pais”.

Podemos dizer que muitos desses comportamentos, tanto o dos pais quanto o do esposo, podem ser explicados por causa do lugar e da época em que Rita de Cássia nasceu – Itália, no século XIV. Não só Rita de Cássia vivenciou essa experiência como também muitas outras mulheres naquele país e na referida época. Ter uma filha mulher era sinônimo de encaminhá-la ao matrimônio o quanto antes.

O papel da mulher, nesse período, era demarcado para casar e gerar filhos, normalmente, entre os 12 e 14 anos. As mulheres eram educadas desde cedo para serem submissas às ordens do marido (ALVES; OLIVEIRA, 2010). Nesse mesmo contexto, a reputação social de ser casada predominava em relação às agressões físicas e aos sofrimentos de forma geral. Além do reforço do discurso religioso católico em dizer que “o casamento é para sempre” e “que só a morte separe o casal”, a obediência aos pais e a conservação do matrimônio eram “situações inquestionáveis” (ALVES, 2010).

No Rio Grande do Norte, há um dado que nos permite dizer que a quantidade de divórcios em Santa Cruz é menor que em outros municípios circunvizinhos: de acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011), há 120 divórcios em Currais Novos, 170 em Caicó e, apenas, 40 em Santa Cruz.

Voltando a N5, especificamente ao seguinte relato: “O marido dela, mataram. Até hoje em dia um mata uma coisa ruim – coisa ruim é o que o povo diz –, mas aquilo era tão ruim que morreu. A gente sente porque é humano, né? Ninguém quer que ninguém mate ninguém, né?, Mas, aí, a vida é assim mesmo”, podemos relacionar esse trecho ao que Bakhtin (2010b, p. 23-24) argumenta sobre excedente de visão:

eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivencia, colocar-me no lugar dele, como que coincidir com ele [...]. Devo adotar o horizonte vital concreto desse indivíduo tal como ele vivencia; faltará, nesse horizonte, toda uma série de elementos que me são acessíveis a partir do meu lugar; assim, aquele que sofre, não vivencia a plenitude de sua expressividade externa, ele só a vivencia parcialmente e ainda por cima na linguagem de suas autossensações internas.

Dessa forma, “quando me compenetro dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos dele, na categoria do outro, e minha reação a ele não é um grito de dor e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda” (BAKHTIN, 2010b, p. 24-25). Relacionar ao outro o que foi vivenciado é “condição obrigatória de uma penetração eficaz e do conhecimento tanto ético quanto estético” (BAKHTIN, 2010b, p. 24-25).

Antes de prosseguirmos, convém destacar dois pontos importantes sobre N5. Um deles é a incorporação do discurso de alguém para compor o do sujeito entrevistado. No caso, faz menção ao povo (“coisa ruim

é o que o povo diz”). Poderíamos até inferir nesse enunciado dizendo: “coisa ruim é o que o povo diz”, *não sou eu quem diz*, como um não dito. Isso nos leva a crer que esse sujeito se resguarda sobre o que diz, trazendo a culpa ou o mérito a alguém: *Ele ouviu falar, disseram a ele, contaram para ele*. Isso vai se repetir em N5, em outros trechos e em outros agrupamentos, a saber: “Mas, sabe quem é que conta essa história todinha bem melhor que eu? É na igreja, as meninas lá sabem”.

Outro ponto importante a ser destacado ocorre no final do enunciado em N5, em que o sujeito deixa um ar de resignação frente aos fatos da vida, seja a vida de Rita de Cássia, seja a vida de todas as outras pessoas com as quais convive (“Mas, aí, a vida é assim mesmo”). Pois, o enunciado é uma resposta, mesmo que de forma resignada, a algo vivido pelo próprio entrevistado ou por pessoas próximas, visto que o enunciado tem seu funcionamento em cadeia: uma informação remete a outra e a outra.

Isso nos faz rememorar as palavras de Hall (2003b, p. 25, tradução nossa) quando afirma que a “linguagem é um sistema social através e através. Nossos pensamentos privados têm de negociar com todos os outros significados por palavras ou imagens que tenham sido estocadas na linguagem, que nosso uso de sistema de linguagem, inevitavelmente, colocará em ação”⁶⁶. Assim, o antecessor vai preparando o enunciado que está por vir. Dessa forma, construímos nossos dizeres embasados, de algum modo, no que o outro diz, trazendo ressignificações do que os outros disseram com o que queremos dizer e sempre renovando “essa roda” na medida em que nosso dizer se sente estimulado a responder algo a alguém.

A análise desse primeiro grupo aponta para a obediência como uma peculiaridade da identidade cultural de (Santa) Rita de Cássia.

66 Texto original: “Language is a social system through and through. This means that our private thoughts have to negotiate with all the other meanings for words or images which have been stored in language which our use of the language system will inevitably trigger into action”.

Antes de prosseguirmos, porém, abrimos parênteses para uma visão contraditória: uma Rita desobediente, com questões bem particulares de nossa cultura brasileira.

De acordo com Ferreira (2009, s.p.), a acepção da palavra “santa” compõe os sentidos de: mulher canonizada, tratamento carinhoso, mulher virtuosa, bondosa, inocente, profundamente respeitável e venerável. Todavia, novas acepções vêm contradizer a ideia anterior, pois se relacionam com expressões jocosas ou irônicas atribuídas a alguém quando usadas nestes sentidos: *fulana só quer ser santa; santa do pau oco; ela é uma santinha; minha santa; eu não sou santa*.

Outro material que comunga com essa ideia de desobediência é o poema-canção, de Chico Buarque, intitulado *A Rita*⁶⁷, em que as virtudes até então conhecidas e reconhecidas pelo grande público de Santa Rita são repetidas praticamente ao inverso: vingança (*De vingança/Nem herança deixou*), egoísmo (*Levou junto com ela/O que me é de direito*), assassina (*A Rita matou nosso amor*) e não persistente, interpretando o poema como um todo. Rita de Cássia era da Úmbria, mesma terra natal de vários outros santos, inclusive São Francisco de Assis (1182-1226), de acordo com hagiografia ritiana (LIMA, 2006). Isso é citado por meio do verso: *Uma imagem de São Francisco*.

Mesmo sabendo que grande parte dos intérpretes dessa música a associa à ditadura militar brasileira: *dita*(dura) = *Rita*, deixamos o registro de licenças poéticas válidas; pois isso torna, ainda mais, o texto literário, e mesmo o texto poético, muito instigante e polêmico. Também, de uma forma bastante pontual, a cantora Ana Carolina gravou e lançou, em 2013, a música *Resposta da Rita*⁶⁸.

67 Disponível em: <<http://letras.mus.br/chico-buarque/85827/>>. Acesso em: 21 jul. 2013.

68 Disponível em: <<http://letras.mus.br/ana-carolina/resposta-da-rita/>>. Acesso em: 21 jul. 2013.

Nas quatro narrativas analisadas, estas escolhas linguístico-discursivas reforçam a identidade cultural de Rita de Cássia obediente: N1: “mas ela se casou para fazer a vontade dos pais. [...] casou para fazer os gostos dos pais”./ N2: “Obediente aos pais. Porque naquela época você tinha obediência aos pais”./ N4: “mesmo contrariando o desejo dos seus pais”./ N5: “mas ela casou para fazer o pedido do pai e da mãe”.

SEGUNDO FLASH

N1: Aí, ela **sofreu muito**, mas **ela só foi sofrimento, ela sofreu trinta anos**. Ela **sofreu, sofreu, sofreu**, então ela **orou** muito, **orou, orou** muito, **orou, orou, orou** até ele se converter. **Se converteu e ficou um esposo maravilhoso, mas foi por pouco tempo**. Um dia, quando ele vinha passando por um riacho, uma travessia, duas pessoas foram ao encontro dele e o **assassinou** (grifo nosso).

N2: O marido dela, o esposo, **não era um bom marido** [...]. É tanto que ele foi **assassinado** (grifo nosso).

N3: O que eu sei da história de Rita de Cássia é que ela foi uma **mulher muito sofredora, muito sofrimento que ela passou. Tudo o que ela aguentou com o marido** [...]. Que ela **casou com um cara, que a maltratava muito. E ela sempre aguentou**, não se separou. Parece que esse marido morreu (grifo nosso).

N4: Ela se casou com uma pessoa chamada Paulo, de natureza, de índole áspera, que **sempre a tratava de maneira não condizente, não só como esposo, mas como um semelhante, certo?** Então, depois Paulo, numa de suas farras e exageros – voltado para as coisas do mundo, por mim descrito

com mulheres alheias a seu casamento, bebidas e jogos –, foi **assassinado** numa taberna. Santa Rita aceitou com **resignação**. Santa Rita passou a viver seus dias longos e vazios. A viuvez era sua eterna companheira (grifo nosso).

N5: **Mataram o marido de Santa Rita**. Até hoje em dia se matam uma coisa ruim – coisa ruim é o que o povo diz, mas aquilo era tão ruim que morreu –, a gente sente porque é humano, né? Ninguém quer que mate ninguém, né?. Mas, aí, a vida é assim mesmo, continua. [...] que a gente perguntava a ela, aí, ela dizia: *Ah, Santa Rita de Cássia foi **muito sofredora**, era viúva, ficou viúva, **sofreu** [...]* (grifo nosso).

N6: Eu sei que ela **sofreu muito**. Ela **sofreu muito**, mas **sofria com paciência**. Nunca se zangou porque ela era muito católica. Eu tenho que acreditar que ela é poderosa, que ela tem poder, que ela é santa porque ela **sofreu muito na vida** dela. Ela **sofreu muito**. Ela foi casada, **mas ela não queria nem casar**. Santa Rita representa amor, amor e paciência e fé. Porque ela só se salvou porque tinha fé e tinha paciência. Mas o mais importante é que ela **sofreu com paciência**. Aí, o marido dela se converteu porque ela rezou muito, orou muito por ele e ele se converteu, né? Era casada e **o marido era muito ruim para ela**, né? **Ele era grosso para ela, muito ruim para ela. Acho que batia, batia nela. Ele maltratava muito ela e ela sofria tudo com paciência. É tanto que o mataram. Os bandidos, os bandidos tinham raiva dele e mataram** (grifo nosso).

N7: Eu admiro também a vida dela. Você que conhece a vida dela, vê como foi **muito sofrida. Sofrimento com os dois filhos, o marido. Depois morreram o marido e os filhos. A vida dela é**

muito sofrimento, muito sofrimento. A vida dela foi **muito sofrida**. **Ela sofreu muito no casamento, com os filhos**, pois mataram seu marido. Ele era alcoólatra. Quando mataram o marido dela, aí, ficou viúva, com os dois filhos e depois mataram os dois filhos dela. **Sofreu muito**. Aí, entrou para o convento. **Muito sofrimento** (grifo nosso).

N8: É muito linda a história dela. Tem uma espiritualidade. Foi uma Santa que teve e mereceu ser santa. Santa Rita foi uma santa porque ela **sofreu muito naquelas épocas**. E, você sabe, como era a história de casamento. Ela não tinha muita tendência para o casamento, mas, por **imposição dos pais**, ela casou. **Casou com um homem que não era muito bom**. **Ela sofreu muito**. **Ele era péssimo para as épocas**. **Ele era beerrão, mulherengo. Tudo de ruim para ela**. **Não era um bom esposo, mas ela sofreu com muita paciência**. Ela foi uma pessoa **muito, muito prudente com o sofrimento**, pela fé que tinha em Deus e ela era uma pessoa que tinha muita espiritualidade, humildade e santidade. Tinha dois filhos, que eu não me recordo dos nomes. **Eu sei que mataram o marido dela**. Quando ele ia na parceria das brigas. É como as coisas de hoje que acontece com os traficantes, aqueles inimigos. Os amigos passaram a ser inimigos dele. Como a máfia. **Armaram uma emboscada e mataram-no** (grifo nosso).

N9: Depois, vem o problema do casamento, a história do casamento. Ela não queria casar de jeito nenhum. A felicidade era de ser religiosa, mas os pais eram muito idosos e queriam deixá-la amparada. Outra coisa: rejeitar um casamento com um camarada daquele, **era morte na certa, como aconteceu com muitas outras**. Muitas outras na história têm. Era morte certa. **Ele era uma**

pessoa impiedosa, tenebroso. Então, **depois do casamento foi que começou o sofrimento dela.** **Ela casada com um bruto daqueles, daquela qualidade. Ela com todo amor, com toda amizade, com todo carinho, com toda coisa. Os pais dela morreram. Ela ficou só,** né?, casada com ele. Ela viveu dezoito anos com ele. [...] **Teve um dia que ele quis até matá-la.** Ele só não matou porque o pai dela e o pai dele chegaram. [...] ela conseguiu convertê-lo. Justamente por isso, chegaram os amigos e passaram a ser inimigos dele. Foi o que aconteceu. **Mataram por isso.** Não era mais do grupo deles. Era uma pessoa diferente, queria viver diferente, dentro da graça, sem briga, sem coisa nenhuma de mal (grifo nosso)

N10: Conta a história dela que foi uma mulher **muito sofredora** (grifo nosso).

Como vimos, nesse segundo grupo, todos os sujeitos entrevistados enunciaram que a vida de Rita de Cássia tem alguma relação com a tristeza, a infelicidade, a violência, a consternação, enfim, o desalento.

Em virtude disso, organizamos esse item em dois blocos. O primeiro deles está relacionado com os trechos em que o sofrimento fica explícito, normalmente, ao encargo da reiteração desse campo semântico, como vemos, por exemplo, em N1: “[...] ela sofreu muito, mas ela só foi sofrimento, ela sofreu trinta anos. Ela sofreu, sofreu, sofreu [...]].

O verbo *sofrer* associado ao termo cognato *sofrimento* assim como o uso do advérbio de intensidade *muito* mais a resistência por trinta anos para caracterizar a relação conjugal conflituosa são indícios de que a vida de Rita ganha identificação marcante com relação ao sofrer.

Em suma, nas dez narrativas analisadas, o sofrimento ao qual todos os sujeitos se referem se dá pelo fato de Rita e seu esposo terem incompatibilidade de gênios, como podemos ver nestes enunciados: “Ele era uma pessoa impiedosa, tenebroso. [...] Ela casada com um bruto

daqueles, daquela qualidade. Ela com todo amor, com toda amizade, com todo carinho, com toda coisa” (N9). Além disso, depois que o esposo se converteu (N1: “Se converteu e ficou um esposo maravilhoso, mas foi por pouco tempo”), ele foi assassinado, em seguida, “morreram [...] os filhos” (N7) de doença, um após o outro.

Em relação às agressões provocadas pelo esposo, a mulher dessa sociedade encontrava um conforto junto da religião cristã. De acordo com Johnson (2001, p. 93):

o cristianismo oferecia sólidas vantagens para as mulheres. Tratava-as como iguais aos olhos de Deus. Instruía os maridos no sentido de tratar suas esposas com a mesma consideração mostrada por Cristo para com sua “noiva” a Igreja. E oferecia-lhes a proteção da doutrina incomumente definida de Jesus acerca da santidade do matrimônio. As mulheres convertidas deram início à penetração cristã em classes superiores e, depois, criaram seus filhos como cristãos; por vezes, lograram converter seus maridos.

Ainda nesse primeiro bloco, a oração é uma tentativa de mudar o comportamento do marido. Percebemos que o sofrimento existe, mas é feita uma tentativa de bloqueio: orar para que o marido deixe de ter o comportamento agressivo para com Rita de Cássia. Aqui, estabelece-se uma relação com o sagrado por meio da intercessão, para que haja uma resolução do problema. Em N1, por exemplo, é intensamente reiterado o verbo “orar”: “então ela orou muito, orou, orou muito, orou, orou, orou até ele se converter. Se converteu e ficou um esposo maravilhoso”. Com o comportamento persistente de orar para converter, outra identidade pode ser associada a mulher Rita de Cássia: ser paciente.

No segundo bloco, observamos que o sofrimento é entendido de uma maneira não tão enfática quanto anteriormente. Em N2, podemos

verificar tal exemplo: “não era um bom marido” e em N4: “sempre a tratava de maneira não condizente, não só como esposo, mas como um semelhante, certo?”. Especificamente, nessa última narrativa, percebemos uma amenização em relação ao comportamento agressivo do esposo em relação à Rita de Cássia, se comparada a N2. É como se esse sujeito enunciasse e percebesse inadequabilidade no comportamento de Paulo Fernando, mas não desse importância à violência física dele para com Rita de Cássia.

Acrescenta-se a esse segundo bloco que, em duas narrativas, N5 e N10, os sujeitos não explicitam a união matrimonial como malsucedida. As demais narrativas deixam isso claro: Rita de Cássia sofreu por causa de sua relação matrimonial com Paulo Fernando.

Contextualizando esse segundo agrupamento, os séculos XIV e XV, em que Rita de Cássia nasceu e viveu, estão compreendidos no que historicamente chamamos de Idade Média⁶⁹. Quanto às tensões desse período, predomina o aspecto religioso. Os movimentos de contestação eram em relação à forma de governo. Tal período foi marcado pela emergência dos movimentos sociais. A sociedade medieval da época estava associada a fortes sanções e à crença de que a violação das regras impostas traria castigo sobrenatural. A marca dessa sociedade era a reprovação e a perseguição social. As pessoas eram tidas como impuras se estivessem diante do não convencional. Assim, não poderiam, ou melhor, não deveriam ser violadas as tradições ou violados os costumes a certos atos, modos de vestir, temas e palavras usadas.

A violência era um fato cotidiano e banal. Matar era um dever masculino, além de ser uma prova de coragem e virilidade. Pequenos roubos, desentendimentos, injúrias e rixas entre algumas pessoas, facilmente, tinham como consequência torturas, mutilações, castrações

69 Período histórico na Europa compreendido entre o começo do séc. V e meados do séc. XV, marcado especialmente pelo feudalismo. Especificamente, Rita de Cássia (1381-1457) viveu na Baixa Idade Média, segundo essa mesma periodização, inicia-se no século XI e termina no século XV (ALVES; OLIVEIRA, 2010).

e assassinatos. Na ausência do Estado ou autoridade organizada para impor normas jurídicas e punir os atos de violência, a lei do mais forte era a superior. Acrescente-se a esse período, como situação oposta, uma corrida da igreja católica para cristianizar os pagãos (ALVES; OLIVEIRA, 2010).

Em todas as narrativas presentes nesse agrupamento, exceto N9 (“Teve um dia que ele quis até matá-la. Ele só não matou porque o pai dela e o pai dele chegaram”), não percebemos qualquer fato citando a intervenção dos familiares de Rita, nem dos vizinhos, nem das autoridades civis responsáveis, perante a postura agressiva do esposo. Por outro lado, na hagiografia, há um relato de Rita ter sido protegida na casa de seus pais por alguns dias, devido a um momento de fúria em que Paulo Fernando queria matá-la (ALVES, 2010).

Portanto, encontramos, nas dez narrativas analisadas, exemplos de sofrimento intenso e de resignação, seja na relação social do casamento, seja na morte dos pais, do marido e dos filhos em um pequeno espaço de tempo. Assim, os discursos constroem a identidade cultural de Rita de Cássia sofredora e resignada, conforme N10 resume: “conta a história dela que foi uma mulher muito sofredora”.

TERCEIRO FLASH

N1: Então, ela ficou com os dois filhos. É Pedro Fernando e [não lembra o nome do segundo]. Aí ela foi e **pediu a Jesus que não queria ter os filhos dela com nome de assassinos**. Sim, aí, ela **escondeu isso dos filhos**. Escondeu para não dizer que ele tinha sido assassinado. Escondeu, escondeu até um dia que alguém contou. Aí, uma pessoa chegou e contou para os filhos. Eles foram crescendo e foram ficando violentos, querendo vingar a morte do pai. Ia se vingar. **Então, ela pediu a Jesus que levasse seus filhos, para não tê-los**

com nomes de assassinos. Então, deu uma epidemia muito grande lá aí eles foram e morreram todos dois (grifo nosso).

N2: Os filhos dela queriam vingar a morte do pai e **ela preferiu pedir, na intercessão, que tirasse os filhos do que vê-los assassinos** (grifo nosso).

N4: No entanto, fruto do seu casamento ficaram dois (2) filhos que juraram vingança tão logo se tornassem adultos e ainda melhor, tão logo se encontrassem com o desafeto. Santa Rita como demonstrava desde os seus doze anos, vocação para servir a Cristo pediu a Deus através dos seus devotos **Santo Agostinho, eu não me lembro dos dois, mas Santo Agostinho é um dos santos bem difundidos na cultura religiosa da Itália,** que **se fosse para ver seus filhos com as mãos manchadas de sangue que Deus os levasse.** Ignorado pela medicina eles contraíram uma doença e Deus os levou (grifo nosso).

N5: Os filhos dela queriam vingança, queriam vingar a morte do pai. Aí, ela **pediu a Deus que protegesse, que os dois filhos dela não fizessem tal coisa. Queria que os filhos continuassem...** Como o poder de Deus é grande. **Mas, sabe quem é que conta essa história todinha bem melhor que eu? É na igreja, as meninas lá sabem. Porque eu estou contando o que minha mãe contava, minha avó, meu avô.** Depois, que os filhos dela morreram, ela foi para convento. [...] Acho que ela queria ser freira, né? Isso são os mais velhos é quem contavam essas conversas. Não sei. Essas conversas que eu estou contando aqui para você é mãe quem dizia (grifo nosso).

N6: Aí, **os filhos eram pequenos e juraram vingança,** num sabe? **Ela não queria que os filhos se**

vingassem. Aí, ela pediu que queria mais antes que Jesus levasse os filhos que ver os filhos com as mãos ensanguentadas. Morreram e ela ficou sozinha (grifo nosso).

N8: O que eu achei interessante na história é que os filhos dele queriam punir a morte do pai, entendeu? Incentivaram os filhos. **Mas ela, com muita oração, pediu a Jesus que se era de vê-los manchados pelo pecado de matar os inimigos do pai, queria antes vê-los mortos.** E eles morreram antes, eles não chegaram a se vingar, morreram logo. Depois que o marido morreu, que os filhos morreram, então, **o desejo veio de novo, de ser religiosa** (grifo nosso).

N9: Mas tinham dois filhos. Um filho já grande, já chegando à adolescência. Um tio deles, dos meninos, irmão do que morreu sempre ficava orientando para os filhos se vingarem. Ele, o tio, sabia quem era os camaradas, mas ela orando a Deus, **pedindo ao Cristo que não queria ver os filhos com as mãos manchadas de sangue.** Aí, os meninos faleceram, um após o outro (grifo nosso).

Nas narrativas que compõem esse terceiro grupo, recorrendo à leitura hagiográfica de Cuomo (2009), é evidenciado que, após a morte de Paulo Fernando por assassinato, Rita de Cássia sabe quem são os assassinos do marido, mas, mesmo assim, ela perdoa seus inimigos.

O segundo aspecto que compõe esse grupo é o fato de mesmo Paulo Fernando tendo sido um esposo violento para com Rita de Cássia, os dois filhos queriam vingar a morte de seu pai. Isso significa dizer que o sentimento filial superou todo o sofrimento vivido pela mãe.

O que parece contraditório é o fato de uma mãe desejar a morte dos filhos, como podemos ver nas seguintes narrativas: N1: “[...] pediu a Jesus que não queria ter os filhos dela com nome de assassinos.

[...] escondeu isso dos filhos. [...] Então, ela pediu a Jesus que levasse seus filhos, para não tê-los com nomes de assassinos [...]”./ N2: “[...] ela preferiu pedir, na intercessão, que tirasse os filhos do que vê-los assassinos”./ N4: “[...] se fosse para ver seus filhos com as mãos manchadas de sangue que Deus os levasse”./ N5: “[...] pediu a Deus que protegesse, que os dois filhos dela não fizessem tal coisa. Queria que os filhos continuassem... [...] Mas, sabe quem é que conta essa história todinha bem melhor que eu? É na igreja, as meninas lá sabem. Porque eu estou contando o que minha mãe contava, minha avó, meu avô”./ N6: “**Aí, os filhos eram pequenos e juraram vingança**, num sabe? **Ela não queria que os filhos se vingassem. Ai, ela pediu que queria mais antes que Jesus levasse os filhos que ver os filhos com as mãos ensanguentadas.** Morreram e ela ficou sozinha (grifo nosso).”/ N8: “[...] Mas ela, com muita oração, pediu a Jesus que se era de vê-los manchados pelo pecado de matar os inimigos do pai, queria antes vê-los mortos. [...] o desejo veio de novo, de ser religiosa”./ N9: “[...] pedindo ao Cristo que não queria ver os filhos com as mãos manchadas de sangue [...]”.

Conforme N1, Rita de Cássia pede proteção a Jesus para que seus filhos não sejam assassinos. Conseqüentemente, apesar de ser mãe e mãe não desejar ver seus filhos mortos em nome da ética e da moral, ela desejou a morte dos filhos. Cita-se o nome de Jesus como estratégia de intercessão⁷⁰, a fim de resolver aquela situação conflituosa.

Para efeito de contextualização, muitas imagens divulgadas de Santa Rita de Cássia, inclusive a estátua colossal, localizada no *Alto de Santa Rita*, em Santa Cruz, representa a afeição que tinha pela imagem de Cristo, uma vez que na mão direita a imagem está segurando um crucifixo (ver Figura 15).

70

Ato de interceder; intercessão (FERREIRA, 2009, s.p.).

Em N2, não se esclarece quem intercederá para solucionar o problema. Entretanto, em N4 isso fica evidente: “Santo Agostinho, eu não me lembro dos dois, mas Santo Agostinho é um dos santos bem difundidos na cultura religiosa da Itália”. Em N5, fica explícita que a intercessão será feita por Deus: “Aí, ela pediu a Deus que protegesse, que os dois filhos dela não fizessem tal coisa. Queria que os filhos continuassem...”.

Diante de N5 (“queria que os filhos continuassem...”), podemos inferir para o não dito no que se refere aos filhos continuarem ético-moralmente intactos no que diz respeito à idoneidade, à justiça, enfim, à boa reputação tanto para a família quanto para os meninos. Sobre o não dito, e, nesse caso, marcado pelos três pontos, sendo reincidente para esse sujeito em outros agrupamentos, é desenvolvido o mínimo de verbalização – como o diálogo das falas internas – combinando palavras como também formas morfológicas ou sintáticas, sons e entonações que não estão explícitas ao interlocutor (BAKHTIN, 2009).

Portanto, encontramos, nas sete narrativas analisadas acima, exemplos de busca de mulher e mãe que até sacrifica os filhos em vista da salvação, buscando compromissos éticos e morais. Assim, a identidade cultural de Rita de Cássia construída nos discursos é a de mulher em conflito.

QUARTO FLASH

N1: E o sonho dela era entrar no convento. Ela saiu e foi. Chegou lá ao convento e falou com a madre. A madre disse: *Não, você não tem condição. Você é viúva, você já casou, você é mãe de família. Aqui é lugar para virgem, você não pode entrar aqui. Não pode ficar.* **Ela ficou.** Então, **deram uma ordem a Santa Rita.** Aí, ela foi e pediu que queria partilhar com as dores de Jesus. Queria partilhar. Então,

antes disso, a madre deu uma ordem a ela para ela ir pegar uma rosa⁷¹, lá num existia essa rosa. **Todo dia ela ia aguar.** Então, esse pé de rosa era seco, ele estava seco, ele estava morto, **mas todo dia ela ia aguar. Deu essa sentença a ela assim achando que ela não ia ter vitória com aquilo que elas mandaram fazer.** Porque não tinha vida, **porque ele estava seco. Ela saía com um balde d'água e ia aguar todo dia.** Ai, em outro dia, sem a madre esperar, quando menos esperou, ela chegou com a rosa. E tem o hino⁷² dela: *A esperança se apagou, se a alma segue aflita, pede logo a proteção de Santa Rita. Se não há mais solução, nesta dor que o peito habita, pede logo a proteção de Santa Rita [cantando].* Ai, então, ela chegou com a rosa, aí ficou todo mundo assustado (grifo nosso).

N2: Então, assim, a história dela é muito interessante. Indo para um convento foi rejeitada pela madre, mas, ao mesmo tempo, ela **não desistiu da vida religiosa e continuou.** Passou por certas coisas, até doenças (grifo nosso).

N4: **Prosegiu nas suas orações, nos seus recolhimentos, absorta nos seus pensamentos e rogando a Deus que se materializasse aquele desejo que até então ela não podia torná-lo realidade. Apresentou-se, espontaneamente, a um convento, e não foi aceita pela madre superiora,**

71 Atualmente, na cidade de Cássia, Itália, há lugares oportunos à visitação, os quais correspondem, provavelmente, aos locais em que Rita de Cássia deve ter morado após o casamento e o mosteiro das agostinianas, hoje, denominado *Mosteiro Santa Rita de Cássia*. Para quem busca esse tipo de passeio em Cássia, esses ambientes são notadamente representativos da hagiografia ritiana. Há, inclusive, uma parreira, simbolizando tal episódio. Nas palavras de Lima (2006, p. 43), “pelo fato de sua roseira ter florescido no inverno, contrariando o ciclo natural segundo o qual as flores não desabrocham nesta esta o do ano, o caso foi considerado milagroso. Por essa razão, até hoje as rosas são bastante significativas entre os atributos da Santa. Também o ramo seco de videira, que Rita aguara no Mosteiro com tanta obediência, a mando das irmãs, teria inexplicavelmente florescido, produzindo muitas uvas”.

72 Na verdade, trata-se da música *Santa Rita*, cuja letra está transcrita no Anexo L.

demais noviças e freiras, devido a ter conhecido os prazeres do mundo, que não combinam com a vida casta pregada, ainda hoje, para quem se dispõe a servir a Cristo. Santa Rita voltou para casa e continuou nas suas orações, repito, na sua pobreza e na sua viuvez. Numa noite, para quem acredita – e eu acredito fielmente, firmemente –, ela despertou e se viu diante dos três protetores. Santo Agostinho e mais dois. Eles disseram: Rita, siga-nos. O dia já vinha raiando. Quando ela acordou, estava dentro do convento e ouviu vozes que vinham da capelinha. Era o coro matinal das freiras que iniciava mais um dia, de sua vida monástica. Santa Rita se aproximou, se ajoelhou, não em traje de freira, mas num traje de viúva – embora oposto, diferentemente, do que é adotado hoje pelas jovens que cultuam o corpo visando despertar a sensualidade tão nociva até certo ponto e tão perversa, diria, os termos são meus, isso é uma visão minha –, então, as freiras continuaram com a madre superiora nas suas orações (grifo nosso).

N9: Para o fim, ele mudou, pelo gesto amoroso dela, ele se converteu e não quis mais agredi-la [...]. **Aí, mais pela graça, pela adoração e pedido dela a Deus, ela conseguiu convertê-lo.** [...] **Aí, os meninos faleceram, um após o outro. Justamente, depois disso, ela foi lutar para ir para o convento. De primeira, não conseguiu, porque era viúva. Na história dela, diz que três santos – Santo Agostinho, São Nicolau e o outro –, certo dia, já depois de toda luta, foram lá e ajudaram. Ela trabalhava muito para ajudar aos pobres. O convento era trancado com chave. Não tinha quem abrisse de jeito nenhum. Era segurança enorme, mas ela amanheceu lá dentro do convento. **Aí, as freiras não tiveram o que fazer. Dentro do****

convento, ela foi trabalhar, fazer penitência, fazer trabalho de jardinagem e atendia os mais humildes. Com sessenta anos, numa sexta-feira da Paixão, ela fez um pedido a Cristo, para compartilhar de parte de seu sofrimento. Aí, surgiu um espinho na testa. **Mas ela tinha vontade de ir a Roma.** Na viagem com outras irmãs, ela se propôs a ir, mas as outras irmãs disseram: *Você não pode ir com essa enfermidade.* Produzia até mau-cheiro, pois era uma ferida permanente. **Daí ela fez um pedido a Cristo, que queria ir a Roma ver o Papa. Aquele espinho desapareceu. Mesmo que a dor continuasse, ela não pediu que a dor passasse. Ela foi atendida.** Aí, foi com as irmãs para a viagem. Quando voltou, ela voltou a sentir as mesmas dores. A história dela é muito verdadeira (grifo nosso).

N10: [...] **que não desanimava diante das dificuldades com o marido, com os filhos. Ela sempre ali persistente e alcançou muitas graças, muitas bênçãos pela fé que ela tinha. Não desistia, apesar do sofrimento** (grifo nosso).

Pode-se fazer um paralelo entre os episódios narrados da vida de Rita de Cássia com a vida dos próprios sujeitos entrevistados, os próprios moradores da cidade de Santa Cruz. Tais episódios demonstraram insistência para o que se desejava conseguir.

Há dois fatos marcantes na cidade de Santa Cruz: a carência de água para abastecimento e o ambiente humilde, com incidência da pobreza de 60,71% da população (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2003).

Em relação ao primeiro fato, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento Agrário e com a Secretaria de Desenvolvimento Territorial, Santa Cruz pertence geograficamente ao Território Trairi cuja nomeação é atribuída pela presença do rio de mesmo nome, o

qual se destaca por ser o mais importante para o município e um dos formadores do açude Santa Cruz. Os 15 municípios constituintes desse Território interagem em situações ambientais, sociais, culturais, econômicas e/ou políticas institucionais semelhantes, além de serem interligados por rodovias estaduais e estradas vicinais, conforme já sinalizamos na nota de rodapé 37.

Caracterizado pelo clima tropical semiárido, chegando, em média, a trinta graus *Celsius*⁷³, dificultando a atividade agrícola, em especial, do pequeno produtor, que não tem muitas das vezes técnicas adequadas para saber lidar com tais adversidades e conseguir condições mais dignas de sobrevivência. Em geral, a vegetação apresenta arbustos e árvores com espinhos, a exemplo da catingueira, angico, juazeiro, braúna, marmeleiro, mandacaru, umbuzeiro e aroeira, representantes do bioma caatinga, do tipo hipoxerófila.

Enfim, as dificuldades climáticas e econômicas, atreladas às dificuldades pessoais, são suficientes para que a população tenha muito a dizer sobre uma pessoa que também soube suportar muitas adversidades, sendo uma mulher comum, tornando-se, depois, uma *Advogada das horas incertas*.

No que diz respeito à representação social de mulher, cabia a extrema preocupação com a “reputação”, no que concerne à virgindade, notadamente. Seguindo esse ideário feminino como frágil, delicado, puritano, submisso, enfim, tudo relacionado com a sensibilidade como característica tipicamente feminina, o sujeito, em N4, faz uma crítica à vestimenta das mulheres em tempos pós-modernos: “não em traje de freira, mas num traje de viúva – embora oposto, diferentemente, do que é adotado hoje pelas jovens que cultuam o corpo visando despertar a sensualidade tão nociva até certo ponto e tão perversa, diria, os termos são meus, isso é uma visão minha”. Inclusive, faz questão de ressaltar

73 Disponível em: <<http://www.climatempo.com.br/climatologia/2596/santacruz>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

que os termos e a visão são dele. Dessa forma, esse sujeito valora as representações femininas de que a mulher continue persistente em relação às dificuldades com o esposo; dedique-se à vocação religiosa e vista-se com trajes mais compostos, típicos do século passado.

Acrescenta-se a esse sujeito o caráter performático, mais uma vez, ao formular seu discurso: “Santa Rita voltou para casa e continuou nas suas orações, repito, na sua pobreza e na sua viuvez” (N4). Com esse fragmento, reiteramos a valorização da forma como Rita de Cássia é vista, por esse sujeito, frente às dificuldades vivenciadas.

Há dois episódios, na hagiografia ritiana, os quais fazem os sujeitos narrarem como se fossem um episódio só, como, por exemplo, em N1. O primeiro deles é quando Rita de Cássia entrou para o convento e a madre superiora deu uma ordem para testá-la. Ela teria de aguardar um galho seco, especificamente, uma parreira/videira, para assim, ser considerada apta a morar no mosteiro. O segundo episódio é próximo de sua morte, em que Rita de Cássia pede a uma parente para ir buscar uma rosa⁷⁴ em sua residência. Essa pessoa argumenta que não é possível ter rosas naquela estação do ano, visto que se tratava de um inverno rigoroso. Mesmo não concordando com o pedido, ela atende à solicitação: encontra uma rosa no jardim, no local indicado por Rita de Cássia.

Por esse motivo, no culto ritiano, há uma simbologia notadamente para rosas. Inclusive, em seu hino, há várias menções a esses dois episódios: “Ah não há rosas sem espinhos [...] Fostes a rosa preferida! [...] Santa mulher dos impossíveis, abençoai as nossas rosas, para os momentos mais difíceis, que sejam flores milagrosas”.

74 Nas palavras de Lima (2006, p. 42, grifo do autor), “conta-se que Rita, já doente, teria pedido a uma prima que lhe visitou no convento que fosse na sua antiga casa em Roccaporena, apanhasse uma rosa de seu jardim e trouxesse para ela. A prima, apesar de não acreditar que fosse encontrar a rosa, já que era época de um ‘rigoroso inverno’, resolvera atender ao pedido. Chegando ao jardim, encontrara uma linda rosa, e levou-a para Rita”.

Portanto, encontramos, nas cinco narrativas analisadas, exemplos de persistência para alcançar os objetivos pessoais. Assim, a identidade cultural de Rita de Cássia, construída discursivamente, é a de mulher perseverante.

QUINTO FLASH

N1: No outro dia, **quando ela chegou ao convento, as portas estavam todas fechadas. [...] O lugar era um mau cheiro. Ninguém suportava. Depois, em lugar de ter o mau cheiro, saía cheiro, cheiro de rosas. A história de Santa Rita que eu sei é essa** (grifo nosso).

N2: **Eu sei que ela hoje, pelo Vaticano, foi dada como santa. Santa porque ela mereceu. É o que eu sei de Santa Rita** (grifo nosso).

N3: A história do **primeiro milagre** que ela, os pais tinham ido para a roça e a levaram. **Se eu tiver errada, você me diz.** E parece que lá tinha uma criança, lá no meio do mato numa cestinha cheia de abelhas. Aí, parece que ela chegou. Eu sinceramente não lembro muito bem (grifo nosso).

N4: **Antes de convidá-la para o café, interrogaram como ela teria entrado no convento já que era dotado de muros altos e os portões fechados no estilo barroco, digamos assim. Ela disse que três pessoas, três santos, melhor, a conduziram. Quando ela deu por conta estava dentro do convento.** As freiras fizeram uma rápida reunião e resolveram acolhê-la em seu seio por vê-la como uma figura diferente, ou melhor, trazendo para uma abordagem religiosa, **foi um milagre, digamos assim. Para provar sua honestidade e até o**

fato considerado impossível que era adentrar no convento sem ter ajuda, pois não dispunha na época de helicóptero ou de escada, sendo uma pessoa já frágil e viúva, então, aconselharam, aconselharam não, exigiram, tem um som de exigência, melhor, pediram. **Havia uma parreira há mais de cem anos que deixou de brotar. Rita, você todo dia vai aguar esse tronco. Ela numa fêrrea obediência passou a fazer isso fielmente, religiosamente, depois de suas orações matinais.** A esta altura já incorporada no meio das demais freiras mesmo sem ser, digamos assim, hierarquicamente, aceita. **Então, algum tempo depois, a parreira refloresceu, brotou e deu frutos. Ai, começou a se ver Rita de Cássia, que se pôde acrescentar “dos impossíveis”.** Bem antes atrás – **vale a pena registrar, porque cabe aqui, já que o foco está sendo “impossíveis” – , quando ela era criancinha, seus pais a levaram para a vinha, como é chamado lá na Itália, naquelas regiões. Um trabalhador sofreu um corte com uma foice. Santa Rita estava numa cestinha, criancinha, e as abelhas vinham depositar mel nos seus lábios. Então, uma daquelas abelhas pousou no ferimento e sarou.** Isso seria um **milagre** antes desses do convento. E **seguiram-se muitos milagres.** Já na sua enfermidade houve um congresso em Roma e ela não foi devido a seu frágil estado de saúde. A superiora lhe comunicou mais uma vez. **Acreditando na benevolência de Deus, via interseção de Jesus Cristo, aquela chaga que ela tinha na testa desapareceu, e ela foi a Roma, sendo acolhida pelo Papa da época,** que agora eu não recordo o nome (grifo nosso).

N5: Eu sei assim que **o povo contava que ela era santa desde pequenininha.** Ai, o pai dela ia lá para a roça. Botou ela numa cestinha. Quando deu fé,

apareceram muitas abelhas. **Isso é coisa que eu ouvia contar, não sou eu que estou dizendo.** Aí, **o homem quando viu as abelhas tirou tudinho, e não foi picado. Aí, ela, desde pequena, já começou fazer milagres, né?** Aí, foi isso. **Aí, ela ficou lá fazendo milagres e morreu** (grifo nosso).

N6: Aí, um dia, ela **amanheceu dentro do convento, sem entrar pelas portas. As portas estavam fechadas, e ela amanheceu dentro no convento.** Aí, elas [*as freiras do convento*] acreditaram que ela tinha poder, né? Havia um pé de pau, eu sei que tinha um pé de pau que era seco, né? Uma planta, esqueci o nome agora, já tinha morrido há muito tempo. Aí quando **ela começou a aguar, conversou com esta planta quando foi um dia amanheceu cheinha de frutos e flores. Ela tinha poder, né?. O que eu sei é isso** (grifo nosso).

N7: **O milagre que aconteceu foi que ela amanheceu dentro do convento. [...] Ela fez muito milagre. Um que eu lembro foi um do jardim** (grifo nosso).

N8: Mas as freiras lá da congregação não aceitavam por ela ser viúva. **Mas foi assim determinado por Deus mesmo, ela amanheceu o dia no convento sem abrir porta, sem nada. Foi um milagre de Deus, né?** Quando as freiras viram, ela já estava dentro do convento. Estava lá e tiveram que aceitar, né, com certeza. Era um muro muito alto. **Com certeza, foi um milagre. Foi Deus que colocou ela lá, né?. E eu sei que foi assim que ela ingressou lá no convento, foi dessa forma.** Deus foi quem colocou. Teve uma **viagem dela, muita coisa, as abelhas, as flores também têm na história dela.** Porque eu não sei bem. **Eu sei que ela tem**

operado muitos milagres ultimamente, depois do Santuário (grifo nosso).

N9: Mas, sobre a vida de Santa Rita de Cássia que eu sei realmente é que era filha de um agricultor pobre. De filhos, o casal só tinha Rita. Já eram muito idosos. Muito idosos! Aí, quando foram trabalhar, **puseram Rita em um cestinho. Aí, estavam trabalhando, quando vieram um monte de abelhas brancas para junto dela. Um trabalhador levou um golpe na mão e ia à busca de um tratamento, mas quando viu aquelas abelhas em cima da menina – sabia que estaria morta, né?, pois, quando abelha dá em cima, mata mesmo – , ele atirou o braço para poder protegê-la. Nesse instante, ele foi curado na mão. Aí, foi o primeiro milagre: a história de Santa Rita das abelhas, quando ela ainda era uma criança. Não sabia de nada, mas o poder divino já estava trabalhando sobre ela. Quem não acredita em Santa Rita, aí, é problema dele; mas eu acredito fielmente** (grifo nosso).

Se fôssemos recorrer aos conhecimentos oriundos da esfera religiosa, não seria possível uma pessoa já nascer santa. Como mencionamos no primeiro agrupamento: “ser santo” trata-se de uma concepção religiosa e católica. Para os moradores santa-cruzenses, Rita de Cássia é santa por questão de merecimento ou é santa desde criança como podemos verificar nas narrativas seguintes: N2: “Eu sei que ela hoje, pelo Vaticano, foi dada como santa. Santa porque ela mereceu”./ N3: “A história do primeiro milagre que ela, os pais tinham ido para a roça e a levaram. Se eu tiver errada, você me diz. E parece que lá tinha uma criança, lá no meio do mato numa cestinha cheia de abelhas. Aí, parece que ela chegou. Eu sinceramente não lembro muito bem”.

Nas palavras de Ponzio (2012, p. 23), “apesar de todos os seus esforços, o eu não consegue conter a palavra alheia, a entonação alheia,

os pensamentos alheios, dentro dos limites de sua identidade: tudo o que revela a alteridade escapa da identidade do eu”. Confirmando assim a proposta bakhtiniana de que tomamos nossas palavras da boca dos outros.

Dessa forma, os comportamentos descritos na hagiografia rítiana são interpretados já como milagres. No entanto, segundo o discurso religioso, para ser considerado “santo”, os milagres devem ocorrer após a morte.

Em N3, podemos observar que o sujeito não consegue dar fluência à sua narrativa, tanto que a marca linguística (“primeiro milagre”), associada ao conhecimento do intérprete sobre a história, mostra indícios de se tratar do primeiro episódio hagiográfico. Além disso, a entrevistada pede intervenção do que está sendo narrado, com o enunciado: “se eu tiver errada, você me diz”.

Em N4, novamente, o sujeito traz à sua narrativa o caráter eloquente. Ademais, ele justifica, no decorrer de seu depoimento, o atributo “impossíveis” associado ao nome “santa” com relação à Rita de Cássia. Segue o fragmento que comprova isso: “Aí, começou a se ver Rita de Cássia, que se pôde acrescentar ‘dos impossíveis’. Bem antes atrás – vale a pena registrar, porque cabe aqui, já que o foco está sendo ‘impossíveis’ –, quando ela era criancinha, seus pais a levaram para a vinha, como é chamado lá na Itália, naquelas regiões”.

Mais uma vez, em N5, o sujeito retoma que quem contou a história foi sempre outra pessoa: “o povo contava que [...]. Isso é coisa que eu ouvia contar, não sou eu que estou dizendo”.

Em N8, há um resumo dos principais fatos milagrosos da vida de Rita de Cássia: “teve uma viagem dela, muita coisa, as abelhas, as flores também têm na história dela. Porque eu não sei bem. Eu sei que ela tem operado muitos milagres ultimamente, depois do Santuário”.

Outro fato no que diz respeito a N8 é o entrevistado atribuir o aumento dos milagres feitos por Rita de Cássia à construção do *Alto de*

Santa Rita, em Santa Cruz. Isso nos faz inferir que antes dessa construção a quantidade de milagres não era tão significativa.

Em N9, o fragmento “quem não acredita em Santa Rita, aí, é problema dele; mas eu acredito fielmente” deixa uma informação explícita e outra implícita. A explícita refere-se à crença na história ritiana, e o sujeito enunciador não se incomoda com quem não acredita nessa história, apresentando-se satisfeito em relação à religião e às crenças que segue, não se importando com quem discorda de seu pensamento. Quanto à informação implícita, subentendemos que há uma contenda entre pessoas que não acreditam, em Santa Cruz, por exemplo, que criticam as que acreditam na história de Rita de Cássia.

Nesse agrupamento, conseguimos perceber uma autoavaliação dos sujeitos entrevistados ao término de suas narrativas, ou para dizer até onde eles sabem, ou para dizer que não se lembram da história: N1: “A história de Santa Rita que eu sei é essa”./ N2: “É o que eu sei de Santa Rita”./ N5: “Aí, ela ficou lá fazendo milagres e morreu”./ N6: “O que eu sei é isso”./ N3: “Eu, sinceramente, não me lembro do que aconteceu”.

Portanto, nessas nove narrativas analisadas, encontramos exemplos de características santas desde que Rita de Cássia era criança, e dessas características, os sujeitos entrevistados interpretaram como comportamentos diferentes, como uma dádiva em relação a ela. Assim, a identidade cultural ritiana construída, a partir das narrativas supra-mencionadas, é de mulher dos milagres.

SÍNTESE GERAL

Conforme já dissemos, de acordo com o discurso religioso, para uma pessoa ser reconhecida como santa, o Vaticano – país sede e legislador da igreja católica – precisa autorizar, por meio de um longo processo canônico, para se chegar a tal título.

Não estamos dizendo com isso que Rita de Cássia não deveria ser considerada santa ou não. Pelo contrário. Não estamos analisando

o mérito disso (nem pretendíamos) nesta pesquisa. O que queremos deixar bastante claro, com essas narrativas analisadas, é o fato de tais justificativas serem privilegiadamente construídas a partir da “boca do povo”. Isso significa notadamente dizer que nem tudo que foi dito está registrado nos relatos hagiográficos ritianos. Citamos como exemplo N6: “havia um pé de pau, eu sei que tinha um pé de pau que era seco, né? Uma planta, esqueci o nome agora, já tinha morrido há muito tempo”.

Assim, essa característica não foi percebida em todas as narrativas, tanto é que alguns enunciados trouxeram o caráter performativo à tona (N1 e N4), conforme já justificamos, anteriormente, na análise.

Isso representa ainda que algumas pessoas estão ressignificando a história para o contexto santa-cruzense, nordestino e brasileiro, possivelmente. Como afirma o sujeito em N2: “essa admiração vai além do simples título de santa”. Para esse sujeito, Rita de Cássia tem a representação de “mulher, mãe e religiosa, além de ser padroeira de Santa Cruz”.

Então, tal posicionamento está indo além da tradição religiosa e católica vivida por esse sujeito, conforme reitera em entrevista: “não vejo Santa Rita só pela parte da religião não, também conheço pela história dela, por ser uma mulher que lutou contra os preconceitos, pelos doentes e por várias coisas que aconteceram na vida dela”.

De acordo com a análise feita – a partir de dez narrativas de moradores santa-cruzenses –, se as pessoas que não conhecem a história ritiana pudessem conhecê-la, **Rita representaria a partir de sua história: sofrimento e resignação, em unanimidade; santa que faz milagres; pessoa em conflito; perseverança e obediência.**

Detalhadamente, dentre os grupos formados/categorizados, alguns foram mais extensos que outros em número de fragmentos das narrativas. Para exemplificarmos, o segundo grupo – Rita de Cássia sofredora e

resignada – foi o maior de todos, com dez narrativas. O menos lembrado foi o primeiro grupo – Rita de Cássia obediente –, com quatro narrativas. Evidenciamos, sobremaneira, que nem todos os sujeitos se reportaram a todas as categorias formuladas nesta pesquisa.



O mundo da biografia não é fechado nem concluído, não está isolado de acontecimento único e singular da existência por fronteiras sólidas e de princípio. [...] a vida biográfica e a enunciação biográfica são sempre cercadas de uma fé ingênua, seu clima é quente; a biografia é profundamente crédula mas de uma credulidade ingênua (sem crises), pressupõe um ativismo bondoso, que se situa fora dela e a engloba.

Mikhail Bakhtin

CAPÍTULO 5

QUANDO ACABA O ENSAIO, COMEÇA TUDO OUTRA VEZ?

Por entendermos o sujeito e o discurso como constituições histórico-sociais, concordamos e acreditamos no ser humano como uma figura discursiva (HALL, 2006) e demasiadamente complexa, como as identidades culturais igualmente o são.

Desse modo, a formação cultural de um povo e o seu desenvolvimento não ocorrem naturalmente, são legados e transmitidos pelo passado – como destacamos na epígrafe da segunda seção deste livro. No caso da história da vida de Rita de Cássia, contada pelas pessoas há cerca de dois séculos em Santa Cruz, podemos comprovar isso pela forte influência de Santa Rita na cidade. Por transmissão cultural dos fundadores de Santa Cruz, a historicidade, a tradição e a memória também podem ser alocadas como marcas dessa sociedade.

No que tange ao aspecto da tradição, o conhecimento é levado para as gerações futuras. Isso ocorre, principalmente, porque o cenário social em Santa Cruz é favorável para a recepção das virtudes de Rita de Cássia.

Assim, por termos desenvolvido esta pesquisa em LA, indubitavelmente, verificamos que o discurso religioso está extremamente imbricado no modo de vida santa-cruzense. Pois, para se adquirir condições mínimas de qualidade de vida, a população em geral acaba não pertencendo ao mundo do possível. Assim, boa parte dos moradores acaba se sensibilizando à presença do sagrado, a fim de amenizar as dificuldades enfrentadas no dia a dia. Ademais, nessa localidade, pudemos apresentar dados que registraram a incidência da pobreza, chegando a 60,71%, como mencionado anteriormente, o acesso à

disponibilidade de água potável ou não, o clima ser semiárido e o solo impróprio para a plantação.

Por meio das narrativas analisadas, verificamos que os sujeitos entrevistados pedem intercessão a Santa Rita de Cássia tanto diante de causas impossíveis quanto em situações do dia a dia na cidade de Santa Cruz, como demonstra o seguinte relato de um morador, que elucida: “ter fé em Santa Rita, antes de mais nada, é ter uma companheira a seu lado, perseverando, não desistindo facilmente do objetivo [...]. Quanto mais árdua a caminhada, mais certeza da presença dela, mais ajuda a Santa me oferece”.

Vale acrescentar que a adesão por parte dos sujeitos santa-cruzeses à identificação com Santa Rita de Cássia acaba ficando mais “fácil” de ser indexada a essas pessoas, em especial as mulheres, porque a Santa representa vários campos da vida de uma pessoa comum, a saber: obediência aos pais, casamento, filhos, morte, viuvez e seguir uma vocação.

Isso nos faz compreender que o cenário é propício para que aconteça a integração de Santa Rita em Santa Cruz, em virtude de seus aspectos humanos, em sintonia com os sentimentos valorados por esse povo, dentre os quais se destacam: saber lidar com as dificuldades de relacionamento com pessoas do seio familiar sobremaneira, ter mais paciência para executar diversas atividades, ter esperança, ser uma pessoa íntegra, ser perseverante, ser mãe, ser casada, ser prestativa com os doentes e ser militante diante dos problemas sociais. Enfim, as várias expressões nominais definidas, socialmente, quando intitulada Santa – *Santa das causas impossíveis; Santa dos casos perdidos; Advogada nos casos graves e desesperadores; Advogada das horas incertas; Refúgio na última hora; Consoladora dos aflitos* –, puderam ser comprovadas na boca do povo de Santa Cruz e compreendidas quanto à resistência e à tentativa de mudança a vários aspectos da vida.

Além disso, essas narrativas sobre Santa Rita de Cássia no município de Santa Cruz permitiram que vislumbrássemos um processo no qual interagem sentimentos positivos e valorados nessa sociedade sobre as qualidades dessa mulher e santa, que foram contemplados nas identidades ritianas.

Quanto aos sujeitos entrevistados, eles conseguiram, de maneira complexa, a partir de extensas manifestações discursivas, contemplar a primeira questão de pesquisa – *Quais são as identidades culturais atribuídas a Santa Rita de Cássia?* –, abarcando essas identidades para Rita de Cássia: mulher obediente; sofredora e resignada; pessoa em conflito; perseverante e dos milagres.

Vale salientar que nem sempre as identidades culturais de algo ou de alguém estão tão óbvias quanto se pensa. Nesta pesquisa, por exemplo, inicialmente, pensávamos que a identidade de mulher obediente teria uma maior ocorrência em relação às outras identidades culturais.

Estabelecendo uma ponte com a concepção bakhtiniana de linguagem, a qual abrange uma visão de mundo que envolve aspectos relacionados com “arte e vida”, viver em sociedade pode e deve, de alguma forma, ser ressignificado. Nesse sentido, consideramos que outras identidades culturais poderiam ser construídas se novos sujeitos fossem entrevistados ou se tivéssemos como objeto outros ângulos de análise.

O papel de destaque do outro em perpetuar a história ritiana – sejam os avós, sejam os pais, sejam os irmãos – proporciona um contato inicial com a vida de (Santa) Rita de Cássia por meio da contação de história, podendo proporcionar um ambiente aprazível de troca de informações e de conhecimentos. Ainda poderíamos ter uma gama de exemplos infintos de narrativas se outros sujeitos fossem entrevistados, e em cada narrativa, um novo olhar, um novo aspecto que poderia ser abordado.

Santa Rita de Cássia ganha significado nos enunciados dos moradores quando eles narram sua história, quando as filhas recebem a nomeação de Rita ou quando os estabelecimentos comerciais utilizam-na como nome fantasia. Portanto, o pressuposto de que *não há santa-cruzeense que não conte ou não tenha ouvido de seus pais ou companheiros a história de Santa Rita de Cássia* é comprovado nesta pesquisa, pelos relatos dos sujeitos entrevistados.

Quanto ao gênero discursivo “narrativas”, além de ter sido figurado como imprescindível para a construção do *corpus*, traz uma abertura para conhecer um pouco das pessoas enquanto sujeitos situados e posicionados, o que justifica a utilização, atualmente, de tal estratégia metodológica em vários campos de estudo.

Uma ressalva precisa ser feita de acordo com esta pesquisa: os entrevistados não precisariam estar sendo vistos pela primeira vez. Eles poderiam, sim, ser pessoas conhecidas da autora, até mesmo um familiar, desde que as questões de pesquisa não fugissem a qualquer dos pré-requisitos estabelecidos. E, verdadeiramente, nosso *corpus* não reflete a realidade unânime do pensamento dos moradores santa-cruzeenses.

No que tange ao aspecto da memória, consideramos que, ao pesquisar as identidades culturais como objeto de estudo, poderíamos contribuir com um acervo para repensar questões de gênero, classe, etnia, ou até mesmo atos éticos axiologicamente situados em uma sociedade pós-moderna.

Em resposta à segunda pergunta de pesquisa – *Quais as relações dialógicas entre esses discursos?* –, temos uma arena de vozes, intrinsecamente ligadas ao cristianismo, em que a relação psicopolítica e social não fica separada da discussão dos enunciados dos sujeitos entrevistados. Sobretudo, duas dimensões foram formuladas por meio desse processo: a primeira, a tentativa de reproduzir discursos conhecidos socialmente, já ditos, contados e/ou lidos; a segunda, a busca do envolvimento direto

dos sujeitos com esse tipo de narração para se sentirem participantes do local, ressignificando a história de Rita de Cássia.

Nessa perspectiva ora fotografada, reafirmamos a compreensão de que o enunciado dito suscita uma resposta, um posicionamento, uma avaliação. O dimensionamento discursivo deve ser contextualizado e analisável somente no conjunto do todo acabado, por ser um acontecimento plenamente social (BAKHTIN, 2009). Assim, vemos a linguagem verbal como uma prática sociocultural, concretizando-se em diferentes gêneros do discurso, atravessada por posições axiológicas, e o sujeito – enunciador, constituído socialmente a partir da interação verbal na relação com o outro e que se apropria de sua língua –, a atualiza em seu dizer, organiza seus pensamentos e transmite suas ideias a outros sujeitos.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. L. **Ficheiro:** RioGrandedoNorte Municip SantaCruz.svg. 2006. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoNorte_Municip_SantaCruz.svg>. Acesso em: 27 jul. 2013.

ALVES, A; OLIVEIRA, L. F. **Conexões com a história:** das origens do homem à conquista do Novo Mundo. v. 1. São Paulo: Moderna, 2010.

ALVES, A. M. F. Q. **Pintando uma imagem - Nossa Senhora Aparecida – 1931:** Igreja e Estado na construção de um símbolo nacional. 2005, 187f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2005.

ALVES, J. **Santa Rita de Cássia:** novena e biografia. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

ALVES, M. P. C. O diário de leitura e o exercício da contrapalavra: a escrita de professores em formação inicial. In: ZOZZOLI, R. M. D.; OLIVEIRA, M. B. F. de (Org.). **Leitura, escrita e ensino.** Maceió: UFAL, 2008. p. 137-156.

ALVES, M. P. C. O ethos construído e a exotopia do olhar: memórias de leitura de professores em formação continuada. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17, 2009, Campinas. **Anais...** Campinas: ALB, 2009. p. 1-21. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/porta.html>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O planejamento de pesquisas qualitativas. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 1998. p. 147-178.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. Paradigmas qualitativos. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 1998. p. 129-146.

AMORIM, H. J. **Santa Cruz nos caminhos do desenvolvimento**. Natal: Gráfica Santa Maria: 1998.

AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica, In: FREITAS, M. T. (Org.). **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção questões da nossa época; v. 107), p. 11-25.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 95-114.

AMORIM, M. O detetive e o pesquisador. **Documenta**. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 6, n. 8, 1997. p. 127-141.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2001.

AQUINO, E. D. Catolicismo popular através da representação mística/mítica de Joana D'arc. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 13., 2008, Guarabira/PB **Anais...** Guarabira: UEPB, 2008. Não paginado. Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/

[ST%2011%20-%20Edineide%20Dias%20de%20Aquino%20TC.PDF>.](#)

Acesso em: 2 mar. 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027:** Informação e Documentação: Sumário: Apresentação. Rio de Janeiro, 2013. 3p. (Data da publicação: 11 dez. 2012; válida a partir de 11 jan. 2013).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:** Informação e Documentação: Trabalhos Acadêmicos: Apresentação. Rio de Janeiro, 2011. 11p. (Data da publicação: 17 mar. 2011; válida a partir de 17 abr. 2011).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028:** Informação e Documentação: Resumo: Apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 2p. (Data da publicação: 30 nov. 2003; válida a partir de 29 dez. 2003).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** Informação e Documentação: Citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002a. 7p. (Data da publicação: 30 ago. 2002; válida a partir de 29 set. 2002).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** Informação e Documentação: Referências: Elaboração. Rio de Janeiro, 2002b. 24 p. (Data da publicação: 30 ago. 2002; válida a partir de 29 set. 2002).

AUGRAS, M. Discurso hagiográfico e constituição do sujeito ocidental. In: LOPES, L. P. M.; BASTOS, L. C. (Org.). **Identities:** recortes multi e interdisciplinares. São Paulo: Mercado de Letras, 2002. p. 277-289.

AZEVEDO, K I. B. S. **Entre a Anta e a Cruz:** história e memória da cidade de Nova Cruz-RN. 2005. 245f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

BACURAU, M. N. V. et al. A Cotonicultura no Estado do Rio Grande do Norte: aspectos históricos e perspectivas. **Redige**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, ago. 2012. Disponível em: <<http://www.cetiqt.senai.br/ead/redige/index.php/redige/article/view/139/213>>. Acesso em: 7 fev. 2013.

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010a.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável.** Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos (SP): Pedro e João Editores, 2010c.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética:** a teoria do romance. Tradução de A. F. Bernardini. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. M. **Hacia una filosofía del acto éticalos borradores y otros escritos.** Barcelona: Anthropos Editorial, 1977.

BARBOSA, C. L. M. **As representações identitárias femininas no cordel**: do século XX ao XXI. 2010, 283f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENEDICT, R. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BEZERRA, M. S. **Memória Histórica de Santa Cruz**. Natal: Nordeste Gráfica, 1993.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Características da investigação qualitativa. In: BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994. p. 150-175.

BRUNNER, J. J. **Cartografias de la modernidad**. Santiago (Chile): Dolmen, 1991. BUTLER, J. **Bodies that Matter**. New York: Routledge, 1993.

BRUNNER, J. J. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990.

CAMERON, D. Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). **Linguagem, gênero, sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. p. 129-150.

CASCUDO, L. C. **Notícia sobre dez municípios potiguares**: Acari, Areia Branca, Assu, Caicó, Campo Grande, Caraúbas, Currais Novos,

Mossoró, Natal e Santa Cruz. [Mossoró]: Fundação Vingt-un Rosado, 1998. (Coleção Centenário de Luís da Câmara Cascudo, v.12).

CUOMO, F. **Rita de Cássia, a santa dos casos impossíveis**: uma história de amor e ódio, de vingança e perdão. Tradução de Jairo Veloso Vargas. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção Luz do Mundo).

DANTAS, M. **Denominação dos municípios**: Rio Grande do Norte. Natal: Sebo Vermelho, 2008.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA A SECA. 2010. Disponível em: <http://www.dnocs.gov.br/~dnocs/doc/c_anais/barragens/Barragem%20do%20Rio%20Grande%20do%20Norte/santa_cruz.htm>. Acesso em: 2 mar. 2012.

DINIZ, M. R. M. **Acervo particular de fotografias da cidade de Santa Cruz**. Santa Cruz, 2011, 2012 e 2013. 396 fotografias.

EQUIPE CPT CURSOS PRESENCIAIS. Bicudo-do-algodoeiro: o terror dos produtores de algodão. **Revista Agropecuária**. 2013. Disponível em: <<http://www.revistaagropecuaria.com.br/2011/08/01/bicudo-do-algodoeiro-%e2%80%93-o-terror-dos-produtores-de-algodao/>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

ESCOSTEGUY, A. C. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 45-65.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FARACO, C. A. Um posfácio meio impertinente. In: BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

FARIA, M. V. B. **A construção estilística das identidades poéticas da cidade de Natal**: um olhar bakhtiniano. 2007. 188f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009. 1 CD-ROM.

FM rádio comunitária 87.9. **Santa Rita**, 2012. Disponível em: <http://santaritafm.com/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=6>. Acesso em: 15 fev. 2013.

FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. de (Org.). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 238-244.

FREITAS, M. T. A. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento: In: FREITAS, M.T. A.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (Org.). **Ciências humanas e pesquisa**: leituras de Mikhail Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 26-38.

FREITAS, M.T. A.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (Org.). **Ciências humanas e pesquisa**: leituras de Mikhail Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GERALDI, J. W. Alteridades: espaços e tempos de instabilidades. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (Org.). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 238-244.

GERALDI, J. W. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, L.; STAFFUZZA, G. (Org.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 279-292.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRILLO, S. V. de C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 133-160.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO. **Palavras e contrapalavras**: conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia

Álvares, Francisco Rüdger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG; Brasília/DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003a.

HALL, S. Representation, meaning and language. In: HALL, S. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage Publications, 2003b. p. 15-30.

HALL, S. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 24, p. 68-75. 1996. Rio de Janeiro: IPHAN, p. 68-75, 1996.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 103-133.

HEYWOOD, A. **Ideologias políticas: do feminismo ao multiculturalismo**. Tradução de Janaina Marcoantonio e Mariane Janikian. São Paulo: Ática, 2010. v. 2.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2000 e pesquisa de orçamentos familiares (POF) 2002/2003**. [Brasília: IBGE, 2003]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=241120&idtema=19&search=rio-grande-do-norte|santa-cruz|mapa-de-pobreza-e-desigualdade-municipios-brasileiros-2003>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2000: tabulação avançada: resultados preliminares da amostra. 2002**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/08052002tabulacao.shtm>>. Acesso em: 2 mar. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Registro civil**: divórcios concedidos em 1ª instância, se recursos, por tipo e natureza, segundo o lugar da ação do processo. 2011. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro_Civil/2011/pdf/tab_6_2.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2013.

JOHNSON, P. **História do cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KELLNER, D. Popular culture and the construction of postmodern identities. In: LASH, S.; FRIEDMAN, J. **Modernity and identity**. Oxford: Blackwell, 1992. p. 141-177.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 129-148.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIMA, R. S. S. **“Oh! Que imitem a Santa Rita de Cássia!” As mulheres de nosso tempo**: representações e práticas da devoção em Viçosa (MG), 2003-2006. 2006. 160f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

MACEDO, C. C. **Imagem do eterno**: religiões no Brasil. São Paulo: Moderna, 1989.

MAESTRO, J. Á. **Santa Rita de Cássia**. São Paulo: Paulinas, 2012 (Coleção Luz do Mundo).

MARCHI, M. L. **Santa Rita de Cássia**. 29. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

MATTELART, A.; NEVEU, E. **Introdução aos estudos culturais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos para onde vamos. In: PEREIRA, R. C. M.; ROCA, M. P. (Org.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 25-50.

McGREW, A. A global society? In: HALL, S.; HELD, D.; MCGREW, T. (Org.). **Modernity and its futures**. Cambridge: Polity Press/Open University Press, 1992. p. 61-116.

MIOTELLO, V. **Um mito amazônico em narrativas de roda: repetição e mudança nos processos enunciativos**. 1996. 147f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. M.; ROCA, M. P. (Org.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009a. p.11-24.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Gragoatá**, Niterói, n. 27, p. 33-50, jul.-dez. 2009b.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOITA LOPES, L. P. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 159-171, jan.-jun. 2004.

MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **Delta**, São Paulo, v. 10, n. 2, 1994, p. 329-338.

MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P. Um recorte no cenário atual da linguística aplicada no Brasil. In: SILVA, K. A.; ALVAREZ, M. L. O. (Org.). **Perspectivas de investigação em Linguística Aplicada**. Campinas: Pontes, 2008. p.33-52.

MOURA, J. O. de; JARABIZA, V. Identidade étnica e cultural: da festa de Santo em Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento: Mato Grosso. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 10., 7-10 nov. 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4477_2823.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2013.

NARRADORES de Javé. Manaus: Videofilmes Produções Artísticas, 2003. 1 DVD (102 min), NTSC, color. Produzido e distribuído por Videolar.

OLIVEIRA, M. B. F. Um olhar bakhtiniano sobre a pesquisa nos estudos do discurso. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 14, v. 2, p. 265-284, 2012.

OLIVEIRA, M. B. F. Contribuições do círculo de Bakhtin aos estudos da linguagem “hoje”. In: LIMA, M. A. F.; ALVES FILHO, F.; COSTA, C. S. S. M. (Org.). **Colóquios linguísticos e literários: enfoques epistemológicos, metodológicos e descritivos**. Teresina: UFPI, 2011.

OLIVEIRA, M. B. F. Considerações em torno da linguística aplicada e do ensino da língua materna. **Revista Odisseia**, Natal, n. 3, p. 1-20, nov./dez., 2009a.

OLIVEIRA, M. B. F. O círculo de Bakhtin e sua contribuição ao estudo das práticas discursivas. **Revista Eutomia**, Recife, v. 2, n. 2, p. 1-18, dez. 2009b.

OLIVEIRA, M. B. F. Compreendendo e interpretando práticas discursivas: (re)visitando orientações bakhtinianas. In: OLIVEIRA, M. B. F.; ALVES, M. P. C.; SILVA, M. P. (Org.). **Linguagem e práticas sociais: ensaios e pesquisas**. Natal: EDUFRN, 2008. p.11-23.

OLIVEIRA, M. B. F. Estudos Culturais e dialogismo: contribuições ao estudo da alteridade. In: TRAVAGLIA, L. C.; MAGALHÃES, J. S. (Org.). **Múltiplas perspectivas em linguística**. Uberlândia: [s. n.], 2008. CD-ROM.

OLIVEIRA, M. B. F. Bakhtin e a cultura contemporânea: sinalizações para a pesquisa em linguística aplicada. **Revista ANPOLL**, n. 13, p. 105-121, jul./dez. 2002.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 67-84.

PETERS, F. E. **Os monoteístas**: judeus, cristãos e muçulmanos: as palavras e a vontade de Deus. Tradução Jaime A. Clasen. São Paulo: Contexto, 2008. v. 2.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PREFEITURA DE SANTA CRUZ. 2012. Disponível em: <<http://www.santacruz.rn.gov.br>>. Acesso em: 2 mar. 2012.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 149-168.

RIBEIRO, T. C. A identidade cultural são-joanense no discurso da capital brasileira da cultura. **Revista Vertentes**, São João Del-Rei, v. 19, n. 2, p. 1-13, 2011. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/v.%2019%20n.%202/Resumo-Abstract_Tatiane_Chaves.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2013.

RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos. Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte. **Perfil do seu município**: Santa Cruz. Natal, 2008. (Perfil do seu município; v. 10, p. 1-23). Disponível em: <http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/ide-ma/socio_economicos/arquivos/Perfil%202008/Santa%20Cruz.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2013.

ROSA, G. C. **Identidade cultural em comunidades de usuários e desenvolvedores de software livre: o caso Debin-RS.** 2008. 154f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ROSADO-NUNES, M. J. Dossiê Gênero e Religião. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 363-365, maio-ago., 2005.

ROSAS PARA RITA [s.l.]: **Associação do Senhor Jesus** [20--?]. 1 DVD (90 min.), NTSC, color. Produzido por Kyrios CD solution.

SANTA RITA DE CÁSSIA: **a vida da santa das causas impossíveis.** [s.l.]: Paulinas, 2004. 1 DVD (100min), NTSC, color. Produzido por Versátil Home Video.

SANTOS, E. **Santa Cruz: nossa história, nossa gente...** Santa Cruz-RN: Supercópia Gráfica Express, 2010.

SAVALLI, E. C. A. da C. **De santas e festas: Ana, Luzia e Apresentação.** 2010. 163f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: <http://bdtd.bczm.ufrn.br/tde_arquivos/7/TDE-2011-05-06T042815Z-3403/Publico/ElaineCACS_TESE.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2013.

SEALEY, A.; CARTER, B. **Applied linguistics as Social Science.** Londres: Continuum, 2004.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO NORTE. **CEMP: Cadastro Empresarial.** [2008]. Disponível em: <<http://portal.rn.sebrae.com.br/pagina.php?id=106>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 99-110.

SILVA, A. L. M. C. **Turismo religioso**: o papel do poder público no desenvolvimento sustentável da cidade de Santa Cruz-RN. 2010. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2010.

SILVA, J. B. **Santa Cruz, a gente não esquece**: a história de um povo contada por pessoas apaixonadas por sua terra. Natal: KMP, 2003.

SILVA, M. L. P. O discurso do sujeito na feira livre: uma análise dos jogos de verdade nas relações sociais contemporâneas como construções de saberes. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11, 2011, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2011. p. 1-17. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307042759_ARQUIVO_ODISCURSODOSUJEITONAFEIRALIVRE-MarciaL.PinheiroSilva.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2013.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 73-102.

VÓVIO, C. L. Construções identitárias: ser leitor e alfabetizador de jovens e adultos. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 8, n. 3, p. 439-466, set./dez. 2008.

WALACHAI. Roteiro e direção de Rejane Zilles]. Produção: Aletéia Selonk, Rejane Zilles. Fotografia: Juliano Lopes. Trilha Sonora: Felipe Radicetti. [Rio de Janeiro]: Zilles Produções; [Porto Alegre]: Okna, C 2009. 1 DVD (84 min), NTSC, color. (Documentário sobre Walachai, colônia rural alemã, localizada em Porto Alegre/RS. Baseado no manuscrito de João Benno Wendling).

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 7-72.

Anexo A

*Hino de Santa Rita*⁷⁵

1. Ah não há rosas sem espinhos, não no canteiro de Jesus, lá quem quiser ganhar a vida, tem que levar a sua cruz. Neste jardim foi semeada, Rita de Cássia, a rosa-flor, que deixou tudo nesta vida, porque entendeu o que é o amor! Nem sofrimentos e família, desiludiu sua decisão, seguir somente a Jesus Cristo, jamais trair seu coração.

Refrão: Fostes a rosa preferida! Ó Santa Rita de Jesus! Ensinas-me lição de vida! Sofrer, amar, levando a cruz.

2. Na amarga vida, ó Santa Rita, quem sabe amar, sabe sofrer, e no silêncio que tortura, aprende a arte de viver! O teu semblante refletia da tua vida o esplendor, a luz brilhante da alegria, de expressar Nosso Senhor! O teu perfume tão divino faz nosso povo, então, sonhar. Mesmo sofrendo nesta vida, só é feliz quem sabe amar.

Refrão: Fostes a rosa preferida! Ó Santa Rita de Jesus! Ensinas-me lição de vida! Sofrer, amar, levando a cruz.

3. Santa mulher dos impossíveis, abençoaí as nossas rosas, para os momentos mais difíceis, que sejam flores milagrosas! Remédio para as nossas dores, bálsamo para o coração, e quando houver desamores, entre os casais haja união! Dá-nos o teu Jesus querido, pra que possamos caminhar, e abraçando a nossa cruz, também possamos nos salvar.

Refrão: Fostes a rosa preferida! Ó Santa Rita de Jesus! Ensinas-me lição de vida! Sofrer, amar, levando a cruz.

Anexo B

Narrativa 1

Pela primeira vez, desde que eu fui me criando, meu avô contava que Santa Rita de Cássia, ela nasceu, ela não queria se casar, mas ela se casou para fazer a vontade dos pais. Então, ela se casou com [*não lembra o nome do marido de Rita*]. Aí, ela sofreu muito. Ela casou para fazer os gostos dos pais, mas ela só foi sofrimento. Ela sofreu trinta anos. Ela sofreu, sofreu, sofreu. Então, ela orou muito, orou, orou muito, orou, orou, orou até ele se converter. Se converteu e ficou um esposo maravilhoso, mas foi por pouco tempo. Um dia, quando ele vinha passando por um riacho, uma travessia, duas pessoas foram ao encontro dele e o assassinou. Então, ela ficou com os dois filhos. É Pedro Fernando e [*não lembra o nome do segundo*]. Aí, ela foi e pediu a Jesus que não queria ter os filhos dela com nome de assassinos. Sim, aí, ela escondeu isso dos filhos. Escondeu para não dizer que ele tinha sido assassinado. Escondeu, escondeu até um dia que alguém contou. Aí, uma pessoa chegou e contou para os filhos. Eles foram crescendo e foram ficando violentos, querendo vingar a morte do pai. Ia se vingar. Então, ela pediu a Jesus que levasse seus filhos, para não tê-los com nomes de assassinos. Então, deu uma epidemia muito grande lá aí eles foram e morreram todos dois. E o sonho dela era entrar no convento, então, ela saiu e foi. Chegou lá ao convento, falou com a madre. A madre falou: *Não, você não tem condição. Você é viúva, você já casou, você é mãe de família. Aqui é lugar para virgem, você não pode entrar aqui. Não pode ficar.* Ela ficou. Então, deram uma ordem a Santa Rita. Aí, ela foi e pediu que queria partilhar com as dores de Jesus. Queria partilhar. Então, antes disso, a madre deu uma ordem a ela para ela ir pegar uma rosa, lá num existia essa rosa. Todo dia ela ia aguar. Então, esse pé de rosa

era seco, ele estava seco, ele estava morto, mas todo dia ela ia aguardar. Deu essa sentença a ela assim achando que ela não ia ter vitória com aquilo que mandaram fazer. Porque não tinha vida, porque ele estava seco. Ela saía com um balde d'água e ia aguardar todo dia. Aí, em outro dia, sem a madre esperar, quando menos esperou, ela chegou com a rosa. E tem o hino dela: *A esperança se apagou, se a alma segue aflita, pede logo a proteção de Santa Rita. Se não há mais solução, nesta dor que o peito habita, pede logo a proteção de Santa Rita* (cantando). Aí, então, ela chegou com a rosa, aí ficou todo mundo assustado. No outro dia, quando ela chegou ao convento, as portas estavam todas fechadas. Lá, Santa Rita estava de joelho orando. Aí, ficou todo mundo: *Como é que pode ter acontecido uma coisa dessa? Como é que pode?* Aí, ela ficou lá. Então, Santa Rita pediu que queria partilhar das dores de Jesus. Aí, um dia, quando ela menos esperava, caiu da coroa um espinho na testa dela. Aí, o sinalzinho aqui (aponta para a testa). Ela passou muitos e muitos anos no isolamento. O lugar era mau cheiro. Ninguém suportava. Depois, em lugar de ter o mau cheiro saía cheiro, cheiro de rosas. A história de Santa Rita que eu sei é essa.

Anexo C

Narrativa 2

Quem contou, primeiramente, a história para mim foram minha mãe e meu pai. Com certeza também meus avós. Vem com o outro, de geração em geração: começa pelos avós, aí vem para os pais e até hoje isso vai passando para as pessoas, sejam filhos, netos, primos, não é? Toda a família. E assim eu fui criada, sabendo a história de Santa Rita e depois, claro, com mais tempo eu comecei a ver, a ler a história de Santa Rita, para eu conhecer melhor a história dela e também porque é a padroeira do nosso município. Eu conheço a história dela desde que ela moça foi obrigada pelos pais a se casar porque nessa época os pais escolhiam os pretendentes para a filha e ela não queria casar, até onde eu sei da história, mas ela casou para ser o quê? Obediente aos pais. Porque naquela época você tinha obediência aos pais. Então, por ela ser obediente, foi e se casou. Ela passou por um casamento, como você sabe, não foi um casamento que ela escolheu. Foram os pais dela que escolheram. Então, ninguém sabe se era o casamento que ela queria ou se era a vida religiosa que ela queria. O marido dela, o esposo, não era um bom marido, mas mesmo assim ela não desagrudou. Não desagrudou e continuou. É tanto que ele foi assassinado e os filhos dela queriam vingar a morte do pai e ela preferiu pedir, na interseção, que tirasse os filhos do que vê os filhos assassinos. Então assim a história dela é muito interessante ela por ser mulher e depois foi para um convento, onde ela foi rejeitada pela madre, mas ao mesmo tempo ela não desistiu da vida religiosa e continuou. Passou por certas coisas, até doenças. Então, para mim, desde que eu conheci a história dela, eu admiro ela como mulher, mãe e religiosa, por ser também a padroeira da nossa cidade. Então, não vejo Santa Rita só pela parte da

religião não, também conheço pela história dela, por ser uma mulher que lutou contra os preconceitos, pelos doentes e por várias coisas que aconteceram na vida dela. Eu sei que ela hoje, pelo Vaticano, foi dada como santa. Santa porque ela mereceu. É o que eu sei de Santa Rita.

Anexo D

Narrativa 3

Não conhecia nada sobre a história de Rita de Cássia antes da construção da estátua na cidade. É até um lapso da minha parte, mas eu nunca tive a curiosidade e o interesse de saber. Nunca, nunca me contaram sobre. Depois que colocaram a estátua que despertou para saber quem é Santa Rita e de onde ela veio. Assim, como eu não sou católica nem sigo nenhuma religião, eu nunca procurei saber, entendeu? Eu li alguma coisa, mas não lembro quase nada. Hoje, Rita de Cássia representa, sinceramente, nada para mim. O que eu sei da história de Rita de Cássia é que ela foi uma mulher muito sofredora, muito sofrimento que ela passou. Tudo o que ela aguentou com o marido. Não foi rebelde. E os pais eram muito humildes. A história do primeiro milagre que ela, os pais tinham ido para a roça e a levaram. Se eu tiver errada, você me diz. E parece que lá tinha uma criança, lá no meio do mato numa cestinha cheia de abelha aí parece que ela chegou. Eu sinceramente não lembro muito bem não. Que ela casou com um cara, que a maltratava muito. E ela sempre aguentou, não se separou. Parece que esse marido morreu. Após a morte do marido, ela foi para um convento. Aí, ela, parece que... Viram que ela era... Eu não lembro sinceramente. Eu não lembro. Apesar de eu não ser de religião nenhuma, minha família é muito católica.

Anexo E

Narrativa 4

Aos sessenta e dois anos e de tradição religiosa, logo pequeno, minha mãe e minhas irmãs me ensinaram e me levavam para as comemorações da festa de Santa Rita de Cássia, padroeira de Santa Cruz, certo? Mas quem me contou primeiro e sempre me contava sobre Santa Rita foi minha irmã [diz o nome da irmã]. Hoje, ela tem oitenta anos de idade. Na minha criancice, minha irmã mostrava as virtudes de Santa Rita de Cássia e as graças que os fiéis obtinham elevando-lhe súplicas para as coisas ditas impossíveis, certo? E aquilo, de certa forma, marcou e ainda hoje eu continuo devoto de Santa Rita. Embora sabendo que, num conceito mais geral, a única maneira da gente chegar a Deus é por intermédio de Jesus Cristo, numa abordagem mais teológica. Santa Rita de Cássia, antes de passar para outra vida, ela representa um espírito, um exemplo a ser seguido porque adotou as máximas no que se refere à renúncia, à abnegação das coisas materiais, certo? Foi casada, teve filho, e, mesmo contra sua vontade, lá numa cidade da Itália, que fica a oitenta quilômetros de Roma, chamada Cássia, seus pais exigiram que se casasse com essa pessoa. Então, Santa Rita representa ainda hoje e representará, para qualquer um, o protótipo que nós devemos nos espelhar no que se refere ao seguimento de Jesus, pela sua simplicidade, pela sua renúncia, pela sua abnegação e acima de tudo por carregar esse fardo pesado dessa vida sem recuo, sem volta, com paciência e tolerância. Vamos voltar o tempo... Eu não lembro bem precisamente, mas sei que foi em mil quatrocentos e pouco, existia e ainda existe uma cidade chamada Cássia que fica a oitenta quilômetros de Roma. Então, fortemente influenciada pela religião católica, até por Roma ser a sede da igreja onde existe o papado desde São Pedro, então,

Santa Rita nasceu em uma família simples, filha de camponeses e aos doze anos já despertava interesse pela castidade, em servir a Cristo, mesmo contrariando o desejo dos seus pais. Ela se casou com uma pessoa chamada Paulo, de natureza, de índole áspera, que sempre a tratava de maneira não condizente, não só como esposa, mas como semelhante, certo? Então, depois Paulo, numa de suas farras e exageros é, voltado para as coisas do mundo, por mim descrito, com mulheres alheias a seu casamento, bebidas e jogos, foi assassinado numa taberna. Santa Rita aceitou com resignação, no entanto, fruto do seu casamento, ficaram dois filhos que juraram vingança tão logo se tornassem adultos e ainda melhor, tão logo se encontrassem com o desafeto. Santa Rita como demonstrava, desde seus doze anos, vocação para servir a Cristo, pediu a Deus, através dos seus devotos, Santo Agostinho, eu não me lembro dos dois, mas Santo Agostinho é um dos santos bem difundidos na cultura religiosa da Itália, que se fosse para ver seus filhos com as mãos manchadas de sangue que Deus os levasse. Ignorados pela medicina, eles contraíram uma doença e Deus os levou. Santa Rita passou a viver seus dias longos e vazios, a viuvez era sua eterna companheira. Prosseguiu nas suas orações, nos seus recolhimentos, absorva nos seus pensamentos e rogando a Deus que se materializasse aquele desejo que até então ela não podia torná-lo realidade. Apresentou-se, espontaneamente, a um convento e não foi aceita pela madre superiora, demais noviças e freiras, devido a ter conhecido os prazeres do mundo, que não combinam com a vida casta pregada, ainda hoje, para quem se dispõe a servir a Cristo. Santa Rita voltou para casa e continuou nas suas orações, repito, na sua pobreza e na sua viuvez. E numa noite, para quem acredita, e eu acredito fielmente, firmemente, ela despertou e se viu diante dos três protetores. Santo Agostinho e mais dois disseram: *Rita, siga-nos*. O dia já vinha raiando quando ela acordou estava dentro do convento e ouviu vozes que vinham da capelinha. Era o coro matinal das freiras que iniciava mais um dia, de sua vida monástica.

Santa Rita se aproximou, se ajoelhou, não em traje de freira, mas num traje de viúva, embora oposto, diferentemente, do que é adotado hoje pelas jovens que cultuam o corpo visando despertar a sensualidade tão nociva até certo ponto e tão perversa, diria, os termos são meus, isso é uma visão minha. Então, as freiras continuaram com a madre superiora nas suas orações e antes de convidá-la para o café interrogaram como ela teria entrado no convento já que era dotado de muros altos e os portões fechados no estilo barroco, digamos assim. Ela disse que três pessoas, três santos, melhor, a conduziram e quando ela deu por conta estava dentro do convento. As freiras fizeram uma rápida reunião e resolveram acolhê-la em seu seio por vê-la como uma figura diferente. Ou melhor, trazendo para abordagem religiosa é um milagre, digamos assim. Para provar a sua honestidade e até o fato considerado impossível que era adentrar no convento sem ter ajuda e não dispunha na época de helicóptero ou de escada e uma pessoa já frágil, viúva. Então, aconselharam, aconselharam não, exigiram, pediram, no entanto, pediram, tem um som de exigência, havia uma parreira há mais de cem anos que deixou de brotar. *Rita você todo dia vai é aguar esse tronco.* Ela numa férrea obediência passou a fazê-la fielmente, religiosamente, depois de suas orações matinais. A esta altura já incorporada no meio das demais freiras mesmo sem ser, digamos assim, hierarquicamente, aceita, então algum tempo depois a parreira refloresceu, brotou e deu frutos. Aí, começou a se ver Rita de Cássia, que se pôde acrescentar “dos impossíveis”. Bem antes atrás, vale a pena registrar porque cabe aqui, já que estamos falando que é o foco tá sendo “impossíveis”. Quando ela era criancinha, seus pais a levaram para a vinha, como é chamado lá na Itália, naquelas regiões, e um trabalhador sofreu um corte com a foice e Santa Rita estava numa cestinha, criancinha, e as abelhas vinham depositar mel nos seus lábios. Então, uma daquelas abelhas pousou no fermento e sarou. Isso seria antes desses milagres do convento. E seguiram-se muitos, já na sua enfermidade houve um congresso

em Roma e ela não foi devido a seu frágil estado de saúde. A superiora lhe comunicou mais uma vez, acreditando na benevolência de Deus, via interseção de Jesus Cristo, temporariamente, aquela chaga que ele tinha no seu rosto desapareceu e ela foi a Roma e foi acolhida pelo Papa, que eu não recorro na época. Bom, isso aqui seria um resumo que justifica muito bem a Santa Rita de Cássia dos impossíveis, dita das coisas impossíveis. Eu diria só sobre o impossível, não existe nada impossível quando se tem fé, certo?, seja no plano é espiritual, seja no nosso plano individual, eu não vejo nada impossível. É possível se conviver com as divergências, é impossível e deve ser evitado o conflito, a contenda que a nada leva, os exageros da vida. Então, isso sim é que deve receber esse rótulo de impossibilidade. É o contrário do ser, da afirmação, do bem-querer. O verdadeiro amor não está no material, não é amar e ser amado. O verdadeiro amor, pode até ter saído do foco, mas esse amor existe em Santa Rita, não existiu porque ela está viva, ela está viva. A matéria apenas sim! A matéria não se decompôs até hoje. Quem teve a felicidade de ir a Roma presenciou que ela permanece intacta, não sei se foi artifício, mil quatrocentos e vinte e sete (1427) não me lembro, já existia bálsamo, mas não sei se, mas eu vejo como um milagre. Foi como uma forma de Deus perpetuar e manter aquele corpo vivo para que os pecadores de todas as épocas se espelhassem nela e visse que cada uma de nós é possível ter dentro de si ser uma Santa Rita! Homens e mulheres, é bastante que sigamos seus exemplos, é bastante que renunciemos a nós mesmos e estejamos dispostos mesmo no mundo conturbado, mas, nesse Brasil heterogêneo, esse Brasil onde a polícia mais mata no mundo, esse Brasil de desproporções é imensuráveis na distribuição de renda, que é possível se renunciar tudo isso e termos um pouco, o necessário apenas para sobrevivência e mostrarmos que Santa Rita de Cássia dos impossíveis esse impossível se aplica a qualquer um. Colocar esse impossível num pedestal e dizer: *Eu sou o impossível estou aqui com a espada e estou aqui para te ajudar*. Porque

vamos subtrair o sufixo e torná-lo tudo possível porque o possível é afirmação, o possível ele é criado, ele é perpetrado, ele é fabricado dentro de nós nos mais diversos aspectos de nossa vida seja no campo espiritual, seja na escola, seja no trabalho, seja na convivência, seja na família, seja no presídio, seja no leito dos hospitais e seja no último suspiro.

Anexo F

Narrativa 5

Quem contou primeiro foi minha mãe, dizendo assim: *Ah, Santa Rita de Cássia foi muito sofredora, era viúva, ficou viúva, sofreu, teve dois filhos.* Às vezes, o padre, o povo, né?. Minha avó e meu avô eram quem contavam também. Essas conversas que eu estou contando aqui para você, minha mãe é quem dizia, que a gente perguntava a ela, aí, ela dizia. Santa Rita de Cássia representa tudo na vida. Primeiramente Deus, depois ela. Tudo meu, tudo meu é com ela, que, às vezes, eu digo: *o povo aqui, menina, não tem fé nos outros santos.* Aí, eu peço: *minha Santa Rita, pelo poder de Deus, faça que aquela pessoa deixe de beber, proteja ele, a mãe, principalmente.* As mães são as quem mais sofrem no mundo, né?. Imagine: você ter um filho, saber que ele bebe, ele é drogado, ele rouba, ele é tudo de ruim. Aí, a mãe pede a Deus e alcança uma graça. É uma coisa muito grande na vida, né? Eu sei assim que o povo contava que ela era santa desde pequenininha. Aí, o pai dela ia lá para a roça. Botou ela numa cestinha. Quando deu fé, apareceram muitas abelhas. Isso é coisa que eu ouvia contar, não sou eu que estou dizendo. Aí, o homem quando viu as abelhas tirou tudinho, e não foi picado. Aí, ela, desde pequena, já começou fazer milagres, né?. Aí, foi isso. Ela foi crescendo, foi crescendo. Aí, os pais queriam que ela casasse, mas ela não queria casar, mas ela casou para fazer o pedido do pai e da mãe, né? O pai, principalmente, o pai. Ela casou e teve dois filhos. Um era Joaquim, isso mãe dizia, mas aí é coisa que mãe dizia. O nome do outro, eu não sei não. Não vou dizer a você que sei... Aí, pronto. Mataram o marido de Santa Rita. Até hoje em dia se matam uma coisa ruim – coisa ruim é o que o povo diz, mas aquilo era tão ruim que morreu –, a gente sente porque é humano, né? Ninguém

quer que mate ninguém, né?. Mas, aí, a vida é assim mesmo, continua. Os filhos dela queriam vingança, queriam vingar a morte do pai. Aí, ela pediu a Deus que protegesse, que os dois filhos dela não fizessem tal coisa. Queria que os filhos continuassem. Como o poder de Deus é grande. Mas, sabe quem é que conta essa história todinha bem melhor que eu? É na igreja, as meninas lá sabem. Porque eu estou contando o que minha mãe contava, minha avó e meu avô. Depois, que os filhos dela morreram, ela foi para convento. Aí, ela ficou lá fazendo milagres e morreu. Acho que ela queria ser freira, né? Isso são os mais velhos é quem contavam essas conversas. Não sei.

Anexo G

Narrativa 6

Eu sei que ela sofreu muito. Ela sofreu muito, mas sofria com paciência, nunca ela se zangou porque ela era muito católica. Eu tenho que acreditar que ela é poderosa, que ela tem poder, que ela é santa porque ela sofreu muito na vida dela, ela sofreu muito. Ela foi casada, mas ela não queria nem casar. Santa Rita representa amor, amor e paciência e fé. Porque ela só se salvou porque tinha fé e tinha paciência. Mas o mais importante é que ela sofreu com paciência. Aí o marido dela se converteu porque ela rezou muito, orou muito por ele e ele se converteu, né? Era casada e o marido era muito ruim para ela, né? Ele era grosso para ela, muito ruim pra ela. Acho que batia, batia. Ele maltratava muito ela e ela sofria tudo com paciência. É tanto que o mataram. Os bandidos, os bandidos tinham raiva dele e mataram. Aí os filhos eram pequenos e juraram vingança, num sabe? Ela não queria que os filhos se vingassem. Aí, ela pediu que queria mais antes que Jesus levasse os filhos que ver os filhos com as mãos ensanguentadas. Morreram e ela ficou sozinha. Foi para o convento, mas as freiras não quiseram aceitar. Porque ela era viúva, né? Aí, um dia ela amanheceu, ela amanheceu dentro do convento. Sem entrar pelas portas. As portas fechadas, e ela amanheceu no convento. Aí, elas [*as freiras do convento*] acreditaram que ela tinha poder, né? Havia um pé de pau, eu sei que tinha um pé de pau que era seco, né? Uma planta, esqueci o nome agora, já tinha morrido há muito tempo. Aí quando ela começou a aguardar, conversou com esta planta quando foi um dia amanheceu cheia de frutos e flores. Ela tinha poder, né?. O que eu sei é isso.

Anexo H

Narrativa 7

Eu admiro também a vida dela. Você que conhece a vida dela, vê como foi muito sofrida. Sofrimento com os dois filhos, o marido. Depois morreram o marido e os filhos. A vida dela é muito sofrimento, muito sofrimento. A vida dela foi muito sofrida. Ela sofreu muito no casamento, com os filhos, pois mataram seu marido. Ele era alcoólatra. Quando mataram o marido dela, aí, ficou viúva, com os dois filhos e depois mataram os dois filhos dela. Sofreu muito. Aí, entrou para o convento. Muito sofrimento. O milagre que aconteceu foi que ela amanheceu dentro do convento. Aí, depois não conheço mais não. Essa mãe não aceitou porque ela foi casada e era viúva. Não pode. Aí, depois a freira resolveu aceitá-la porque ela amanheceu no convento. Depois disso, ela adoeceu. Para mim, ela morreu com sessenta ou foi sessenta e dois anos. Foi uma coisa assim. Ela fez muito milagre. Um que eu lembro foi um do jardim, que começou com abelhas picando ela e fez aquela ferida e um espinho na testa dela.

Anexo I

Narrativa 8

É muito linda a história dela. Tem uma espiritualidade. Foi uma Santa que teve e mereceu ser santa. Santa Rita foi uma santa porque ela sofreu muito naquelas épocas. E, você sabe, como era a história de casamento. Ela não tinha muita tendência para o casamento, mas, por imposição dos pais, ela casou. Casou com um homem que não era muito bom. Ela sofreu muito. Ele era péssimo para as épocas. Ele era beberrão, mulherengo. Tudo de ruim para ela. Não era um bom esposo, mas ela sofreu com muita paciência. Ela foi uma pessoa muito, muito prudente com o sofrimento, pela fé que tinha em Deus e ela era uma pessoa que tinha muita espiritualidade, humildade e santidade. Tinha dois filhos, que eu não me recordo dos nomes. Eu sei que mataram o marido dela. Quando ele ia na parceria das brigas. É como as coisas de hoje que acontece com os traficantes, aqueles inimigos. Os amigos passaram a ser inimigos dele. Como a máfia. Armaram uma emboscada e mataram-no. O que eu achei interessante na história é que os filhos dele queriam punir a morte do pai, entendeu? Incentivaram os filhos. Mas ela, com muita oração, pediu a Jesus que se era de vê-los manchados pelo pecado de matar os inimigos do pai, queria antes vê-los mortos. E eles morreram antes, eles não chegaram a se vingar, morreram logo. Depois que o marido morreu, que os filhos morreram, então, o desejo veio de novo, de ser religiosa. Mas as freiras lá da congregação não aceitavam por ela ser viúva. Mas foi assim determinado por Deus mesmo, ela amanheceu o dia no convento sem abrir porta, sem nada. Foi um milagre de Deus, né? Quando as freiras viram, ela já estava dentro do convento. Estava lá e tiveram que aceitar, né, com certeza. Era um muro muito alto. Com certeza, foi um milagre. Foi Deus

que colocou ela lá, né?. E eu sei que foi assim que ela ingressou lá no convento, foi dessa forma. Deus foi quem colocou. Teve uma viagem dela, muita coisa, as abelhas, as flores também têm na história dela. Porque eu não sei bem. Eu sei que ela tem operado muitos milagres ultimamente, depois do Santuário.

Anexo J

Narrativa 9

Santa Rita de Cássia representa tudo! Ela é minha padroeira, ela é minha intercessora junto ao divino, junto ao Cristo Jesus. Minha querida Santa Rita. Para falar, eu tenho uma prova aqui. Um dia, eu estava ali, na porta da garagem, de manhãzinha, aí, veio um enxame tão grande que voou para cima de mim, mas eu não me incomodei. Eu disse: *Pronto! Agora eu achei um serviço bom. Eu num quero matar nenhuma de vocês. Santa Rita tome conta de vocês.* Eu vim para dentro de casa. Quando eu voltei, não tinha mais nenhuma abelha lá. Tinham ido embora. Era um monte. E elas não vão embora logo quando são muitas assim. Elas demoram muito tempo. Às vezes, precisa até botar fumaça, botar fogo. Mas, sobre a vida de Santa Rita de Cássia que eu sei realmente é que era filha de um agricultor pobre. De filhos, o casal só tinha Rita. Já eram muito idosos. Muito idosos! Aí, quando foram trabalhar, puseram Rita em um cestinho. Aí, estavam trabalhando, quando vieram um monte de abelhas brancas para junto dela. Um trabalhador levou um golpe na mão e ia à busca de um tratamento, mas quando viu aquelas abelhas em cima da menina – sabia que estaria morta, né?, pois, quando abelha dá em cima, mata mesmo –, ele atirou o braço para poder protegê-la. Nesse instante, ele foi curado na mão. Aí, foi o primeiro milagre: a história de Santa Rita das abelhas, quando ela ainda era uma criança. Não sabia de nada, mas o poder divino já estava trabalhando sobre ela. Quem não acredita em Santa Rita, aí, é problema dele; mas eu acredito fielmente. Depois, vem o problema do casamento, a história do casamento. Ela não queria casar de jeito nenhum. A felicidade era de ser religiosa, mas os pais eram muito idosos e queriam deixá-la amparada. Outra coisa: rejeitar um casamento

com um camarada daquele, era morte na certa, como aconteceu com muitas outras. Muitas outras na história têm. Era morte certa. Ele era uma pessoa impiedosa, tenebrosa. Então, depois do casamento foi que começou o sofrimento dela. Ela casada com um bruto daqueles, daquela qualidade. Ela com todo amor, com toda amizade, com todo carinho, com toda coisa. Os pais dela morreram. Ela ficou só, né?, casada com ele. Ela viveu dezoito anos com ele. Para o fim, ele mudou, pelo gesto amoroso dela, ele se converteu e não quis mais agredi-la. Teve um dia que ele quis até matá-la. Ele só não matou porque o pai dela e o pai dele chegaram. Aí, mais pela graça, pela adoração e pedido dela a Deus, ela conseguiu convertê-lo. Justamente por isso, chegaram os amigos e passaram a ser inimigos dele. Foi o que aconteceu. Mataram por isso. Não era mais do grupo deles. Era uma pessoa diferente, queria viver diferente, dentro da graça, sem briga, sem coisa nenhuma de mal. Mas tinham dois filhos. Um filho já grande, já chegando à adolescência. Um tio deles, dos meninos, irmão do que morreu sempre ficava orientando para os filhos se vingarem. Ele, o tio, sabia quem era os camaradas, mas ela orando a Deus, pedindo ao Cristo que não queria ver os filhos com as mãos manchadas de sangue. Aí, os meninos faleceram, um após o outro. Justamente, depois disso, ela foi lutar para ir para o convento. De primeira, não conseguiu, porque era viúva. Na história dela, diz que três santos – Santo Agostinho, São Nicolau e o outro –, certo dia, já depois de toda luta, foram lá e ajudaram. Ela trabalhava muito para ajudar aos pobres. O convento era trancado com chave. Não tinha quem abrisse de jeito nenhum. Era segurança enorme, mas ela amanheceu lá dentro do convento. Aí, as freiras não tiveram o que fazer. Dentro do convento, ela foi trabalhar, fazer penitência, fazer trabalho de jardinagem e atendia os mais humildes. Com sessenta anos, numa sexta-feira da Paixão, ela fez um pedido a Cristo, para compartilhar de parte de seu sofrimento. Aí, surgiu um espinho na testa. Mas ela tinha vontade de ir a Roma. Na viagem com outras irmãs, ela se propôs a ir, mas as outras

irmãs disseram: *Você não pode ir com essa enfermidade*. Produzia até mau-cheiro, pois era uma ferida permanente. Daí ela fez um pedido a Cristo, que queria ir a Roma ver o Papa. Aquele espinho desapareceu. Mesmo que a dor continuasse, ela não pediu que a dor passasse. Ela foi atendida. Aí, foi com as irmãs para a viagem. Quando voltou, ela voltou a sentir as mesmas dores. A história dela é muito verídica.

Anexo K

Narrativa 10

Por ter vindo morar em Santa Cruz, comecei a ter contato com pessoas católicas, e essas pessoas foram relatando sobre Santa Rita de Cássia. Aquela fé e, assim, muitos milagres, porque é uma santa muito poderosa, as pessoas de Santa Cruz dedicavam muita confiança. Fui escutando nas novenas quando o padre relatava e me identificando. Eu comecei a ter aquela fé muito grande, a participar mesmo das atividades da igreja e levar meus filhos para lá. Eles foram crescendo aqui e minha mãe também é muito devota e, assim, a gente foi se inteirando da vida dela, da história de Rita de Cássia. Conta a história dela que foi uma mulher muito sofredora e que não desanimava diante das dificuldades com o marido, com os filhos. Ela sempre ali persistente e alcançou muitas graças, muitas bênçãos pela fé que ela tinha. Não desistia, apesar do sofrimento. E aquilo a gente vai vendo, vai se identificando e sou muito feliz de ter vindo morar aqui em Santa Cruz e poder acompanhar a Coroa de Santa Rita durante todos esses anos. Já alcancei muitas bênçãos e muitas graças pedindo intercessão de Santa Rita.

Anexo L

Música *Santa Rita*⁷⁶

Se a esperança se apagou
Se a alma segue aflita
Pede logo a proteção de Santa Rita
Se não há mais solução
Pra essa dor que o peito habita
Pede logo a proteção de Santa Rita

Esposa e mãe tão sofredora
Nessa hora de aflição
Encaminha a Deus a minha oração
Meu refúgio mais seguro
Trago a alma tão ferida
Santa Rita, iluminai a nossa vida

Se a esperança se apagou
Se a alma segue aflita
Pede logo a proteção de Santa Rita
Se não há mais solução
Pra essa dor que o peito habita
Pede logo a proteção de Santa Rita

Oh Santa dos impossíveis
Exemplo de devoção

76 BATALHA, K. (Paulinas-COMEP). Santa Rita. Intérprete: Maria José Nóbrega. **Padre Neto**: uma coroa de milagres. Santa Cruz: MegaStudio, Kellysson Gravações e Paróquia Santa Rita de Cássia, s/d. CD. Faixa 3 (4min56s.).

Tira a angústia do meu pobre coração
Vossa frente leva o espinho da Coroa de Jesus
Santa Rita, aliviai a nossa cruz!

Apêndice A

Hagiografia de Rita de Cássia (1381-1457)⁷⁷

Rita de Cássia viveu, provavelmente, na segunda metade do século XIV e na primeira metade do século XV, em Roccaporena e em Cássia – cidades da Itália. Foi batizada como *Margherita Lotti*, nome que originou Rita de Cássia, como é popularmente conhecida.

Desde cedo, desejava seguir carreira religiosa, mas é narrado, com unanimidade, que Rita de Cássia casou, a seu contragosto, por volta dos catorze anos e teve dois filhos com Paulo Fernando. Cogita-se que os filhos cuja tradição aponta-os como gêmeos foram nomeados de João Tiago e Paulo Maria (COUMO, 2009).

Sobre Paulo Fernando, têm-se relatos de que “era um homem com quem não se podia discutir nem do qual se pudesse esperar dispensa de compromisso”, de acordo com Marchi (2009, p. 25); pois seria capaz de ser violento com quem estivesse de encontro a suas opiniões. Há descrições de que tinha muitos inimigos por causa de seu caráter violento, além de procurar se vingar, caso fosse ofendido.

Em um intervalo de tempo curto, Rita de Cássia perdeu o marido, por assassinato, os pais, pois já eram muito idosos, e os dois filhos, um após o outro, por doença. Após esse fado, entrou para o convento das agostinianas de Santa Maria Madalena quando tinha aproximadamente 35 anos. Antes de entrar para essa congregação, fazia visitas regulares aos pobres e enfermos de sua cidade e redondezas (ALVES, 2010; MARCHI, 2009).

77 Sabemos que há muitos dissensos sobre a história de Rita de Cássia como também muitos fatos sobre sua vida que poderiam ser descritos, mas, de forma a elucidar o que é mais salientado nos materiais consultados, discorremos esta breve hagiografia.

Para Alves (2010), os problemas enfrentados e superados por Rita de Cássia podem ser resumidos em uma palavra: violência, velada ou explícita. Enfim, pelas várias expressões nominais definidas, socialmente, quando intitulada Santa – *Santa das causas impossíveis; Santa dos casos perdidos; Advogada nos casos graves e desesperadores; Advogada das horas incertas; Refúgio na última hora; Consoladora dos aflitos* –, podemos resumir como ela é compreendida quanto à resistência e à tentativa de mudança a vários aspectos da vida.

Data-se que Rita de Cássia morreu no dia 22 de maio de 1457, em Cássia. Foi beatificada pelo Papa Urbano VIII em 1627 e canonizada pelo Papa Leão XIII em 1900.

Atualmente, as cidades italianas, as quais foram o itinerário de Rita de Cássia – Roccaporena e Cássia – são visitadas por inúmeras pessoas durante todo o ano. O convento das agostinianas, chamado de Santa Maria Madalena, tornou-se Mosteiro Santa Rita de Cássia.



MAGDA RENATA MARQUES DINIZ

Possui graduação em Letras/Língua Portuguesa e Literaturas, especialização em Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa, mestrado em Estudos da Linguagem e doutorado, em andamento, também na mesma área de concentração, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sua experiência profissional é na área de Ensino de Língua Portuguesa, Formação de Professores e Identidade Cultural, atuando no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. É integrante destes grupos de pesquisa registrados no CNPq: Grupo de Estudos da Linguagem, Memória, Identidade e Território (GELMIT) e Práticas Discursivas na Contemporaneidade.

As atividades editoriais do que hoje denominamos Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN iniciaram em 1985, no contexto de funcionamento da ETRN. Nesse período, essas atividades limitavam-se a publicações de revistas científicas, como a revista ETRN, que em 1999 tornou-se a revista Holos.

Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa, atual Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação, que fundou, em 2005, a Editora do IFRN. A Editora nasceu do anseio dos pesquisadores da Instituição que necessitavam de um espaço mais amplo para divulgar suas pesquisas à comunidade em geral.

Com financiamento próprio ou captado junto a projetos apresentados pelos núcleos de pesquisa, seu objetivo é publicar livros das mais diversas áreas de atuação institucional bem como títulos de outras instituições de comprovada relevância para o desenvolvimento da ciência e da cultura universal, buscando, sempre, consolidar uma política editorial cuja prioridade é a qualidade.



**INSTITUTO
FEDERAL**

Rio Grande
do Norte

Com a ação de escuta e de tessitura de uma cidade, de seus valores, de sua história, de sua gente, Magda Diniz tece também outros significados e conduz seu estudo como quem produz uma rede, uma bela rede nordestina!

Além de podermos acompanhar ao longo desta escrita e através dos relatos de moradores/as da cidade de Santa Cruz mais do que a reconstrução de sentidos em relação às constituições identitárias culturais da mulher Rita de Cássia e da Santa Rita de Cássia, mesmo sendo esse um grande objetivo, a autora nos revela em prosa um estado de poesia, estabelecido nas entrelinhas das concepções de mundo.

Embasada no conceito de identidade cultural, nas categorias teóricas de sujeito propostas por Hall, linguagem e interação bakhtinianas, este estudo dialoga com diversos objetivos de leitura e pode responder a diferentes interesses.

Essa viagem leitora pode se dar desde com o propósito de aprofundamento sobre um saber acadêmico até com o de busca do entendimento ético-prático sobre nossa sociedade, nossa gente brasileira, enfim, sobre nós mesmos/as.

Desse modo, e ao mesmo tempo, a autora nos impulsiona a adentrarmos no estudo atento e cuidadoso que tem como pressuposto básico o entendimento de que o discurso constitui e é constituído nas interações dialógicas, no mundo vivenciado pelos sujeitos não objetificados. O mundo empreendido pela obra nos aguça, assim, importantes sentidos durante sua leitura: “Escutamos” a cidade e o que ela nos relata de sua vida cotidiana, de suas tradições, de seus causos e, por vezes, de sua devoção. “Visualizamos” a cidade através de amostras fotográficas que vão delineando seu corpo cidadão. “Sentimos” a força da cidade e de seus habitantes na produção exotópica dos acontecimentos relatados.

Rita de Cássia Souto Maior

